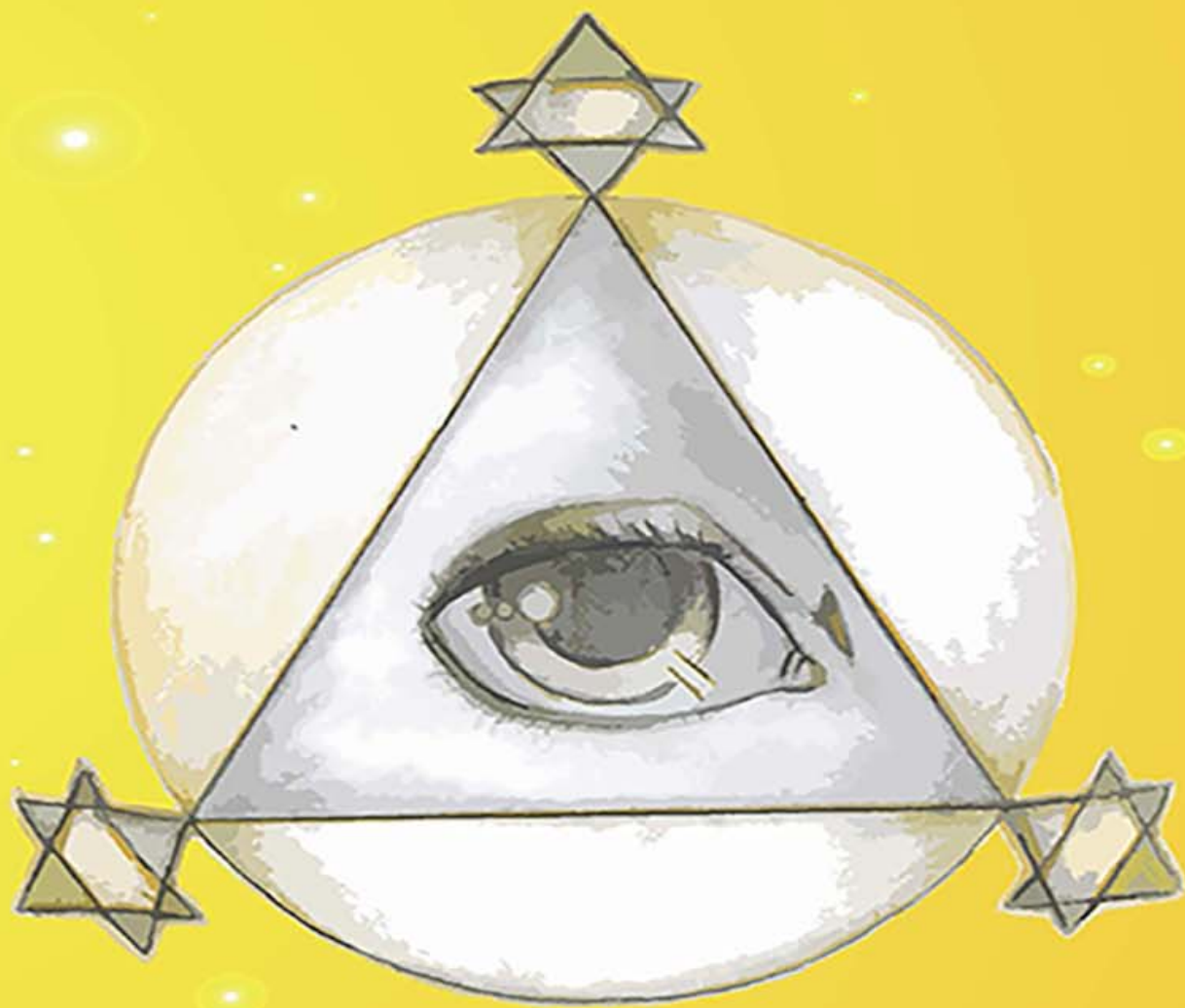


PAULO CÉSAR BARDELLA

# TURMA DE ARUANDA

UM CABOCLO CHAMADO TUPINAMBÁ  
PARTE I



Copyright © Paulo César Bardella, 2017

*Capa e diagramação*

Atarukas Studio

*Preparação e revisão*

Carla Camargo Martins

---

Bardella, Paulo César

B245 Turma de Aruanda – Parte I: Um caboclo chamado Tupinambá – Paulo César Bardella –  
São Paulo: Atarukas Editora Ltda, 2017.

ISBN: 978-85-94133-16-8

1. Umbanda – Ensinaamentos, 2. Caboclo Tupinambá (Espírito), I. Título.

CDD-299.67

---

HAIKAI É UM SELO DA ATARUKAS EDITORA LTDA.

Rua Huet Bacelar, 502

04275-000 – São Paulo – SP

[haikaieditora.com.br](http://haikaieditora.com.br)

[facebook.com/haikaieditora](https://facebook.com/haikaieditora)

*Dos mais evoluídos aprenderemos, aos menos evoluídos ensinaremos e a ninguém  
renegaremos.*

Caboclo das Sete Encruzilhadas

*Meu irmão, se tu já sabes  
Que a vida nunca termina,  
Renova-te, enquanto é tempo,  
À bênção da Luz Divina.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha

## AGRADECIMENTOS

Sejam bem-vindos! Primeiramente, tenho a obrigação e a necessidade de agradecer ao nosso criador de todo o meu coração, de toda a minha alma e todo o meu espírito, por conceder-me essa gratificante oportunidade de estar aqui, neste planeta maravilhoso, cumprindo essa afável missão espiritual e social junto de queridíssimos amigos que me guiam e auxiliam nessa longa e cansativa caminhada. Portanto, eis aqui o meu coração e o meu agradecimento, Pai!

Pois bem, ler, escrever e falar sobre a Umbanda sempre foi para mim algo extremamente realizador. No entanto, não tenho a mínima pretensão de trazer verdades ou dogmas, mas tão somente a de compartilhar os inúmeros aprendizados arduamente adquiridos ao longo de uma extasiante jornada espiritual, utilizando, para tanto, a maquiagem do humilde personagem Myriel Parvulus. Além disso, sou muito, mas muito grato de poder lhes escrever esta obra, pois foram tantas as dificuldades com a língua portuguesa, que, em certos momentos, até deixei de acreditar neste feliz sonho.

A corrente crônica foi solicitada, narrada e acompanhada por afetuosos guias, aplicados professores e zelosos mentores espirituais. Logo, um muito obrigado a todos eles! Um obrigado ainda maior para o Professor Madeleine (nome figurativo de Pai Thomé, reportando a obra *Os Miseráveis*), por essa ajuda de fé no tocante ao meu crescimento redacional, que foi, e ainda é, a maior barreira limítrofe da realização deste sonho. Quando todos riram, você segurou a minha mão e me guiou! Por isso, nunca o esquecerei!

E depois, cordiais irmãos, essas histórias foram fornecidas e vividas espiritualmente por meio de tantas provas, surras, dor e suor, portanto, seria uma lástima se não fossem repartidas com a humanidade. No entanto, em que pese os exaustivos ensinamentos dos professores espirituais, ainda existem muitas falhas redacionais e gramaticais, assim assumo plena responsabilidade. A deficiência é do aluno e não do instrutor.

Agora, no tocante ao conteúdo, serei sempre plenamente transparente. Assim, após experimentarem os frutos desta obra poderão dizer, por vocês mesmos, se a árvore é boa ou não. Logo que pelos frutos se reconhece a árvore.

Certo dia, eu tive o prazer de manusear um belo texto de Paulo Coelho, do

livro *Maktub*, que reflete análoga, e, em termos, a essência da produção desta obra e da caminhada de um jovem médium.

Irei reproduzi-lo com minhas próprias palavras:

“Um viajante está sentado no meio do mato, olhando uma casa humilde à sua frente. Já esteve ali antes, com alguns amigos, e na época tudo que conseguira notar foi a semelhança entre o estilo da casa e o de um arquiteto estrangeiro, que viveu há muitos anos.

A casa fica perto de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, e é toda construída com cacos de vidro. Seu dono, Gabriel, sonhou, em 1899, com um espírito que lhe dizia ‘Constrói uma casa de cacos’. Gabriel, posteriormente, começou a colecionar ladrilhos quebrados, pratos, bibelôs e jarras partidas. “Todo caquinho pode ser transformado em beleza”, dizia Gabriel de seu trabalho. Durante os primeiros quarenta anos, os moradores locais afirmavam que ele era louco. Depois, alguns turistas descobriram a casa, e começaram a trazer amigos. Gabriel virou um gênio. Mas a novidade passou, e Gabriel voltou ao anonimato. Mesmo assim, continuou construindo e aos 93 anos de idade, colocou o último caco de vidro que pode. E morreu.

O viajante acende um cigarro; fuma em silêncio. Hoje não está pensando na semelhança entre a casa de Gabriel e a Arquitetura estrangeira. Olha os cacos, reflete sobre sua própria existência. Também ela é como a de qualquer pessoa. É feita de pedaços de tudo que se passou. Mas, em determinado momento, esses fragmentos começam a tomar forma.

E o viajante relembra um pouco de seu passado, vendo os papéis em seu colo. Ali estão pedaços de sua vida; situações que viveu; trechos de livros que sempre recorda; ensinamentos de seu mestre; histórias dos amigos; fábulas que algum dia lhe contaram. Ali estão reflexões sobre o seu tempo e sobre os sonhos de sua geração.

Da mesma maneira que um homem sonhou com um espírito e construiu a casa que está diante de seus olhos, ele tenta ordenar os papéis, para compreender sua própria construção espiritual. Lembra-se de que, quando criança, leu um livro chamado *Maktub*! E pensa:

— Será que eu devia fazer o mesmo?

— Um dia todo homem terá que seguir seu destino. *Maktub!*”.

Essa parábola representa fidedignamente o caminho percorrido por este autor para conseguir escrever esta fragmentada obra, juntando os cacos, as pequenas histórias, coletando textos dispersos, aprendendo a passar para o papel aquilo

que via com os próprios olhos e que sentia com a sua alma. Pequenos cacos que foram, com o passar do tempo, transformados em beleza divina.

Aliás, também foram necessárias outras tantas leituras, como a do *Evangelho Segundo Espiritismo* de Allan Kardec, e do livro *Gotas de Luz* de Chico Xavier, pelo Espírito de Casimiro Cunha, com o objetivo de enriquecer ainda mais a narrativa. Assim, no fim de cada capítulo foi inserida uma estrofe da poesia desse penetrante espírito, nos trazendo, com enorme sabedoria em seus versos, o evangelho de Jesus, confirmando a completa absorção da moral que desejamos transmitir.

Então, sem mais delongas, vamos iniciar os simples agradecimentos, começando aos irmãos de fé, que lutam para que a Umbanda seja respeitada pelo que ela é, ou seja, uma religião brasileira, gratificante, cheia de diversidades, onde somente o *bem* é encontrado e praticado. Portanto, com imenso carinho, um abraço a todos os amigos que compartilharam comigo, durante anos, essas infinitas horas de dedicação. Tê-los-ei sempre em alta estima. Igualmente, não posso esquecer que foi, com imenso carinho da benevolente mãe carnal e espiritual, professora e artista, a caridade de doar os desenhos ilustrativos a fim de acompanhar a poesia e a animação do livro.

Quanto a nomes, o não farei, pois não desejo destruir aquilo que é humilde, puro e belo. Por essa razão, deixarei no colo do nosso Senhor, que é verdadeiramente sábio, e sabe reconhecer e recompensar os esforços e a doação que cada um de nós realiza em prol de nossos nobres irmãos.

Utilizar nomes seria o mesmo que retirar de vocês o tesouro dos céus, o qual vocês todos estão destinados a receber por ajudar um irmão tão impolido, como eu.

Um abraço especial à fraterna família do Templo da Vovó e do Templo do Paizinho, pela razão de grande admiração.

Enfim, termino transmitindo afamada frase utilizada usualmente por encantadora amiga, que inspira amizade em todos os sentidos, e sinto imensas saudades, sendo:

“Amigo é o maior tesouro que você pode encontrar, por isso, se você o encontrou, guarde-o como se assim fosse.”. Rei Salomão

*Entre as Maldades da Terra,  
Não te percas, meu amigo;  
Se fores ver algum lobo,*

*Conduze algum cão contigo.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha

## INTRODUÇÃO

Caríssimos irmãos, a principal intenção deste livro espírita é a de trazer a vocês variados aspectos e vertentes dessa gratificante ramificação batizada de Umbanda. Todavia, não nego que tenho pessoal interesse em conduzi-los por meio das veredas do conhecimento e do discernimento, para que, assim como eu, possam carregar dentro dos vossos corações a certeza de que tudo se origina de algum lugar. Ou seja, nada brota ou despenca no nada, e o nada, simplesmente, não existe. Aliás, creio ainda não existir meras coincidências. Os mensageiros de luz trazem consigo objetivos, missões e destinos a traçar. E não crer é, sem dúvida, não aceitar a supremacia do Senhor.

Para tanto, compartilharemos numerosos ensinamentos de luz, adquiridos durante o primeiro ano de desenvolvimento medianímico do jovem Myriel Parvulus. Asseguro-lhes que não faltarão detalhes, nem daquilo que foi alcançado ou sentido, nas histórias, e nem tampouco das filosofias espirituais.

Essa narrativa foi puramente vivenciada durante transportes involuntários do médium Myriel Parvulus, que são correntemente consagrados como desdobramentos do espírito durante o sono, em que o espírito se desliga do corpo material e caminha livremente nos planos anímicos.

Por consequência, conduziremos os leitores em agradáveis histórias com fito nas inúmeras lições morais, a fim de que todos nós possamos nos instruir por meio dos seus erros e acertos, os quais têm por base os ensinamentos morais de Jesus Cristo.

Além disso, neste primeiro volume, teremos diversos ensinamentos morais, espirituais e específicos sobre alguns dos afamados guias de Umbanda, por exemplo, o Caboclo Tupinambá e o Caboclo Rei Chefe da Umbanda, realçando a influência exercida da doutrina espírita em nossa existência.

A mediunidade que Myriel traz é apenas um dos muitos braços desse infinito e desconhecido universo. Porém, muitos irmãos ainda irão se questionar como são possíveis tais desdobramentos espirituais ou transportes involuntários que ele vivencia, mas a mediunidade oferece, em toda sua extensão, distintos e diversos talentos, habilidades e aptidões, ainda distantes do pleno gozo do conhecimento e do entendimento humano.

Agora, para aqueles que têm uma visão mais ampla sobre o mundo espiritual,

conscientes de que tudo se resume às mais diversas manifestações de amor e trabalho, não terão problemas em aceitar os transportes como algo plausível, e conseguirão, dessa forma, aproveitar ao máximo esta obra. Mas, para os nossos irmãos ainda muito apegados aos dogmas terrenos, e que possuem intensas dificuldades de aceitar as possibilidades múltiplas da consciência, e as heterogêneas capacidades psíquicas e espirituais, leiam esta obra de coração aberto e tirem apenas as serenas lições morais. E, por menos que aproveitem a leitura, terão algo de bom para dizer.

Lembro a vocês que, em todas as épocas, tentaram calar os sonhadores, entretanto, a história nos presenteia com exemplos vivos que os sonhos de ontem são a realidade de hoje, e os sonhos de hoje serão, com toda certeza, a realidade do amanhã. O mentor espiritual de Myriel Parvulus, o Caboclo Tupinambá, lhe ensina diariamente que a lição mais importante a qual se deve aprender ocorre no dia a dia, na maneira em que tratamos nossos semelhantes, nos pequenos gestos e nas pequenas atitudes.

Dessa maneira, o primeiro preceito de benevolência recebido por Myriel do Caboclo Tupinambá foi:

— Myriel, muitos dos nossos irmãos, em suas orações, explicam a Deus que somente quando estiverem nos céus se tornarão pessoas melhores, assim fazendo o bem, diferentemente do que na Terra, pois não terão a luta contra as forças dominantes da gravidade, do tempo, da matéria e da sociedade. No entanto, esses irmãos esquecem-se de que somente irão colher no futuro aquilo que é plantado hoje, pois, sem semear, não há colheita.

— Recorde-se, a semente de hoje será a árvore do amanhã, portanto, faça na Terra aquilo que desejais fazer nos Céus. O sol nasce todos os dias, para que assim possamos ter sempre mais uma chance de fazer o bem e de nos tornarmos pessoas melhores, ou ainda, caso já alcançastes a plena bondade do coração, de reiterá-la diversas vezes, assim como nosso Mestre e Senhor Jesus Cristo, nascido na Terra unicamente no intuito de perdurar no seu testemunho da verdade.

— Por outro lado, as religiões, por mais belas que sejam, são meras escadas na direção do Reino do Senhor, e mesmo antes, duas essências já estavam impregnadas no Universo, o amor e a bondade. Que pratique o bem e não façam o mal, é o essencial; para isso não há duas ou mais doutrinas. O bem é sempre o bem, que vós façais em nome de Allah ou de Jeová, porque não há senão um Deus para todo o Universo.

— Paz em Cristo, Myriel!

Uma boa leitura a todos e que estas histórias lhes tragam a mesma paz que trouxeram a este escritor!

*Se cultivas por princípio  
Caridade e retidão,  
És devoto afortunado  
Na igreja da Salvação.*

Ditados pelo Espírito  
Casimiro Cunha



# 1º CAPÍTULO

## O TRANSPORTE INVOLUNTÁRIO

Há aproximadamente 10 anos, no início do desenvolvimento mediúnico do jovem Myriel Parvulus no Templo de Umbanda da Vovó Maria Conga e Cabocla Jurema, por coincidência ou não, na mesma noite do dia em que foi abençoado, pela primeira vez, com a incorporação física de um Caboclo, mesmo não sendo plena e integral, recebeu uma assustadora experiência incorpórea, conhecida como desdobramento espiritual ou transporte involuntário.

Na verdade, o termo assustador é um tanto equivocado, pois nem tudo que é novo e inimaginável deve ser declarado assim. Muitas das vezes, o receio deve-se somente à falta de experiência. No caso de Myriel, no entanto, foi uma mágica surpresa, bem como a confirmação de sua nova fé. Aliás, o vínculo criado nessa incorporação foi suficientemente forte para também ligar o jovem Myriel espiritualmente. Enquanto o médium sentia-o, o Caboclo o notava. Simples assim.

Essa nova experiência aconteceu de um jeito ainda pouco inexplorado por ele à época. Efetivamente, não conhecia quase nada, e o mínimo que sabia vinha exclusivamente da teoria dos livros espíritas de Allan Kardec, doutrina utilizada para estudos sobre o espiritismo. Sim, Myriel era leigo, mas quem disse que tal adversidade isenta alguém das provações de Deus. Semelhante à parábola do Mestre Jesus, sobre as 10 virgens, na qual somente metade se prepara para as provações, mas todas são chamadas à prestação de contas.

Além disso, por mais ignorante que fosse, ele não deixou de notar na involuntariedade do ato, ou seja, sem a sua intenção ou vontade.

Ao adormecer, foi retirado do seu conforto noturno, sem autonomia ou escolha, e lançado em um plano totalmente diverso e novo. Quer dizer, nessa noite, Myriel Parvulus, 19 anos, branco, calvo, estatura mediana, 179 centímetros de altura, deitou-se para dormir, e foi espontaneamente transportado em direção a um plano espiritual, seja ele qual fosse. Não houve orações, pedidos ou requerimentos. Ele simplesmente fechou os olhos para dormir e minutos depois, ao abri-los, ele já estava em condições e espaços inteiramente diferentes de seu leito.

Por ser extremamente novo, com menos de duas décadas de vida, Myriel Parvulus carregava imensa ingenuidade dentro de seu coração. Não conhecia o amor, não entendia sobre o mundo, não era sábio, não expressava religiosidade e não tinha conhecimentos avantajados. Cresceu em um lar de extremo rigor e também era tímido. Qualificá-lo era fácil, bastava olhar uma rocha, uma pedra, e já tínhamos noção de Myriel Parvulus. Mesmo assim, possuía um coração bom por natureza, e foi essa bondade que o fez entrar na Umbanda.

Um dia, voltando dos estudos, viu uma porta com os seguintes dizeres: “Templo de Umbanda da Vovó – Onde a caridade se faz com felicidade, amor e união – Se procuras um caminho e uma fé – Encontrarás através de nós, os espíritos amigos – Único requisito: Trabalhar”. Não pensou, apenas entrou e trabalhou!

Adiante! O novo plano em que se encontrava era diferente; estava liberto dos pesos da matéria, o pensamento fluía solto como o vento, sem quaisquer travas da língua ou do corpo. O que pode ser algo perigosíssimo. Um simples raciocínio realizado com negatividade latente pode levar a uma imensurável queda. Ou seja, o corpo espiritual, mesmo possuindo a mesma aparência do plano físico, imagem carregada em sua memória recente, não possuía as bagagens das articulações terrestres, e sua movimentação realizava-se por meio e unicamente por pensamentos; leve, já que não existe corpo material, mas de difícil interação, necessitando de uma consciência plenamente capaz.

Quer dizer, no sentido de ir de um lugar ao outro necessitava querer e saber aonde se desejava chegar. Nem que isso fosse à mera distância de um passo. Por outro lado, o visível medo, o receio e a insegurança, no interior do jovem Myriel, o prejudicavam ainda mais, em que pese serem sentimentos normais quando se enfrenta o desconhecido. Portanto, tentava-se manter íntegro. Simultaneamente, também experimentava certa curiosidade e animação. Questionava-se o que poderia ser aquilo tudo. Já tinha tido sonhos, é claro, mas não com tanta possibilidade de interação mental e física.

Myriel entendeu, então, que se tratava de um desligamento incondicional e temporário dos vínculos que ligam o espírito ao corpo terreno, permitindo locomoção livre no plano espiritual. Parecia um sonho, mas não, era mais que isso, uma vivência interna, livre, controlada e sentida. Ele sabia que os sonhos normalmente eram criados e manejados pela mente, sem lógica ou coerências, relances que marcaram o dia ou alguma perturbação da mente. Agora aquilo transformava-se completamente de sentido.

Tinha plena consciência de suas atitudes, liberdade de locomoção e discernimento de que não estava acordado. Assemelhava-se a um livre-arbítrio espiritual. A diferença estava naquilo que poderia fazer ou não, já que não existe mérito onde não existe escolha. Naquele instante ouviu uma voz afetuosa vinda de longe dizendo o seguinte:

— Por isso, Myriel, denominados o “Transporte Involuntário” como um atributo da mediunidade. O preço será de acordo com as atitudes praticadas, bem como a recompensa fornecida. O que já recebeste é um espelho do que se espera de você.

Ao redor daquele vasto e sublime plano havia apenas um objeto, uma única e humilde porta de madeira. Ela estava rodeada por luzes chamativas, como se um divino convite se apresentasse ao seu espírito. Aquele magnetismo, entretanto, despertava certa tensão no seu coração. O remanescente do espaço, vasto campo branco, semelhante às nuvens, abrindo-se somente para o longínquo calor do sol.

Mesmo com medo, Myriel apurou-se de coragem e concluiu, aquela porta só poderia ser uma provação que deveria atravessar. Por isso, receoso e cuidadoso, abriu a porta e entrou.

*Nessa benção luminosa  
Passaremos a encontrar  
Cada homem no seu plano,  
Cada coisa em seu lugar.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 2º CAPÍTULO

### ARTEFATO INDÍGENA

À primeira vista, após rápido olhar, Myriel observou, admirado, um formoso e belo índio. Sua aparência era exuberante e exótica. Ele estava de olhos fechados, sentado na posição de lótus, com as [pernas](#) cruzadas e os pés em oposição às [coxas](#). Mas o que realmente chamou a atenção foram os numerosos colares de dentes, penas e outros apetrechos indígenas, repletos de radiosas e quentes vibrações. Além do que, aquele homem emanava vasta tranquilidade ao seu coração, algo que nunca tinha sentido antes.

Diante disso, extremante admirado, Myriel questionou-se internamente como um índio moreno, alto, de porte atlético, cabelos negros e lisos, inteiramente produzido com esses conjuntos de adornos poderia ser tão belo. Algo a mais do que só a aparência física o atraia. Talvez um mestre antigo e aliado.

Olhou ao redor, curioso, analisando se aquele ambiente possuía outras novidades. No entanto, o lugar era pequeno, sem portas, janelas ou objetos, apenas quatro paredes de cor cinza sem vida e pouco iluminadas. E depois, o índio espelhava a única atração do quarto. Myriel suspeitou que essa fosse a principal intenção daquele homem.

Apesar disso, aquele ser espiritual não lhe intimidava, pelo contrário, transmitia-lhe novas sensações, como paz, bondade, confiança e força. No mais, como permanecia de olhos fechados, parecia não notar a presença de um novo convidado no quarto. Myriel, sem saber o que fazer, decidiu aguardar. Entretanto, a pausa foi curta. O aborígene, após alguns instantes de silêncio e meditação, abriu lentamente os olhos, esticou seus braços e o convidou gentilmente a sentar.

Em seguida, ainda sem expressar nenhuma comunicação verbal, mas já de olhos abertos, mostrou ao seu convidado algo dentro de suas mãos. E lá, para surpresa de Myriel, estavam algumas linhas, miçangas e um pequeno couro da largura aproximada de três ou quatro dedos.

Confuso com o significado daqueles pertences, ele se sentou, conforme o solicitado e ajeitou-se com as pernas análogas às do índio, enquanto esperava para ouvir o que ele gostaria de lhe dizer.

O índio permanecia sereno e radiante. Myriel sentiu-se acolhido; esse homem demonstrava certo alento protetivo, como o de um zeloso pai quando passa frondosos ensinamentos aos seus filhos. O salão, do mesmo jeito, estava preenchido pelas boas vibrações emanadas, transformando a mente do jovem convidado em sede do divino aprendizado.

Assim, logo após Myriel se acomodar, ele iniciou o tão esperado diálogo, utilizando-se de voz harmoniosa e vigorosa, exalando as seguintes palavras:

— Myriel Parvulus, eu estou feliz em finalmente estar frente a frente com você, meu irmão, e é claro poder vê-lo enquanto você me vê. Pode parecer inesperado, mas eu sou seu anjo da guarda, e fui designado a fim de acompanhá-lo durante essa jornada de vida de autodescoberta. Quando você completou 16 anos de vida, eu descí à Terra para cumprir o meu juramento. Antes disso, contudo, você permaneceu aos cuidados de minhas duas irmãs: Cabocla Jurema e Vovó Maria Conga, mentoras de sua mãe.

— Pois bem, empregue extrema cautela e atenção ao trabalho manual que realizaremos essa noite. É de suma importância decorar e aprender cada passo da etiqueta, para que assim, a sua vez, reproduzir semelhante réplica do objeto no plano terrestre.

A propósito, por mais que as palavras daquele índio fossem coerentes e bem pronunciadas, elas não expeliam qualquer conjugação de verbos. Myriel hesitou no começo, mas logo compreendeu que aquele espírito não tinha sido orientado nas escolas ocidentais, assim como ele.

Ou seja, quando ele queria dizer Observe – o som era Observar. A frase em termos específicos foi reproduzida dessa forma: “*Observar* com extrema cautela e atenção o trabalho manual que *realizar* essa noite. É de suma importância *decorar e aprender, para que* assim, a sua vez, *reproduzir* semelhante réplica no plano terrestre”.

Todavia, não iremos mais entrar no mérito da questão, e nem replicar esses pormenores, só manteremos esse ponto como curiosidade. No mais, a forma nada vale, o pensamento é tudo, como a própria doutrina espírita nos ensina.

Isso posto, durante a noite inteira, repetitivamente, em silêncio, ele ensinou o jovem Myriel Parvulus a criar, com aqueles simples elementos, um humilde e pequeno penacho, o que mais parecia, na opinião do aprendiz, uma testeira colorida. O índio instruí-o constantemente com as seguintes referências:

— O instrumento deve ter apenas quatro cores, ou seja, branco, azul, amarelo e, por fim, vermelho. Cumprir-se-ão várias fileiras de linhas com as

miçangas, utilizando como contagem, a cada cinco brancas, cinco azuis e cinco amarelas, apenas uma vermelha. Siga essa sequência do início ao fim da pequena tira de couro de dois palmos.

Ele continuava falando e trabalhando, fazendo e refazendo, montando e desmontando, sempre o mesmo artefato. E fez isso continuamente utilizando a numeração 5, 5, 5, 1, nas diversas fileiras de linhas de miçangas. Seguiu essa sequência até a pequena tira ficar do tamanho da circunferência de sua testa, para, no fim, poder juntá-las na horizontal uma em cima da outra.

Myriel escutava com legítimo interesse aquele professor, como se não houvesse outro mais sábio. Nas horas que se passavam, a semente do amor tinha sido lançada e já crescia com uma rapidez excepcional. O ignorante aprendiz, preso por mais de 19 anos na escuridão de seu coração, entreviu uma luz viva e brilhante à sua frente. Não podia acreditar, mas era real.

*Se buscas nobre caminho  
Que ao Senhor não desagrade,  
Recorda que a paz reclama  
Serviço e Fraternidade.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



### 3º CAPÍTULO

## UM CABOCLO CHAMADO TUPINAMBÁ

Durante as incontáveis reprises de trabalhos manuais, o indígena mantinha diálogo ativo e funcional com o seu aprendiz nos seguintes termos:

— Pois bem, jovem moço, a Umbanda é uma formação religiosa recém-nascida em nosso plano anímico, ainda perfazendo seus 500 anos, assim como a própria nação do Brasil, jovem, diversificada, acolhedora e quente. Essa religião é a genuína expressão da cultura brasileira, semelhante em seus fundamentos, agregando muitas culturas, alicerçada no culto Indígena, Negro e Europeu. Sua raiz, como a do Brasil, enfatiza a diversidade, a aceitação de todos os povos e culturas, não diferenciando cor, língua, aparência ou credo. Análoga a uma árvore com uma estirpe forte e cheia de ramos, intitula-se Umbanda.

— Contudo, ela apenas foi consolidada ao plano terrestre em 1908, por intermédio de nosso pequeno irmão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, e seu aparelho mediúnico Zélio de Moraes, dia em que ambos, após argumentação segura dentro de uma sessão espírita, findaram que não existiam mais amplos campos vibratórios para a manifestação dos espíritos humildes e de diferentes planos vibratórios com o intuito de praticarem a caridade, no sentido do amor fraterno, utilizando de manifestações mediúnicas.

— Dessa forma, amparados por todos nós da colônia de Aruanda, e os mestres mais antigos das inúmeras falanges das variadas linhas de trabalho, foram determinadas as primordiais regras desse novo culto. Aliás, por não utilizar de um livro extenso de regras e ritualísticas predeterminadas, do jeito de outras religiões, acredita-se que a bondade, a prática da caridade, a gratuidade nos atendimentos, o respeito com os horários das sessões e a orientação de nobres espíritos, mesmos humildes em suas aparências, seriam suficientes para a manifestação do espírito para a prática da caridade, significado simbólico dessa religião. A parte material entregamos a vocês, a fim de cada um demonstrar, verdadeiramente, o que traz no coração.

— Veja bem, por ser uma religião extremamente nova ela ainda tem muito a crescer, a expandir e a edificar, utilizando em proveito a doutrina de Jesus, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, e assim as sementes florescerão, e darão

muitos frutos, e os seres serão curados, e encontrarão a paz, e logo serão espalhados o amor, o perdão e a caridade.

— Ah, Myriel, como isso me faz feliz! É tão gratificante fazer parte daquilo que é bom e puro. Não há dúvida, nos tornamos exatamente aquilo que praticamos e levamos para o nosso coração. Alguns frutos apodrecerão, é inevitável, mas eles serão retirados e voltarão ao solo no sentido de um novo nascimento, e após isso, eles voltarão como frutos ainda mais nutritivos do que aqueles que já amadureceram, e assim o mundo se tornará melhor, vocês se tornarão melhores, e o nosso senhor Jesus Cristo sorrirá para todos nós e dirá: “Benditos de meu pai, a vocês está destinado o Reino de Deus”.

Desse jeito, após horas de repetições e instruções, semelhante ao experiente tutor ensinando a uma criança que ainda está dando seus primeiros passos, desatou a realizar a finalização do seu penacho. Pela última vez ele refez as tiras de miçanga. Após o término, colocou uma em cima da outra, apoiadas ao chão, e amarrou-as numa perfeição e perícia maestral. Seu acabamento estava efetivamente impecável. Uma característica, dizia ele, vista em filhos disciplinados de Oxum com Oxalá!

— O que ainda não é o seu caso, jovem aprendiz.

Aquela testeira, que inicialmente não passava de elementos soltos e simples, desabrochou tal qual bela rosa, tão colorida e viva que até o pequeno quarto, anteriormente neutro, modificou-se e foi iluminado com a beleza daquele comedido penacho.

Ainda calmo, mas não isento de velocidade e da maestria habitual, reprisou mais algumas vezes aquele último episódio. Finalmente, entendendo que Myriel estava preparado, após cansativo turno em um astral totalmente diferente, em que o tempo se reproduzia de forma distinta e confusa, onde as horas podiam ser simples segundos, e meros segundos podiam ser longas horas, deu a entender de que tinham acabado.

Inexperiente, Myriel Parvulus não saberia dizer nem ao menos a diferença de tempo e espaço, quanto mais se aquilo se tratava do fim ou apenas do começo.

Em seguida, aquele indígena deu um rápido salto e levantou, com a agilidade de um feroz tigre, penetrando, posteriormente, os olhos de seu convidado. À medida que o encarava, invadia cada vez mais profundo o interior da alma de Myriel, até chegar às raízes do coração e, firme, disse pausadamente:

— Escute com atenção, chamo-me Caboclo TU-PI-NAM-BÁ, e sou o seu Mentor, Guardião e Anjo da guarda. O nome dado ao nosso relacionamento,

na verdade, não importa. Eu fui designado desde o dia do seu nascimento para ser o vosso Orientador. Sou eu quem vai decidir, em relação a você, quais interferências irão influenciá-lo durante a sua vida. Deve seguir os meus conselhos quando eu o orientar. Se eu disser vai, você irá. Se eu disser não vai, você não irá. Preciso que você compreenda a seriedade desse conselho. Em contrapartida, caso você decida, em algum instante, não percorrer as minhas instruções, eu não poderei acompanhá-lo, e você estará vulnerável às ilusões e às intercessões externas, por vezes, deveras malfazejas e funestas!

— Confie em mim e sempre te guiarei pelos caminhos do bem, da Umbanda e de Jesus Cristo, nosso Mestre e Doutrinador. Outra coisa, a abreviação utilizada por alguns como “TUPI” se refere à falange diversa, e não corresponde a minha linha de trabalho, são ritos diferentes.

— Enfim, cortês abraço, oremos a Deus considerando a nossa cooperação mútua nas missões que nos serão enviadas pelo Altíssimo.

— Paz em Cristo!

*A mente dos aprendizes  
Bebe luz, em pleno ar  
Todos disputam contentes  
A glória de auxiliar.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 4º CAPÍTULO

### REGRESSO CORPORAL

Após o término do pronunciamento dessas vigorosas palavras, a escuridão imperou totalmente ao redor do jovem Myriel, e novamente em silêncio eles viajaram ao retorno do corpo carnal do médium, como um sopro leve e divino. Do mesmo jeito em que foi conduzido, se expirou e tudo não passara de um sonho.

Pelo menos, era o que Myriel pensara nos primeiros segundos, logo após o regresso corporal. “— Que sonho eu tivera. Será possível?”. Mas evidente aquele transporte não se assemelhava a um mero sonho! A sutil diferença entre sonho e transportes é de difícil percepção, ainda assim, a liberdade de interação é que as diferencia.

Quando o espírito de Myriel regressou ao corpo físico, os seus olhos abriram impulsivamente, como se o fluxo de oxigênio estivesse interrompido momentaneamente, e o ar tivesse finalmente voltado aos pulmões.

Ele estava de volta no seu quarto, olhos abertos, observando a pintura de sua parede, nunca tinha percebido o quão branco e vivo ela era. Encontrava-se arrebatado pelo fascínio. Encantado com aquele índio. Uma avalanche de emoções percorria o seu jovem coração, tanto quanto o despertar da realidade. Então era tudo verdade! Aqueles espíritos, as energias, o desenvolvimento não eram simplesmente a exortação do momento.

O que acabara de ocorrer era meramente inexplicável e maravilhoso, para não dizer impossível. Ainda mais considerando esse mundo tão materialista em que vivia. Ninguém acreditaria. As pessoas são, afinal, terminantemente, apegadas demais aos olhos carnis e pouco crentes à vista da fé.

Na época, por ser ainda mero iniciante ao círculo mediúnico e na arte da espiritualidade, Myriel não entendia corretamente que fenômeno estranho presenciava. Ele questionou os dirigentes mais experientes se esse desdobramento seria ilusão de sua cabeça, ou se podia ser, com efeito, um presente da espiritualidade. Contudo, ninguém pode confirmar a veracidade dos fatos, informando-lhe para continuar acompanhando a desenvoltura dos próximos acontecimentos. Por certo, a única coisa que acalmava o seu interior residia na felicidade por ter tido a honra de merecer aquela breve apresentação

do Caboclo Tupinambá.

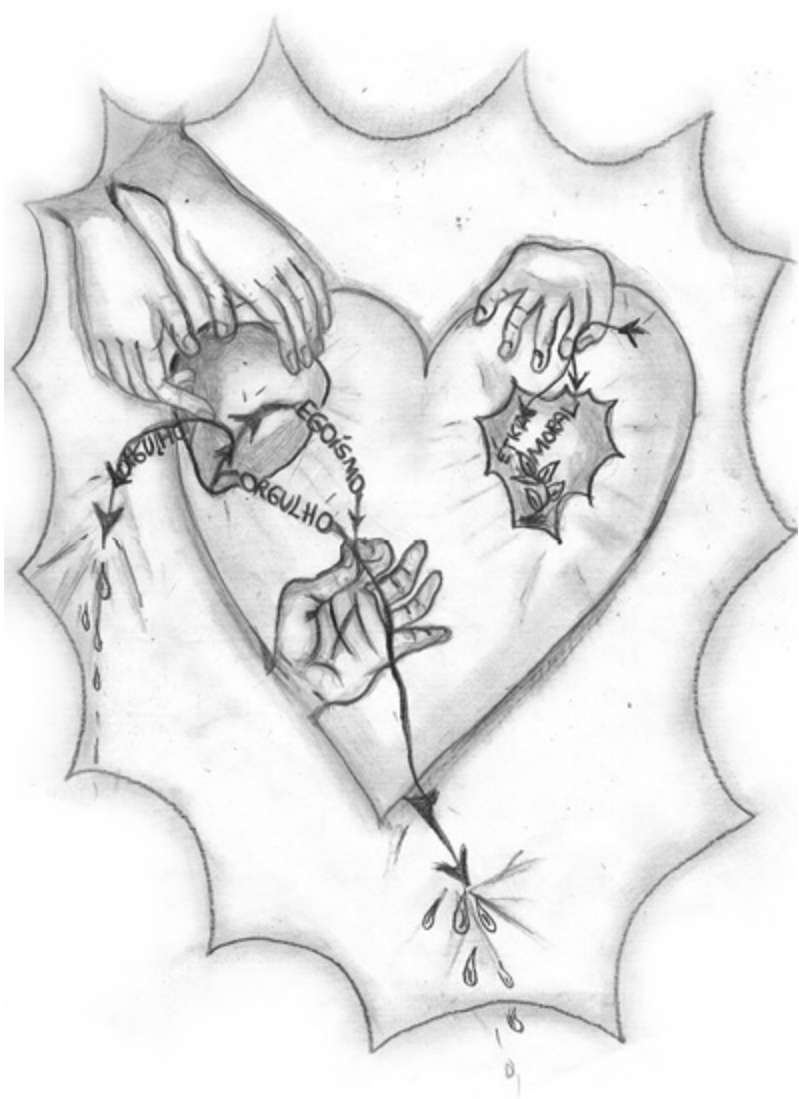
Por fim, alguns irmãos ainda insistem em dizer que os desdobramentos do médium Myriel Parvulus são apenas sonhos, ou precárias ilusões da mente, conquanto outros amigos mais estudados nas doutrinas espíritas identificaram como legítimo transporte espiritual involuntário, pois aquilo se apresentava, claramente, como uma mensagem espiritual.

Daquele dia em diante, a vida de Myriel mudou. Agora tinha um amigo, orientador, professor e mentor, chamado Caboclo Tupinambá. E, para a sua agradável surpresa, não imaginara que essa curta revelação seria apenas o início de uma longa missão religiosa espiritual tão bonita e gratificante, conhecida como Umbanda.

*Cumpra o dever que te assiste,  
Servindo, ditoso e crente.  
Da consciência tranquila  
Nasce a calma permanente.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 5º CAPÍTULO

### EGOÍSMO E ORGULHO

O mentor espiritual de Myriel Parvulus, Caboclo Tupinambá, vendo-o engatinhar com dificuldade nas veredas morais, orientou-lhe o seguinte:

— Jovem Myriel, eu estou sempre pronto para te auxiliar nas lições da vida, sejam elas teóricas, práticas, morais ou materiais. Com efeito, esta é minha missão perante ti. Antes disso, porém, devemos extirpar de você os sentimentos mais perigosos que existem: o egoísmo e o orgulho, destruidores da maior parte dos espíritos.

— Eis a importância, o desaparecimento desses pensamentos nos afasta das índoles negativas que não hesitam em nos atrair às mais profundas dores e misérias do coração. Além de que, sem êxito nessas áreas, meu jovem, não existe possibilidade nenhuma de qualquer crescimento moral.

— Efetivamente, o pensamento no bem comum é a única forma de alcançar a ascensão da alma, visto que aquele que serve somente para si mesmo, não serve para ninguém e nem para nada. É a renúncia do “eu”, caro Myriel, que nos abre a porta para os braços do nosso amado Pai. O seu reino não permite a entrada de um coração solitário. Isso é certo. Ou entramos acompanhados de irmãos, de seguidores, de amigos, de familiares, ou somos deixados para fora.

— O egoísmo, ramificação do orgulho, é a satisfação do instinto de conservação do “eu”. É a procura da realização dos próprios desejos em sacrifício dos interesses dos próximos. Assim, quando em nosso coração o ego se torna extremamente vital, o orgulho enraíza e ilude o ser doente a se considerar acima dos demais, como a um Deus particular.

— Desse mesmo modo, a doutrina espírita traz esses dois sentimentos, o egoísmo e o orgulho, como frutos das maiores doenças da alma e do espírito. E depois, caso ocorra a eclosão dessas impressões no coração do espírito encarnado ou desencarnado, e a ordem moral, a ética, os crepúsculos, a integridade são deixados de lado e a supremacia do antagonismo social é posta em prática, gerando conflitos degradantes e funestos aos nossos irmãos, onde são deixados marcas, cicatrizes, carmas, erros, os quais somente poder-se-ão reparar por meio de reiteradas encarnações na matéria.

— Portanto, ensinar um filho, sem antes curá-lo das maiores chagas da alma,

é como construir um ninho em base de areia, onde a primeira ventania derrubaria a construção, e seria grande a sua queda. Semelhante a uma lavoura não protegida contra os vermes e as pragas, onde a culpa dos resultados nefastos recai sobre o lavrador, mas quem sofre as dores é a lavoura.

— Logo, fazem-se necessárias a destruição da origem do mal e a edificação com base no evangelho de Jesus. Destarte, enquanto existir esse profundo obstáculo, todas as grandes obras, tão generosas e emancipadoras, terão suas pretensões arruinadas antes mesmo das primeiras colheitas, pois em que lugar do universo já se contemplou fundações da prosperidade sem renúncia e sacrifício? Até hoje, não encontramos um exemplo.

Foi com esse pensamento elevado à escolha do Caboclo Tupinambá para a primeira viagem de alfabetização do caráter de Myriel Parvulus.

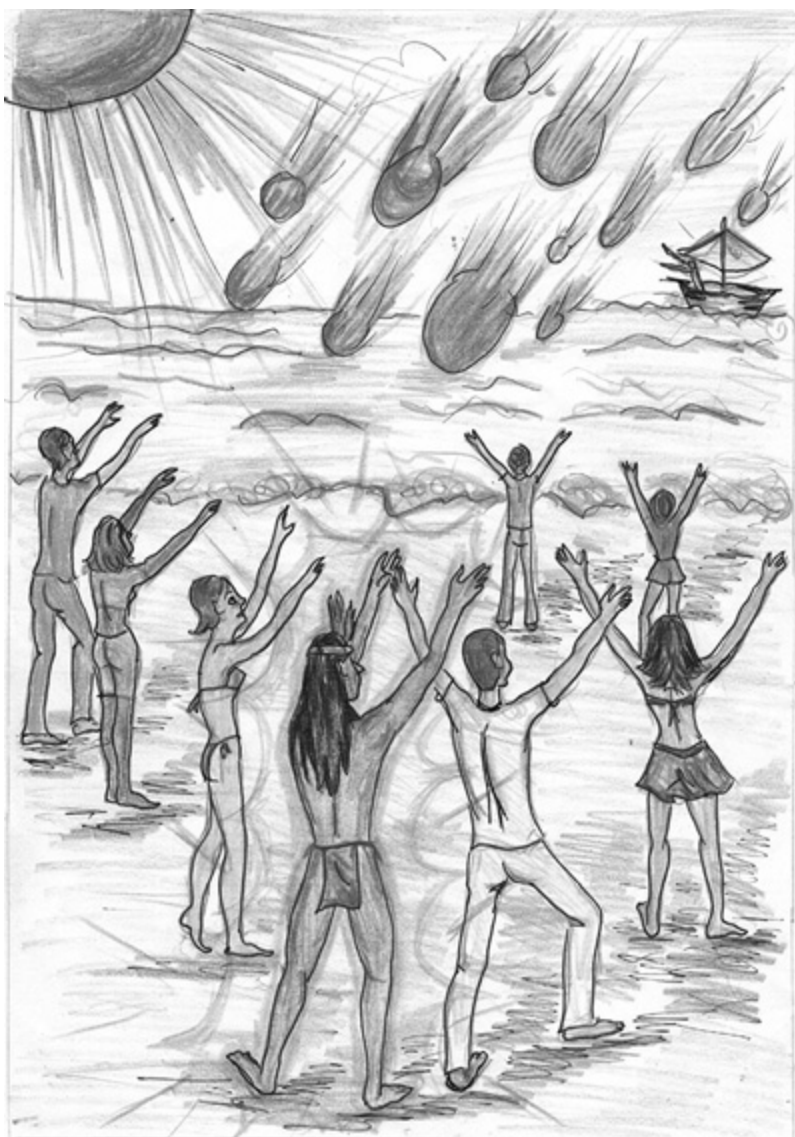
Assim, por meio de um transporte involuntário, Myriel foi conduzido inconsciente ao plano espiritual. O Caboclo Tupinambá, retirando-o dos vínculos materiais informou-lhe o seguinte:

— Querido Myriel, nós recebemos uma missão deveras prestigiosa e delicada, e para tanto nos foi ordenado estar no local e na hora exata, a fim de reaver alguns bens de extrema significância. Esses objetos foram extraviados pelo egoísmo de alguns pobres irmãos. Mas não guarde raiva ou ódio, já que todos nós já tivemos ou teremos nossos dias de provação, e nunca sabemos o que nascerá do fundo de nosso coração.

— Eu não posso mencionar o que acontecerá hoje, mas tenho a plena convicção em nosso Senhor de que será concluído com êxito e segurança, além de conseguir, inclusive, precisar o seu nível moral, base esta necessária a fim de iniciarmos as vossas lições de luz. E isso, meu jovem, acredite, é de suma importância! Qual bom professor consegue iniciar os estudos de seus alunos sem antes definir com precisão a que condição eles se encontram.

*Onde estiveres, educa  
Com bondade natural.  
A ignorância do bem  
É causa de todo o mal.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 6º CAPÍTULO

### BELEZAS DIVINAS

A viagem foi curta e indolor. A duração e a velocidade podem equiparar-se, em termos exatos, a longevidade de uma oração. O tempo e o espaço são completamente distorcidos, a ponto de se misturarem e confundirem. E, por consequência, Myriel sentiu certa falta de equilíbrio. A mente, momentaneamente, perde a consciência, mas após breve período retorna ao sítio, semelhante à dura colisão sem o padecimento da matéria.

Aliás, de olhos turvados, impulsionado pela força do medo e do instinto, Myriel não pode identificar quaisquer cores e ambientes. Quando percebeu, já estavam no local indicado. O Caboclo Tupinambá aguardou certo tempo até que Myriel restabelecesse suas forças, e começaram a andar.

Caminharam algumas milhas em amplo vácuo e sem vida, até que, finalmente, encontravam-se parados sobre uma vista exótica e exuberante. Myriel teve a certeza de estar em uma espécie de praia, só que essa deveras diferente das quais estava acostumado no plano térreo. A areia era totalmente avermelhada, fina, macia e morna. O sol emanava cor alaranjada, semelhante ao pôr do sol, convertendo a areia em similar cor.

A beleza das cores combinadas, do sol e da areia, desorientava-o. Embaixo, o mar azulado, extremamente limpo e absolutamente maravilhoso, dava impressão de pureza e divino. Por meio de tal característica, ele escutou algumas das pessoas em volta dizerem ser: “O Renascimento de Deus”, e outros, “O Lar dos Anjos”. Mas para ele, apenas algum lugar simplesmente majestoso e suntuoso.

A área estava lotada de pessoas, e diversas delas se encontravam paradas observando o mesmo horizonte que eles. Myriel olhou para o lado e reparou no seriíssimo Caboclo Tupinambá, ele continuava impecável e exótico como sempre, adornado de belos apetrechos indígenas, colares de dentes e sementes, bem como o afamado e pequeno penacho colorido em sua cabeça. Sua presença também estava marcante e influente, belo e altivo, revelando suas raízes internas. A sublimidade e a calma daquele índio irradiavam aos que permaneciam ao seu lado, combinado a supremacia daquele ser.

Myriel julgava-se sobressaltado. Mesmo assim, criou coragem e perguntou:

— Senhor Tupinambá, por acaso todas essas pessoas estão somente observando o pôr do sol ou também esperam algo?

O Caboclo Tupinambá virou o rosto cuidadosamente, olhou diretamente nos olhos de Myriel, conforme examinasse se deveria responder ou não, e simplesmente não disse uma palavra. Todavia, Myriel entendeu naquele instante, como que se as palavras fossem lançadas em seu subconsciente:

— Paciência meu filho, tenha fé, as respostas virão no tempo certo.

Ato contínuo, enquanto aquelas pessoas permaneciam paradas, meditando, orando, equilibrando os pensamentos mais íntimos, à vista daquele magnífico semblante de Deus, algo deveras estranho aconteceu. O céu, que até aquele momento parecia uma vívida exposição calorosa de cores, começou a se movimentar e agitar. As cores, azul, laranja, e vermelho firmavam um acordo e de braços dados apresentavam e exibiam uma esplêndida dança aos pequenos olhos de Myriel.

Tal era o nível de consciência do Caboclo Tupinambá, que ao analisar os gestos naturais de surpresa de Myriel, indagou-o como que se penetrassem os pensamentos:

—E quem lhe disse, meu jovem, que os céus agem dessa forma, sem nenhuma inteligência? Em vosso plano, as plantas não nascem e florescem apenas com as coordenadas divinas? A natureza tem diversas faces que os seres “racionais” nem sequer imaginam; são as criações mais puras e regradas que o Nosso Senhor nos forneceu. Junto delas não existem inverdades ou ilusões. Digo mais, é a forma mais perfeita existente; somente fornecendo aquilo que for cultivado. Se houver cuidados ela florescerá, senão, perecerá. Razoável, no entanto, a sua manipulação, desde que aplicadas com amor e técnicas específicas, caso contrário ela se tornaria limitada e restrita ao ambiente habitado.

Novamente, como se algo se aproximasse, e os céus quisessem fugir, aquelas nuvens mudaram de forma. As folhas brilhantes de cores escureceram; o vermelho se tornou amarelo, e de amarelo para cinza, tal como o humor de uma criança, que vai do sorriso ao choro em átomos de segundos. Por outra perspectiva, diversas pessoas, inclusive Myriel e o Caboclo Tupinambá, atentos naquele evento incomum, olhavam assustadas em direção ao céu e notavam algo caindo em alta velocidade. Alguns apontavam as mãos para o alto, estupefatas com o que estavam vendo. Não podiam acreditar.

Entretanto, mesmo com toda a tensão elas permaneciam imóveis. Eram

novas reações que Myriel não estava acostumado. O normal seria correria e gritos por todos os lados. Todavia, ali isso não ocorrera. A preocupação era notável, mas as atitudes em resposta também. Ele podia sentir, observando-os, aquelas pessoas estavam aguardando o inevitável devido a algum objetivo altruísta. A pureza dos pensamentos o extasiava. Nunca sentira tamanha moral, vigor e integridade, emanados de um grupo de pessoas.

*Faze o bem, cerrando os olhos...*

*Ajuda sem ver a quem,*

*Se enxergas o mal do mundo,*

*O mundo não vê teu bem.*

Ditado pelo Espírito

Casimiro Cunha



## 7º CAPÍTULO

### DESEJOS IMPUROS

Myriel Parvulus reconhecia flagrante estranheza e confusão brotando em seu íntimo. E por mais que fosse seu segundo transporte, não entendia direito os conceitos e os fundamentos daquele plano; ou ainda, quais eram os motivos e o que esperavam dele. Não sabendo como agir, decidiu esperar alguma coordenada em silêncio.

Todos se conservavam parados e firmes, aguardando a proximidade daquilo que provavelmente os atingiria com força. Em poucos instantes, rasgos de luzes vindos em alta velocidade devastavam as poucas nuvens restantes. Eram definitivamente meteoros. No decorrer, frenéticos, os objetos envoltos em chamas percorriam em direção à costa do mar.

Aprumando-se, após a ágil aproximação, Myriel os olhou mais detidamente. Na verdade, esses “meteoros” de fogo representavam doze esferas, doze bolas brilhantes coloridas. Ao vê-las, seus olhos vibravam de emoção e êxtase. Tão lindas quantas rosas no verão.

Então, num piscar de olhos elas golpearam as águas do mar, uma a uma, em frente à praia que eles estavam localizados. No instante em que encostavam à água, aquelas capas de fogo transformavam-se instantaneamente em límpidos e cintilantes globos de cristais, do tamanho de bolas de vôlei.

Por outro aspecto, o mar, após os impactos, se desfigurava em dura crosta de pedras, isto por causa do intenso calor dos meteoros. Aquilo que era líquido, agora virara pavimento. As águas tinham se petrificado de tal maneira com o aquecimento, tornando-se grande passarela. Ou melhor, essa conversão de água em pedra é precariamente semelhante ao fenômeno dos vulcões terrenos quando entram em erupção e penetram o mar. O que eles viam, no entanto, parecia bem mais espontâneo e mágico.

Percebendo a preciosidade e o inestimável valor daquelas matérias-primas, e precisando os lugares em que caíam, aqueles contempladores debandaram desesperadamente com vontade de apanhá-las. Finalmente, a desordem chegara!

Aprumando-se de imensa ignorância e deselegância, coração acelerado, desejos impuros, Myriel também abandonou o seu posto e seu guardião, e

correu. Ele estava aflito e alucinado. Mesmo assim, o Caboclo Tupinambá ainda se mantinha imóvel, observando seu aprendiz, tresloucado, se juntando à horda de espíritos desesperados.

Justamente, por ironia do destino ou provação, perto de onde Myriel estava, acabava de colidir um meteorito. Ele tinha se transformado em um lindo e brilhante cristal azul. Verificou ao redor, e constatando estar sem concorrência, foi ao seu encontro. Ninguém o tinha mirado ainda. E, com medo de que alguém o tomasse agarrou-o depressa e forte.

Pois bem, ele o mantinha seguro em suas mãos quando algo na superfície daquele globo chamou-lhe a atenção: uma escrita cintilante e desconhecida. Naquele instante, o Caboclo Tupinambá, diligente e imperceptível, apresentava-se ao lado de Myriel, olhou-o preocupado, como um pai que avista seu pequeno filho colocando as mãos em algo frágil que não lhe pertence, e, ainda assim, demonstrando confiança, sabedoria, e amor, disse:

– Meu caro, na superfície desta esfera está escrito, como você já deveria ter percebido, a palavra “Fé”.

– Desculpe-me Senhor Tupinambá, mas como poderia ter percebido? – Myriel respondeu timidamente.

– Sintas e saberás – retrucou o Caboclo.

Myriel fechou os olhos! De repente ficou inesperadamente sobressaltado e emocionado. Aquele orbe emanava exatamente a energia do significado da palavra escrita em seu exterior, e que o Caboclo traduziu como “Fé”. A intensidade era tão forte que teve a sensação de ser dominado interiormente por ela. Todas as suas dúvidas desapareceram e ele sentiu-se confiante como se nada o abalasse.

Essa fé em potencial entrou pelos seus poros e mesclou-se com o seu próprio espírito. Todos os interstícios de seu corpo naquele momento irradiavam fé. Ainda assim, Myriel lastimava estar vazio, insatisfeito, exprimindo a necessidade de possuir mais bens. Ter a posse de um único cristal não era o suficiente para ele. Aquilo que tinha começado como egoísmo, agora evoluía para ganância.

Tinha apenas uma meta, localizar outra joia tão significativa como aquela, à medida que apenas uma não lhe bastaria. Inconscientemente, esses baixos sentimentos tomavam conta de sua alma, consoante a um veneno sutil e mortífero espalhando-se depressa e sem barreiras.

Prendeu firme o cristal azul embaixo do braço direito, aparentando ser parte

de seu próprio corpo e voltou para a corrida das esferas. Não muito longe, e novamente pelas forças do destino, acabou por encontrar outro cristal, o qual, no desespero da precipitação, ninguém ainda havia se deparado.

Essa esfera, diferentemente, tinha uma cor prateada, e estava escrito a palavra “Coragem” – foi o que disse novamente o Caboclo Tupinambá, caminhando a passos largos em sua direção, sem demonstrar, no entanto, afeição ou consentimento, pressentindo sentimentos opostos ao esperado dominando-lhe o coração.

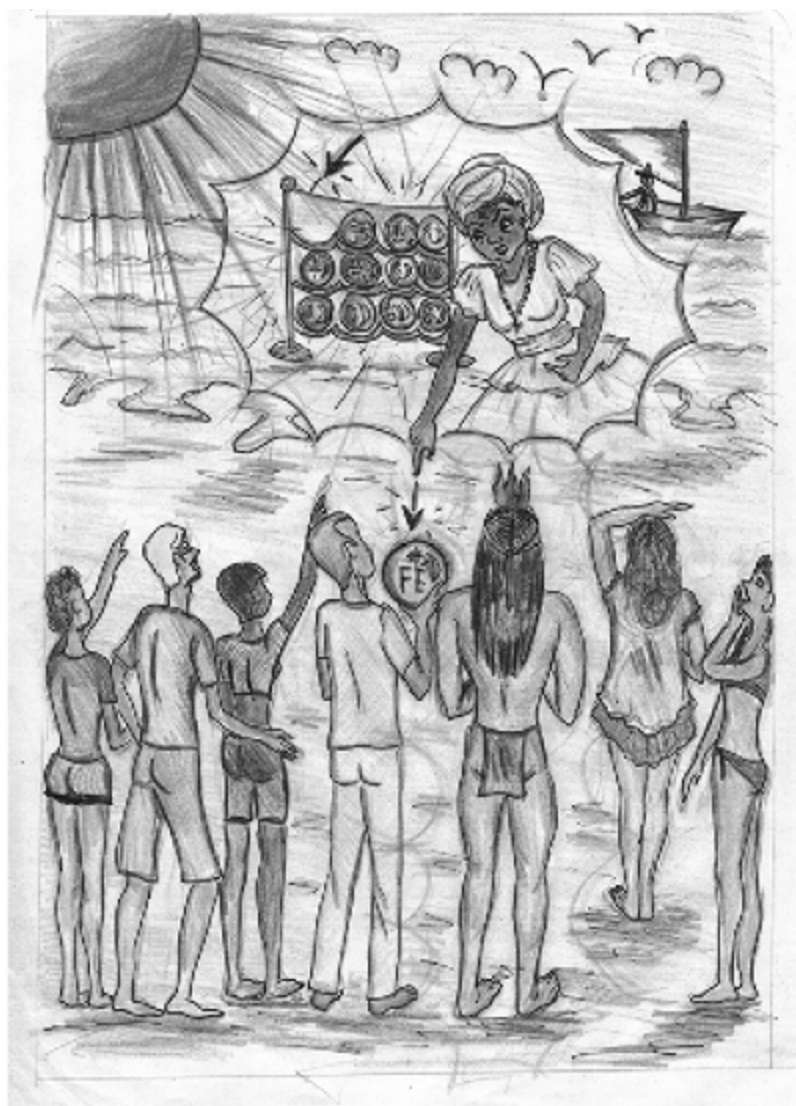
Averiguando a situação, apoiou as mãos nos ombros de Myriel e disse:

– Esses cristais, além explanarem vibrações acuradas, têm o poder de transmitir e difundir a energia da palavra escrita em seu porte. Elas foram criadas na origem da existência por Oxalá e são poderosíssimas, reza a lenda. E por esse motivo estamos aqui. Alguns antigos e sábios irmãos me disseram que elas são partes vibratórias de Oxalá, retiradas dos 12 sentidos em que o ar sopra. Todavia, o que nos importa hoje é apenas a sua restituição visando ao bem comum.

*A razão sem a coragem  
É pobre luz sem alento.  
A coragem sem razão  
É simples atrevimento.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 8º CAPÍTULO

### AS 12 DIVINDADES DE OXALÁ

Porém, em que pese tal advertência, as sábias palavras daquele orientador não adiantaram e nem sequer foram absorvidas pelo ganancioso assistente. Myriel, desprendendo-se violentamente das firmes mãos, colocou ambas as esferas embaixo dos braços e partiu exaltado. De pronto instante, a energia daqueles objetos percorreu-lhe o corpo inteiro. O pressentimento de ser o homem mais destemido dos quatro horizontes dominava-o. As barreiras e os muros não lhe impediriam. O medo não teria lugar ou chance. Desafios seriam vencidos. Sentiu como se não houvesse nada no mundo inteiro que não pudesse fazer. Que vigor, que força, que firmeza! A irradiação daquelas energias infectava, com furor, tudo aquilo que ele entendia ser e ter.

Seja dito de passagem, Myriel permaneceu imerso naqueles sentidos não se sabe por quanto tempo. Já não era mais o mesmo. Quando voltou em si, olhou ao redor, e tentou escondê-las dentro das vestes, para não serem vistas ou roubadas. Cogitava, meramente, seus próprios sentimentos, assim como um legítimo egocentrismo. No êxtase de seu orgulho e ego, declamou:

– Não existe mais a possibilidade de afastar-me delas. Ei de levá-las comigo para casa, e as guardarei para sempre em segurança!

Foi então que, pela segunda vez, no mesmo dia, em questão de segundos, o solo estremeceu e o céu novamente alterou suas cores. Uma luz, abundante e volumosa, clareou toda a praia e um corte profundo no meio das nuvens rachou-o em dois, obrigando todos a pararem o que estavam fazendo. Tornava-se impossível se locomover. A claridade, tão intensa aos olhos, compelia-vos a deixá-los fechados.

Ao acostumar-se ao clarão, Myriel pôde entender o que realmente acontecera. Dentro daquele fecho de luz via-se uma mulher de aparência firme, dura, e de pele negra como a noite. Suas rugas demonstravam uma pessoa tempestuosa de seus 45 ou 47 anos. O rosto, no entanto, transmitia bondade, sinceridade e confiança, oposta a sua evidente rigidez.

Tinha aproximadamente 1,65 m de altura, cabelos curtos e crespos trançados, beijos grossos, roupas simples e novas, em perfeito estado de uso e de cor branca prateada. Por fim, uma corrente em formato de estrela ou cruz

balançava no peito. Uma legítima africana de personalidade forte, junção vital de Iansã com Xangô: rígida e justa; dura e sincera; gentil para os que acreditam e que merecem.

Os seus olhos, consequentemente, estavam voltados na direção da multidão. Aquele olhar penetrava fundo na alma dos que a encarava, aliás, afigurava-se ríspido, mas não isento de bondade e sabedoria, e, portanto, não deixava escapar um mínimo detalhe.

Em determinado momento, após detida análise, declamou as seguintes palavras:

– Irmãos queridos, eu lhes peço um minuto de vossa atenção, essas esferas são conhecidas como as 12 divindades de Oxalá. Indiscutível, por conseguinte, a sua dimensão sagrada, bem como influência e valia. Por esse motivo não devem pertencer somente a uma consciência. Foram criadas com a finalidade de permanecerem no altar sagrado, onde podem refletir suas ricas energias a todos aqueles que tiverem necessidades de suas vibrações.

– Contudo, por excesso de egoísmo daqueles que não entendem a necessidade do bem comum, elas foram furtadas de nossa morada e atiradas nesse plano vibratório, visando disseminar baixos sentimentos de posse e discórdia. Portanto, peço-vos devolver-nas aos seus devidos lugares. A propósito, sou a guardiã dessas ungidas divindades. Ainda assim, irmãos, nós não podemos nunca olvidar da obrigação inerente nas necessidades dos demais. Nada mais há de ser dito.

Myriel Parvulus ficou indignado. Não aceitava essa história bonitinha de bem comum, muito menos de devolver o que já tinha declamado inteiramente seu. Inconscientemente, desfrutava de sentimentos extremamente egoístas. Mais uma vez olhou para cima, desconfiado, e notou que atrás daquela mulher realmente existia um enorme altar de madeira. Esse altar dividia-se em três fileiras, dispensadas horizontalmente, onde efetivamente poderiam ter existido doze cristais divinos. Alguns, no entanto, ainda estavam lá. Provavelmente nem todos foram desviados de sua origem.

Em voz baixa, respondeu:

– Não vou! São minhas valiosas joias, corri e lutei tanto para obtê-las, seria uma tragédia ter que enviá-las de volta. E, pior, se fosse para devolvê-las, nem teria me esforçado tanto.

Por outro lado, diferente de Myriel, sem delongas, dúvidas, receios, suspeitas, fraqueza ou apreensão, os outros integrantes, um a um, portadores de distintos

cristais, se apresentaram imediatamente à frente da prestimosa guardiã. Eles levantavam os braços ao alto, com os globos em suas mãos, e reconduziram-nos de volta, por meio de peculiar corrente de vento.

No mais, dentre os portadores das divindades, apenas um não tinha entendido a mensagem, ou fingira que não. Essa pessoa era Myriel Parvulus! Obviamente, a guardiã reparou naquele ser que refreava a devolução e que não tinha a mínima intenção de repô-los, entretanto, seus olhos repousaram um pouco mais ao lado, no índio que o acompanhava.

*Em teus modos e costumes*

*Sê generoso e conciso.*

*Maus modos, em qualquer parte,*

*São fontes de prejuízo.*

Ditado pelo Espírito

Casimiro Cunha



## 9º CAPÍTULO

### PROFUNDAS REPREENSÕES

– Vejo que não fui enviada sem auxílio numa missão tão grave e valorosa. – Manifestou a Guardiã, curvando suavemente a cabeça em direção ao Caboclo Tupinambá.

– Encontro-me, minha irmã, meramente como discreto colaborador, em caso de dever indispensável. – Asseverou o Indígena, retribuindo o mesmo gesto.

Logo depois, olhar inflexível, Caboclo Tupinambá pronunciou as inesquecíveis palavras para Myriel:

– Meu filho, as 12 divindades de Oxalá devem ficar eternamente no altar divino, refletindo, sempre que necessário, as energias de seus elementos a todas as pessoas que assim precisem. Elas foram unicamente concedidas por Oxalá com o objetivo de abençoar a humanidade. Todas essas divindades refletem um tipo diferente de vibração, por exemplo, a coragem, a fé, a esperança, o amor. Além disso, caso não houvesse em abundância essas energias, aqueles irmãos, ainda em estágio de crescimento íntimo, teriam deveras dificuldades de conseguirem reproduzi-las sozinhas.

– E, também, o lapso acarretaria prejuízos significativos aos planos inferiores – carentes e frágeis – o qual cedem facilmente a baixos sentimentos. Observamos ser uma ajuda concedida pelo plano superior. Por essa razão, se consegue compreender o que estou relatando, devolva-as imediatamente. A cada instante que se passa, um irmão morre deserdado por falta de auxílios!

Ainda sem êxito, o Caboclo Tupinambá, já bastante irritadiço pela vergonha que Myriel o fizera passar com suas atitudes gananciosas e egocêntricas, colocou suas pesadas amarras nos seus ombros e encarando-lhe como se fosse pronunciar duras palavras, mas novamente não o fez.

Vincou as sobranceiras e, infiltrando profundas repreensões, consistentes e árduas, no íntimo do aprendiz, reduziu-lhe ao chão, de joelhos. Servindo-se apenas de simples gestos conseguiu dizer tudo o que aquele jovem precisava ouvir.

Myriel Parvulus, por fim, despertou do sono profundo, e entendeu não ser nada mais que um humilde aprendiz perante as divinas sabedorias de Deus, sem conhecimentos, ignorante, movido penosamente pelos instintos animais e

não por razões conscientes. Abaixou a cabeça, da maneira de quem compreende a gravidade de seu gesto, levantou as mãos, assim como os demais, e devolveu os cristais a sua origem.

Todavia, ainda revelando forte remorso pelos seus atos egoístas, desculpou-se, com os olhos lacrimosos, e movimentos recatados e submissos, demonstrando timidez e vergonha natural de um ser lúcido de seus erros.

Depois de todos os orbes serem encaminhados aos céus, remidos aos seus lugares de direito, a legítima guardiã, mulher negra, firme e austera, representante legal do Orixá Oxalá, fechou a transitória fenda, e as extasiadas cores ressurgiram, como uma passageira chuva em dias de verão.

O Caboclo Tupinambá, silencioso, ignorando completamente o seu instruído, não pronunciou outras palavras ou olhares de aviso, apenas levou-o de volta para o plano físico. Na despedida, porém, expôs o seguinte:

– Estimado Myriel, eu preciso de sua reflexão sobre o ocorrido, mas não poderei ajudá-lo, nem elucidá-lo, por enquanto. Reflita, medite e ore. Ainda devo fazer um detalhado relatório sobre os acontecimentos de nossa delicada missão e não tenho muito tempo para prosas. Tenhas a certeza, entendo a dificuldade sentida.

Agora, com um olhar mais ameno, o indígena continuou:

– Você ainda está no começo do amadurecimento moral; empreitada esta que devemos nos esforçar a fim de cumprir o designado. Hoje, no entanto, já decifro o grau da sua virtude. Irei passar-lhe determinadas leituras, levá-lo-ei em perseverantes missões, além de suas lições terrenas, que já trazem, naturalmente, apurados e convenientes ensinamentos.

— Preocupe-se, sim, com as imperfeições, mas não se julgue demasiadamente severo, pois elas são as mestras maiores dos nossos aprendizados. Se permanece errando, é por que ainda não estas devidamente desenvolvido. E isso não é um pecado, apenas prova de que os estudos devem perdurar por mais um período de tempo. Até breve, Myriel. Paz em Cristo!

Assim, após o jovem médium voltar ao seu leito, fechou os olhos novamente e refletiu duramente sobre a jornada versada, e lembrou-se que, em determinados casos, a tradição também estabelece parâmetros precisos e bem apurados, assim como esse, visando ao bem comum. Por isso, reafirmou no seu coração a necessidade de lembrar constantemente que o pensamento no bem e a pureza do coração são sempre proteções inigualáveis. Além do mais, Allan Kardec, também direciona em seu livro, sobre essa mesma segurança, dizendo:

“Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade.”.

Finalmente, conseguiu relaxar e descansar!

Dessa forma, vemos que por meio da extasiante viagem astral, Myriel iniciou sua jornada pessoal sobre a compreensão da importância do bem comum, e da reforma íntima dos valores morais em Jesus Cristo.

Mas, vejam, nem tudo é tão fácil quanto parece...

*Alma nobre é como nuvem,  
Sem ponto de vista algum,  
Recebendo benefícios  
Para dar ao bem comum.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 10º CAPÍTULO

### OBJETIVO DESCONHECIDO

Após breve período sem receber transportes espirituais, em virtude do justo castigo o qual lhe foi imposto, tendo em vista a catástrofe do último desdobramento sobre as 12 Divindades de Oxalá, finalmente Myriel Parvulus foi destinado a uma nova aventura.

Era uma tarde chuvosa, primeira quinzena de abril, para sermos exatos, o dia em que Myriel foi conduzido involuntariamente ao mundo espiritual. Seu destino até aquele mesmo instante era totalmente desconhecido. Não recebeu explicações ou instruções. Aliás, pela primeira vez encontrava-se sozinho em terreno incorpóreo.

Pois bem, depois do normal sentimento de náuseas e de instabilidade física, abriu os olhos, e se viu abandonado em sombrio lugar, semelhante à larga, escura e abandonada avenida. Tal estrada, no entanto, estava bem conservada, não tinha buracos ou imperfeições, e, em que pese à sombria sensação que o jovem Myriel sentia, não havia nada que o causasse qualquer repulsa.

Sob outra perspectiva, aquela longa avenida estava rodeada de inúmeras e enormes árvores, não frutíferas, floridas, cascas enrugadas, que deveriam ter, pela aparência, muitos anos de vida. O aspecto era sinistro, mas não por culpa das árvores ou das condições daquela estrada, o motivo devia-se àquela silenciosa e escura noite. Com o sol, as plantas evidenciam vida, com a lua, o luto. O luar estava sombrio, selado e vedado. E, por causa da cobertura das gigantescas árvores, Myriel não conseguia ver, nem ao menos, a aparência do céu.

No entanto, mesmo tão assustador, não sentia medo, somente um pouco de apreensão por ter sido transportado, e depois posto de lado, sozinho. O ser humano se habitua a qualquer adversidade, inclusive a dor, imagine, então, a uma agradável companhia, como a daquele caboclo. Tinha saudades, só isso.

Além de que, pensamentos à procura de soluções invadiam-lhe a alma. Estava sozinho e perdido. O que fazer?

Não conseguia encontrar nenhuma elucidação. Talvez, quem sabe, esperar? Mas na região em que se encontrava isso não era uma opção. Assim, como não havia nada a perpetrar, o que ele poderia fazer? Gritar em busca de socorro?

Chorar em obtenção de consolo? Ou, quem sabe, seguir em frente?! Sim, essa era uma resposta aceitável! No desespero, lembrou-se de um sábio conselho de seu mentor: “Tudo nessa vida é um teste, uma missão ou uma provação”.

Entretanto, essas considerações logo se extraviaram da sua mente e mais nenhum pensamento ocorreu-lhe. Em vez disso, tomou imediatamente uma decisão: “Começar a caminhar, seguir em frente, um caminho reto e sem obstáculos”. Isso definitivamente deveria lhe levar a algum lugar.

Passos atrás de passos; metros após metros, e, assim, quilômetros foram percorridos num piscar de olhos. A paisagem, porém, não sofrera sequer uma alteração, e uma longa caminhada logo se formou. Em certo momento, sentiu-se cansado, a ponto de cogitar desistir. Estava esgotado de tanto andar, quando, por fim, perplexo, ao apertar os olhos, forçando-os a olhar adiante, viu um pequeno ponto brilhante ao fundo daquela alameda. Não hesitou, começou a correr. A esperança finalmente voltava a arrebatar o seu coração, o fazendo experimentar novas sensações.

Próximo daquele deslumbramento, Myriel avistou uma pequena praça no cruzamento de duas veredas, e um sentimento estranho apertou-lhe o coração. Porventura, algo ruim possivelmente aconteceria? Não entendia os motivos de suas intensas emoções, e não havia meios de alcançar respostas. Contudo, algo naquele local o atraía demasiadamente. Parou pensativo. Acreditava que aquele envolvimento ou devia-se às claridades das luzes das tochas penduradas aos arredores ou aos mistérios envolventes daquele largo tão chamativo e vazio. Em contrapartida, a inspiração íntima lhe dizia que deveria ir até lá, e cumprir o seu caminho e o seu destino.

– Nunca conseguimos realmente – ocorreu novamente a Myriel os ensinamentos do Caboclo Tupinambá – fugir de nossos destinos; um dia todos nós teremos que encará-los. A fuga sempre é temporária. E aqueles que tentam afastar-se dos desígnios divinos se encaminham diretamente para eles, como um grande imã carmático. Então, vendo por esse ponto, não há motivos para fugas. Quanto ao mais, é dever indispensável reconhecer que o devedor é escravo do compromisso assumido.

Myriel prosseguiu até o ambiente. Conseguir informações era crucial, ainda mais perante terrenos desconhecidos! E, também, obviamente com o intuito de verificar o porquê daquela intensa atração que experimentava sem motivos aparentes. Localizou o único acesso daquela área rodeada por cercas e arbustos vedados e entrou!

*Controla teus sentimentos,  
Sustenta a serenidade.  
Pessoa de maus impulsos  
É uma fera em liberdade.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 11º CAPÍTULO

### O GUARDIÃO

Já próximo à entrada, surpreendeu-se, do lado direito existia uma incomparável, enorme e magnífica estátua indígena, feita, provavelmente, conforme a tradição, de pedra-sabão. Esse mármore, com efeito, apresentava-se colossal quando posto ao lado de Myriel. A sua feição afigurava idade considerável, rústica e deteriorada. Tinha certa beleza singular, semelhante aos antigos sarcófagos bem conservados pelo tempo. As cores, apesar disso, eram vívidas e reluzentes. Trajava roupa prateada e um penacho cumprido e caído, azul e branco, bem como um venusto cabelo, longo e mesclado com penas de pavão e águias, como um legítimo pajé.

Ademais, aparentava ter 50 ou 60 anos de idade. Seu rosto sério, determinado, olhava em direção ao horizonte, na mesma direção do nascer do sol, e trazia semblante divino e celestial. Sinceramente, mesmo sendo arcaica, demonstrava encanto indescritível, detalhes simétricos, cores realistas, expressivas e vivas. Sobre determinados ângulos, não lembrava ser uma obra feita de pedra, mas, sim, um embalsamento humano, por causa dos acurados detalhes.

Ao redor daquele cenário, por outro lado, havia alguns arbustos de plantas demonstrando mera decoração, ou talvez visando esconder as grades de arames farpados. Ao fundo, um pequeno chalé de madeira baforando fumaça pela chaminé, provando, finalmente, a existência de vida humana.

Após poucos passos, caminhando com cautela e silêncio, ainda próximo à estátua e a alguns metros daquela cabana, Myriel parou sobressaltado. Um homem idoso começou a aproximar-se. Ele aparentava lá seus 75 anos de idade, bem curvado, cabelo branco acinzentado, magricela e enrugado, trazendo consigo um olhar simpático e humilde. Segurava uma vela branca na mão esquerda, acesa. Chegando perto de Myriel, com voz baixa e fraca, disse:

— Meu jovem, essa estátua que você acabou de passar é um antigo, raro e direto Portal para a tribo do Senhor Cachorro Branco, líder da tribo Malei da América do Norte. Existe algum motivo conveniente para sua visita? Eu sou o guardião e protetor desse terreno construído em volta do pórtico. Tudo aqui está sob meus cuidados.

Quando essas palavras ecoaram nos ouvidos de Myriel acelerou-o o coração, manifestando incontrollável pulsação, desvelando desejo natural de saltar de sua prisão congênita, o peito. Aquela aflição dominava-o completamente, e, por isso, nem ao menos conseguia raciocinar. Tentava se concentrar, controlar a disritmia inusitada, no entanto, nada parecia resolver.

O velho Ancião, percebendo a sua inquietação, o tocou com a mão direita no ombro direito, acalmando-lhe, de tal forma, a ponto de aflorar acurada intuição desconhecida. Ora, mesmo aparentando idade avançada e pouca sabedoria, o guardião não podia ser menosprezado; não com tamanha responsabilidade. Ao contrário, corroborava certa e tamanha admiração. Achava-se, afinal, como representante de uma tribo aparentemente tão importante. Aliás, não trazia violência ou agressividade no olhar, apenas sabedoria.

Myriel não pôde responder de pronto àquela pergunta, pois ele, de fato, também não sabia a resposta. Não compreendia, nem ao menos, os motivos que o levaram até lá. Contudo, aquela história de portal realmente extasiava-o. Nunca tinha visto um portal de verdade em toda sua vida, só ouvido boatos, histórias sobre o assunto, e realizado algumas presunções, como aquela quando conheceu o Caboclo Tupinambá, atravessando uma porta de luz. Seria esse um verdadeiro portal? Os pensamentos corroíam-lhe por dentro.

Diante disso, utilizando a tática de que a melhor defesa é um bom ataque, esquivando-se de qualquer resposta, replicou ansioso o guardião com outra pergunta:

— Senhor, como eu faço para conseguir atravessar este portal?

O Ancião, com paciência natural de matusalém, respondeu:

— Há muitos séculos sou protetor desse portal, e a sua chegada, meu caro, mesmo desconhecendo, já era esperada. Diga-me, jovem, quantos seres, você de fato acredita, conseguem sozinhos, por mera coincidência, chegar até esse plano vibratório? No mundo espiritual, o mais forte sentimento que existe é a vontade, mas para alcançá-la, de verdade, é necessário ter muito conhecimento interno e externo. Eis aí justo presente de boas-vindas em forma de conselho.

— Como assim, eu já era esperado? – Myriel insinuou com certo espanto.

— Simplifico, o garoto Tupinambá passou por aqui – Indicou o Guardião — alguns instantes antes de você aparecer, e avisou que um rapaz, jovem e muito interessado chegaria possuindo autorização especial para prosseguir.

Antes que Myriel pudesse engajar um interrogatório, o zelador o interrompeu

e advertiu-lhe:

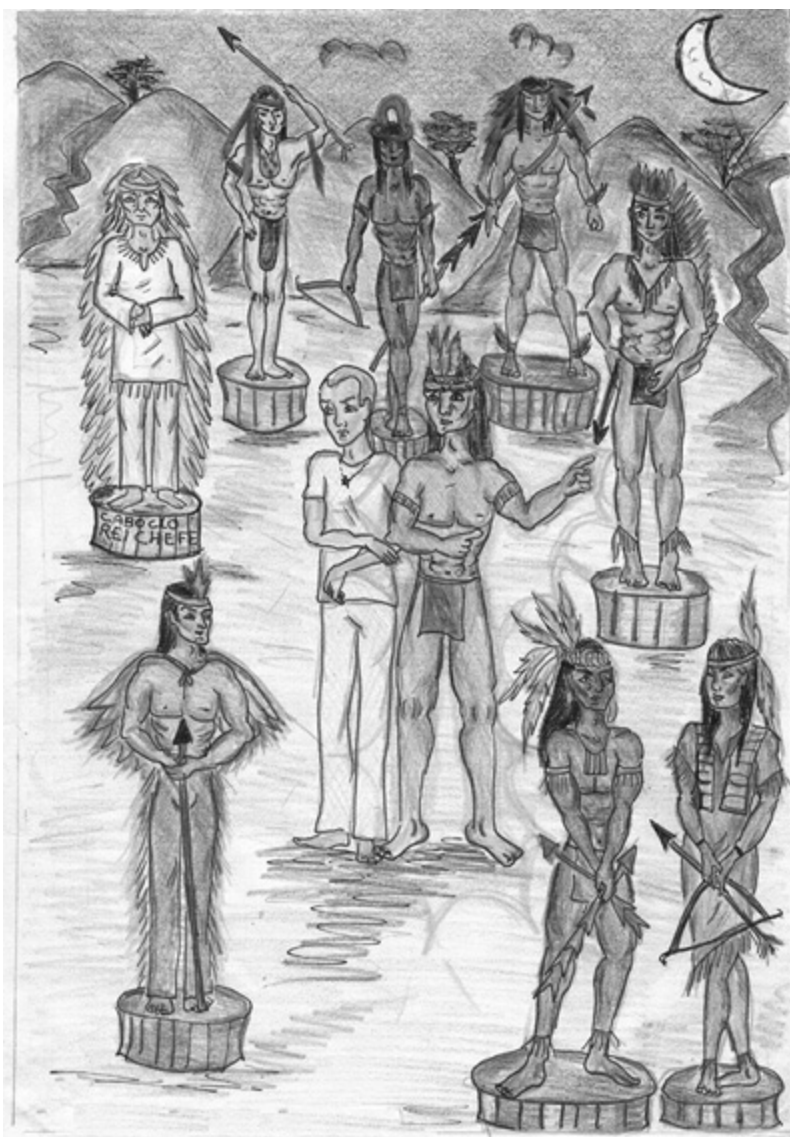
— Assim que estiver pronto, meu jovem, deve colocar a vossa mão direita em qualquer lugar da estátua e fechar os olhos. Irei harmonizá-lo e conduzi-lo até a tribo. Por assim dizer, vejo dentro de seu olhar a surpresa e a inexperiência de vossa idade, então devo ensiná-lo que um portal nada mais é que uma volitação pré-organizada, ou seja, capacidade do espírito, perante certas condições, e de acordo com o seu grau evolutivo, de poder transportar-se, elevar-se do solo e deslocar-se numa espécie de voo, dependendo de sua vontade.

Aquelas palavras, todavia, deixaram-no um bocado desconfiado, mas como aquele guardião utilizara, com ênfase, o nome do Caboclo Tupinambá, Myriel decidiu acreditar e seguir em frente. Esta já era uma prova maior do que poderia esperar de alguém desconhecido. No mais, a confiança que desfrutava de seu mentor era da mais alta estirpe, superando até a própria razão. Por outro lado, o seu coração também demonstrava vontade de aventurar-se. Não hesitou. Fechou os olhos, esperando que algo espetacular acontecesse.

*Entusiasmo eloquente,  
Sem atos de amor cristão,  
É fogo de palha seca  
Em bolhas de água sabão.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 12º CAPÍTULO

### TRIBO INDÍGENA

No entanto, quando os abriu, já havia sido deslocado. Percebeu então que um portal simbolizava nada mais de que certa movimentação mental ainda desconhecida. Ou seja, outras manifestações singulares das forças dos pensamentos.

A aldeia do índio Cachorro Branco exibia-se perante seus olhos, harmoniosa e simples. O ambiente, bastante aberto e limpo, como um vasto campo sulino; algumas montanhas distantes e o chão coberto por acessível grama rasteira, extremamente verde, refletindo paz e tranquilidade em uma plenitude imensurável. E por mais estranho que pareça, naquele campo inexistiam árvores. A sua localidade, alta, da maneira de uma cordilheira vista de cima para baixo de uma extensa serra.

De plano, após breve caminhada, Myriel localizou outras estátuas gigantescas, todas de indígenas, semelhantes àquela na entrada da pequena praça. As esculturas bem-feitas, detalhadas, estavam espalhadas sem nenhuma ordem cronológica. Elas possuíam penachos de formatos e tamanhos diversos, mas todos sempre da mesma cor: azul e branco.

Myriel parou um pouco, refletiu, e um questionamento lhe veio à mente: “— Em qual plano espiritual estarei?”. Aquelas montanhas, a ausência de árvores, leve grama rasteira, lugar espiritualizado, além da medida, desconcertavam-no. “— Agora, com certeza, estou em uma região longínqua, afastada do nobre solo brasileiro, provavelmente, na América do Norte, conforme instruiu o guardião”.

Ou melhor, encontrava-se no período vespertino, o sol reluzia em posição de 3 ou 4 horas da tarde; o terreno revelava-se imenso, plano e verde. As esculturas de pedras situavam-se espalhadas maquinalmente à exata distância de 5 metros uma da outra, e pelas contas seriam oito enormes e encantadoras. As belas montanhas de fundo, a milhares de quilômetros de distância, encerravam a harmonia do lugar.

Outra particularidade cintilava na mente de Myriel, os formatos dos penachos daqueles índios petrificados. Um deles refletia o molde de uma esfera azul em cima de uma tábua reta e achatada de cor branca. O seguinte possuía

penas retas no alto da testa, em formato de triângulo, sendo a maior pena ao meio, e as demais decrescendo pelas laterais. Um terceiro tinha um penacho curto e alinhado, o que, se não fosse a precisão do artista, poderíamos imaginar apenas uma larga e achatada pena. Os demais nada apresentavam de novo.

Enquanto mensurava aquelas estátuas, uma sombra chamou-lhe a atenção. Ao longe, um homem caminhava em sua direção. Era surreal, ainda mais por que o sol, galante, apaixonado e colossal, estava se pondo exatamente em suas costas. Via-se uma sombra gigante, em formato humano, dentro de um enorme círculo de luz. Ao aproximar-se, Myriel intuiu que fosse o Caboclo Tupinambá, mas não tinha certeza.

A imagem daquele guia nativo em pé era singularmente diferente da sua primeira conversa, em que eles estavam sentados na posição de lótus. Dessa vez, ele refletia a força de um verdadeiro indígena, e não a harmonia anterior. Tinha cor morena, músculos definidos e descobertos, cabelo preto e liso, com comprimento até o ombro. Usava calça surrada de cor alaranjada, alguns acessórios, como brincos de apetrechos diversos, palhas amarradas nas pernas e nos braços, colares de dentes de cavalos e uma estrela dourada prendendo os cabelos.

Mesmo que sua aparência estivesse deveras séria, ela ainda não irradiava qualquer intimidação; longe disso, assemelhava-se, acima de tudo, à postura de um sábio professor e não a de um poderoso líder. Um líder deve demonstrar força, coragem e intimidação; já o professor, a sabedoria, a confiança e o respeito. Sua confiança começava na forma de andar, cogitando segurança e firmeza. Ele simplesmente flutuava!

Aquela presença fez Myriel suavizar, como a um anjo quando aparece e traz os braços abertos a fim de nos resgatar. Num piscar de olhos, ele percorreu toda aquela distância, e quando Myriel percebeu já estava frente a frente com aquele índio.

*No roteiro para os cimos  
Olvida as pedras e avança...  
A beleza do triunfo  
Está na perseverança.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 13º CAPÍTULO

### PORTADORES DA LUZ DIVINA

O Caboclo Tupinambá segurou gentilmente a mão direita de seu aprendiz, afagando-lhe o coração e calmamente disse:

— Muito prazer em revê-lo, meu filho, sou eu, o Caboclo Tupinambá, seu mentor e protetor. Não temos muito tempo a perder, estamos atrasados, por isso vou imediatamente explicar-lhe alguns pontos bem importantes e gostaria que ouvisse com extrema atenção. Será de significativa utilidade:

— Os únicos seres portadores do dom da “Luz Divina”, da “Chama Sagrada”, ou também, como chamam em sua terra, do “Fogo Divino”, são os filhos de Oxalá, representantes do elemento ar. Essa dádiva serve para criar ativa ligação entre a pessoa encarnada e a entidade espiritual com quem se deseja fazer contato. No entanto, com o intuito de manejá-la com segurança, precisará dos seguintes itens: uma vela branca e um conjunto de preceitos básicos, que exemplificarei agora.

— A vela deverá ser do tamanho de um dedo pequeno, porque quanto menor a candeia, mais intenso é o vínculo. Entretanto, lembre-se, somente deverá fazer esse contato segundo ocasiões necessárias, e não maquinalmente, por mero fetiche. É extremamente relevante seguir esses preceitos para conseguir uma boa conexão. Deverá estar ajoelhado em frente à imagem que deseje realizar a conferência, pedir licença e pronunciar o nome da entidade em voz alta. Nesse caso, em especial, não pode ser mentalmente.

Naquele mesmo instante, o jovem Myriel percorria montanhas de emoções. Não sabia mais a diferença entre ansiosidade, medo ou apreensão; mesmo assim tentava-se manter concentrado e em silêncio.

Além disso, todos aqueles aprendizados novos e informações tão importantes não eram algo que ele deveria perder assim tão fácil; por isso, mesmo aflito conservava-se focado nas orientações.

Entretanto, o Caboclo não parou por ali, a palestra teve seguimento:

—Esta tribo que estamos visitando pertence ao Caboclo Rei Chefe da Umbanda, também conhecido como Cachorro Branco, no mundo espiritual, e apelidado de São Miguel Arcanjo, em todo Universo. Foi esse íntegro Caboclo quem me ensinou tudo que sei e o tudo que sou. Ele é o meu querido e amado

mentor. Já no tocante a sua personalidade, deixarei que você tire suas próprias conclusões. Qualquer detalhe de minha parte seria, por assim dizer, completamente parcial.

— Portanto, vá agora mesmo e procure, no meio de todas essas estatuetas, a dele, denominada Caboclo Rei Chefe. Quando a encontrar, o invoque, mas não se esqueça de utilizar esses preceitos comentados. Se houver dúvidas estarei próximo, obviamente.

Myriel saiu rapidamente à procura de tal estátua e, após concisa procura, lendo com dificuldade os pequenos nomes grafados nas imagens, à noite, uma delas destacou-se aos seus olhos. Era diferente das outras. A energia vinda daquela pedra estonteava-o, subia pelas pernas, percorria a espinha dorsal, descia para os braços e subia novamente em direção à nuca, como se a energia fosse materializada para dentro de seu corpo anímico. Ademais, a estatura e a magnitude daquela estátua refletiam excepcional soberania.

Estupefato, colocou gentilmente as mãos, tirou o pó e começou a procurar algum nome grafado, tentando identificar de quem se tratava aquele índio tão exuberante. Para sua surpresa e alívio, viu-se perante a imagem do Caboclo Rei Chefe.

Respirou fundo, e tentando manter a calma, fechou os olhos! Concentrou-se! E novamente não obteve êxito! Então, apressado, tremendo, iniciou os preceitos. Ajoelhou-se, pediu licença e percebeu que já existia uma vela posicionada ao lado da imagem, como se aquilo estivesse previamente preparado. Não se fez de rogado, pegou-a.

Todavia, um pouco antes de acender o pavio, o Caboclo Tupinambá, agachando-se ao lado de Myriel, encostou delicadamente suas mãos nas dele, de maneira a conduzi-las como lhe aprouvesse. Por fim, pronunciou cautelosas palavras:

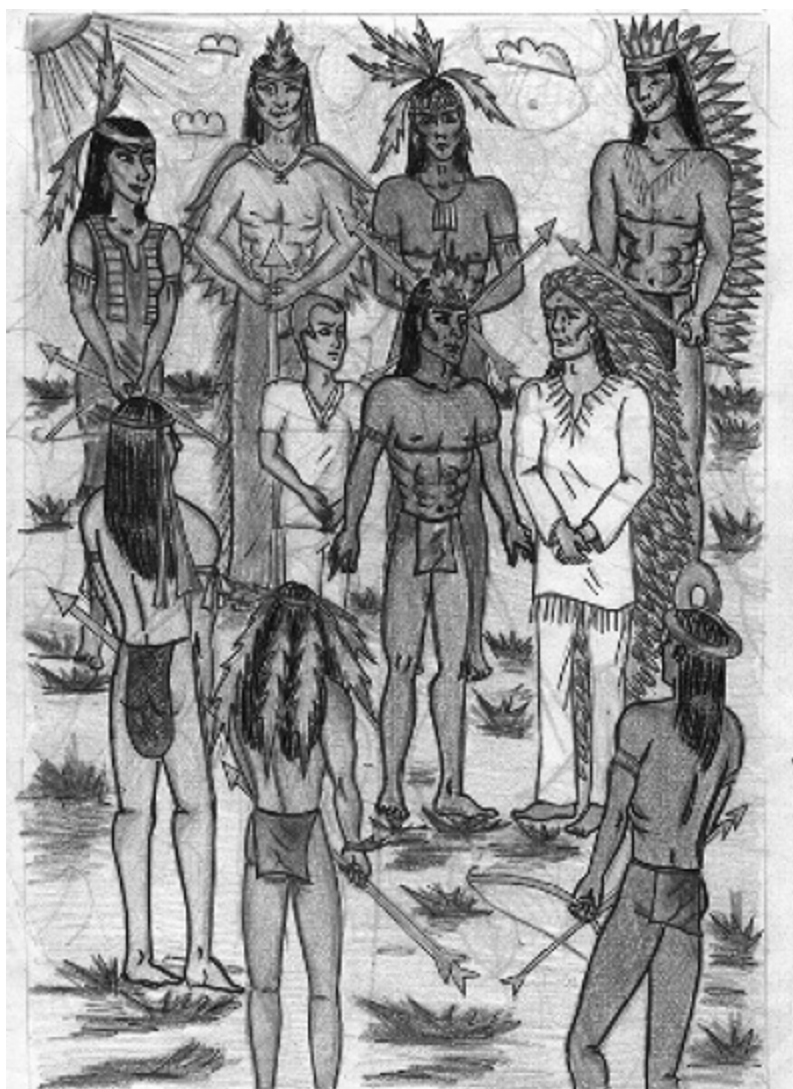
— Calma Myriel, não faça nada precipitado em sua vida, ou colherá amarguras da in experiência. Escute, no exato instante em que o Caboclo Rei Chefe chegar você não deverá pronunciar mais nenhuma palavra, nem conceber nenhum pensamento, somente ouça e seja prudente. Você não possui méritos ou permissões o suficiente para expor sua insensata opinião. Só fale se for autorizado. Entenda, por ele ter um grau superior ao seu ele sempre falará primeiro, se assim quiser.

Com efeito, o simples conselho do Caboclo Tupinambá refletiu consequência contrária à desejada. Myriel tornava-se mais tenso. Não era para menos,

quantos de nós sabem realmente permanecer em silêncio. Agora, em relação ao protagonista, sabemos não ser essa uma de suas melhores habilidades. E, no que alude a não pensar, como conseguiria tamanha proeza? Também não sabia. Teria que arriscar-se com a máxima dedicação e aguardar que o resultado fosse positivo. Não almejava outra advertência e castigo.

*Cultiva o silêncio amigo.  
O tolo que cerra os lábios  
Pode ser admitido  
Como Sábio entre os mais Sábios.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 14º CAPÍTULO

### O CABOCLO REI CHEFE DA UMBANDA

A noite já havia chegado, e somado à escuridão, trazia àquelas bandas, certa tranquilidade e frescor. Myriel, no entanto, ainda permanecia nervoso e receoso sobre aquelas condições tão incisivas. Aliás, mesmo respirando fundo e de olhos fechados, a ansiedade não lhe abandonava. Pensou até em desistir, contudo, seu corpo simplesmente não se mexia.

O Caboclo Tupinambá, sentindo a tensão de seu aprendiz, colocou-lhe a mão direita na fronte, harmonizando seus pensamentos, o que lhe fez recuperar, finalmente, a concentração dispersada pelas dúvidas.

Assim, após o Caboclo afastar-se, Myriel pediu licença em voz alta, clamando pelo Caboclo Rei Chefe, e acendeu a pequena vela. A magia, se de fato existir, não poderia realizar aquilo o que foi realizado, nem constituir espetáculo mais maravilhoso. No instante em que a modesta vela pegou fogo, algo fabuloso aconteceu. Tochas, por todos os lados, acendiam-se automaticamente, uma por uma, desregulares, e com consciência própria.

No ápice de tal espetáculo, as penetrantes figuras de pedras, pintadas de azul e branco, criavam vida e saltavam de seus pedestais, de modo natural e vigilante. Aquela movimentação ordenada, intensa e encantadora marcou as lembranças de Myriel ainda por muito tempo, como se a perfeição, a disciplina e a beleza estivessem todas arraigadas nelas.

Ao final, sete caboclos, dentre eles uma mulher, fizeram um grande círculo à volta dos dois intrusos, os rodeando e os isolando. Ou seja, dentro do pequeno círculo ficaram apenas três figuras: Myriel, o Caboclo Tupinambá e um índio esbelto de vestes prateadas, com pose destemida e altruísta. Comovido, Myriel ajoelhou, suas pernas perderam o vigor com tamanha pressão exercida por aquelas entidades. Sim, aquele deveria ser o tão esperado “Caboclo Rei Chefe da Umbanda”.

A beleza daquele chefe indígena era indescritível. Um homem de 50 a 60 anos, sem rugas, pele branca suave e polida, cabelo preto e liso, emaranhado no longo penacho. Impossível determinar onde terminava o cabelo e onde começava o penacho. Assemelhava-se ao estilo de crista indígena americano, em que se mesclam ambos. Ou melhor, penas de cor azul e branca,

incorporadas ao cabelo preto.

Sua vestimenta, inteiramente reluzente, branca com toques detalhados em prata era impecável. Acerca da pronúncia da língua portuguesa também não deixava a desejar. Dicção acurada, lapidada e com admirável clareza. Um espírito de primeira classe, puro, como a própria doutrina espírita nos ensina. Sua aura resplandecia amor, só amor... Amor de pai para filho. Amor incondicional. E que irradiava para todos os presentes.

Externamente, belo, perfeito, atraente, esbelto e poderoso. Internamente, amoroso, sábio, polido, gentil, simples e magno. Isto é, sendo exato, refletia a nós outros tudo que um dia desejamos ser e apreciamos. Poderíamos, inclusive, passar horas encontrando pontos positivos e adjetivos generosos, e mesmo assim não seria exagero.

O Caboclo Tupinambá, mantendo a seriedade, virou o rosto em direção a Myriel, olhou dentro de seus olhos, deixando-o sem defesas, além de um pouco embaraçado e muito inseguro, ignorando a presença daquele ilustre Mestre, e perguntou-lhe apurado:

— Myriel Parvulus, você está preparado para cumprir a missão mediúnica Umbandista a qual lhe foi confiada? Se estiver, eu lhe concederei a minha maior divindade, os “Olhos de Tigre”! O trabalho, visando à caridade, demanda renúncia e abundante esforço, mas também nos traz esclarecimentos e amadurecimentos íntimos. Por isso, estou plenamente convencido de sua vontade e vigor.

Ao ser questionado, contudo, quedou-se inerte. Momento em que reparou no objeto de prata no dedo anelar da mão direita do Caboclo Tupinambá, semelhante a um anel, e que a mitologia nos traduz como algo parecido com a terceira visão. Ele passava graciosamente as mãos em cima dele, como se fosse algo de extremo valor, e não se atrevia a olhar na direção daquele expressivo Chefe Indígena, que apenas observava a situação, provavelmente, analisando e tirando suas próprias elucidações.

Na ocasião, a fim de não demonstrar fraqueza em suas decisões, o Caboclo Tupinambá encarava Myriel, esperando certa aprovação, que não tardaria a chegar.

*O favor de agora cresce  
Na direção do porvir.  
Ajuda espontaneamente*

*E obterás sem pedir.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 15º CAPÍTULO

### OS OLHOS DE TIGRE

Em seguida, o Caboclo Rei Chefe, até aquele momento estático apenas escutando as afirmações de seu querido discípulo indígena, moveu a mão direita para perto do lábio superior e pronunciou duras e diretas afirmativas:

— Infelizmente, irmão Tupinambá, você não deve conceder os “Olhos de Tigre” a esse rapaz. Ele ainda não possui valor suficiente para adquiri-lo. Entendo o seu coração, caro amigo, ele é tão grande que caberia tranquilamente a todos nós, mas você ainda é um dos poucos que conheço tão digno e responsável para utilizá-lo. Essa é a sua maior divindade, e deve apenas concedê-la a pessoas com méritos e sábias, iguais a você, meu querido aprendiz.

— Além disso, seu dever é proteger, guardar e zelar por essa divindade, nunca se esqueça disso. Assim como escolher pessoas justas de tal elemento. O seu pequeno aprendiz é ainda, honestamente falando, deveras imaturo e inexperiente para tanto, principalmente nos caminhos do amor, da caridade e do trabalho.

Naquela ocasião, os dois se encararam fraternalmente, sem demonstrar fraquezas ou rendições, elucidando duas opiniões diversas, francamente respeitadas, mas não correspondidas mutuamente. O Caboclo Tupinambá, medindo com precisão as palavras do Caboclo Rei Chefe, por ser um de seus Mentores mais estimados, fechou os olhos durante alguns longos segundos e, como se o estímulo voltasse ao seu olhar, replicou utilizando as seguintes e doces argumentações:

— Meu caro e querido Mestre, o carinho e o respeito que sinto por ti são de um tamanho imensurável. Certo tempo atrás, antes de me tornar um dos protetores e usuários dos Olhos de Tigre, o senhor me disse certa frase que jamais me esquecerei, guardada a sete chaves dentro de meu peito, mas que agora se torna necessária, a fim de lembrá-lo de suas próprias definições no tocante a mim:

— Não concorda que confiar é ter fé?!

— Diante disso, sustento ter plena confiança de que ele cumprirá a sua missão como um excelente Zelador Espiritual, melhorando a si próprio na luta que o rodeia. Ele nunca se esquecerá do trabalho retificador e do amor de Jesus.

Eu o trouxe aqui exatamente por saber que o senhor nos acolheria.

O Caboclo Rei Chefe, demonstrando olhar satisfeito, quase beirando ao orgulho, mas não chegando tão longe, seriamente sorridente, continuou:

— Pois bem, já que você, meu amigo, tem tanta fé nesse menino, eu irei acompanhá-lo pessoalmente, para ver o tipo de pessoa que ele se tornará, e, no tempo certo, conversaremos sobre possíveis bonificações; não antes. Acredito ser uma decisão satisfatória para ambos. Doarei meu esforço em vossas causas. Outro assim, sempre acolherei a você, e não por que posso, mas por que você merece Tupinambá!

Finalmente, o silêncio se fez entre as partes, significando o fim da conversa dos caboclos. A aceitação foi taciturna. Ambos estavam satisfeitos. Não havia mais discussões ou controvérsias. O acordo fora firmado. Por fim, Tupinambá deixava os ombros caírem, contemplativo.

Na verdade, quando decidiu agendar aquela visita, já sabia da extrema dificuldade em convencer o Caboclo Rei Chefe. Espíritos puros geralmente agem mais com a razão do que com a emoção, mais com merecimentos do que com imagens. Os sentimentos são empregados para amar e perdoar, e não para concessões ou bonificações. Esses visam unicamente aos justos.

Quando o sol começou a nascer, o Caboclo Rei Chefe assobiou e, movendo o braço direito em círculos, disse para todos os cachorros entrarem em ordem. Os sete índios então, em uma fração de segundos, fizeram fila única, um ao lado do outro, com as cabeças erguidas, colunas eretas, braços juntos ao corpo, aguardando imóveis novas ordens.

De mais a mais, quando os primeiros raios solares atingiram a face do Caboclo Rei Chefe, ele ordenou aos seus seguidores que arrumassem as carroças, pois já estavam de partida. Os movimentos eram rápidos, coordenados, organizados e eficientes. Simplesmente espetacular! Vendo-os trabalhar daquele jeito, Myriel achava-se extasiado e com os pensamentos perdidos no tempo.

O Caboclo Tupinambá, percebendo tal desnorteamento de Myriel, deu um grito urgente e desesperado mandando-lhe entrar em uma das carroças, porque eles o transportariam de volta ao seu corpo físico. Seguindo apressado o conselho, Myriel pulou dentro da última carroça que já começava a se mover.

Ao olhar para trás uma última vez, contemplou o aceno de mãos do Caboclo Tupinambá se despedindo. Ele estava realmente contente e emocionado. Myriel pode afirmar ter visto, por um leve vislumbre, seus olhos lacrimejando,

igual a um pai que se despede de um filho no dia da saída do ninho familiar para criar o seu próprio.

Em seu coração, Myriel o respondeu:

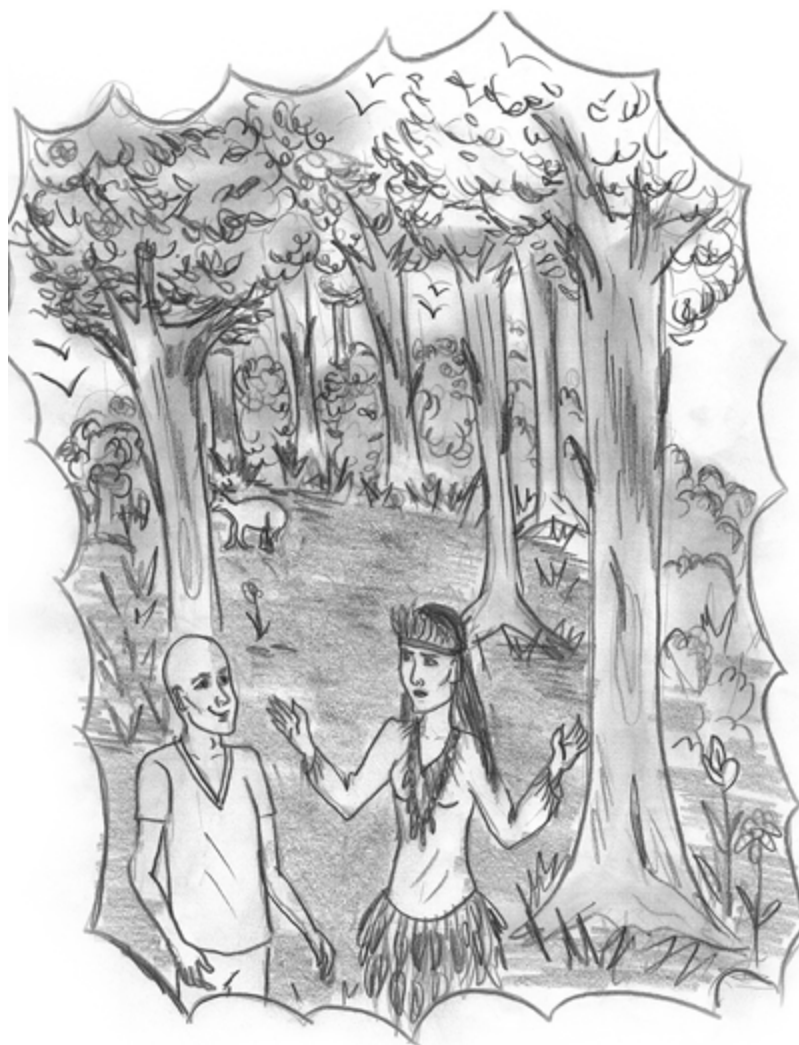
— Espero não decepcioná-lo, meu caro mentor, e por isso dedicarei todas as minhas forças em nobre batalha, lutando contra os grilhões da vida terrena, os quais me sufocam e rebocam, utilizando-se de poderosíssimo ímã de sentimentos e energias negativas. No entanto, sei que existirão, em todos os tempos, dias difíceis e duros, mas eles não me impedirão de continuar o trabalho edificador. Nem que para isso eu tenha que renunciar a minha própria sombra em prol das obrigações fundamentais.

— Por esse motivo, enquanto mantiver viva em meu coração a essência do Espiritismo e da Umbanda, visando ao amor, ao perdão, à evolução, à compreensão, à caridade e, principalmente, à riquíssima doutrina do evangelho de Jesus Cristo, não haverá portas fechadas, pois não existem barreiras capazes de afastar aqueles que carregam em suas almas o cristalino e líquido sentimento batizado de Amor!

*Se desejas algum dia  
A luz divina alcançar,  
Atende ao bem, sem repouso,  
Sem nunca desanimar.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 16º CAPÍTULO

### MATA SAGRADA

Certo dia, enquanto cumpria as tarefas designadas pelo plano espiritual, Myriel Parvulus foi tomado por pensamentos altivos que o apoderavam a alma, como se lhe fossem induzidos por alguém. Esses pensamentos estavam relacionados às giras de Umbanda, particularmente sobre a paz e a felicidade vivenciadas enquanto as frequentava, pois, por vezes, sentia energias tão benéficas e harmoniosas de modo a edificar o seu espírito.

Entretanto, questões peculiares também o angustiam o peito. Em algumas ocasiões, quando visitava determinados templos de Umbanda, reparava certos preconceitos malfazejos dos consulentes, alusivos aos guias espirituais. Isso mediante apego demais aos dogmas impregnados pela sociedade, os quais desvirtuam os preceitos de Jesus, confundindo poder e hierarquia com moral e integridade. No entanto, o que às vezes pode parecer lógico, na verdade, não o é.

Eis o que ponderava. Os consulentes vão ao templo espiritual e lá estão trabalhando cinco entidades, sendo óbvio que um deles é o comandante da sessão. Imediatamente, seus olhos alcançam aquele ser ao meio, e em seus corações já brilham desejos egoístas. Assim, dispensam lividamente os guias disponíveis, visando apenas receber o passe daquele espírito determinado, os quais julgam erroneamente mais fortes, mais experientes ou mais belos; deixando passar, ocasionalmente e despercebido, um possível amigo espiritual, o qual poderiam ter se relacionado e aproximado. Isso se não julgassem o livro pela capa. No mais, este é erro muito frequente entre todos os seres humanos.

Myriel acreditava saber intimamente disto, mas os seus dias de provações estavam apenas começando. Em certas ocasiões, saber algo com a mente não é a mesma coisa de discernir com o coração.

— Caro filho, disse o Caboclo Tupinambá, tanto a variedade, quanto a diversidade são as maiores riquezas dos seres vivos, presentes de Deus, nosso Pai, ao nosso propósito de crescimento e aperfeiçoamento. Por certo, se não tivéssemos essa diferença, distinção e desigualdade, nós não teríamos a oportunidade de compreender os nossos irmãos, e nem ao menos a nós mesmos. Por consequência, não desfrutaríamos do necessário merecimento dos

justos.

— Somos basicamente cegos por natureza. Portanto, se não sofrêssemos as cruciais dores, mágoas, tristezas e necessidades da vida, nós não conseguiríamos visualizar os nossos próprios defeitos. Deus sabe disso, por isso nos abençoa com esses divinos professores. — E veja — continuou o Caboclo na divina lição — para que isso ocorra faz-se precisa a existência de seres diferentes, com atitudes diversas e energias distintas, todos convivendo em um mesmo plano, como máquina ativa chamada de ciclo da vida.

— Amar ao próximo como amamos a nós mesmos é um dos principais pontos do Evangelho de Jesus. Agora, entender e compreender a diferença entre os seres vivos, essa é a verdadeira chave para o nascimento desse amor. Não quero, no entanto, entrar a fundo no motivo da criação da diversidade, pois seria o mesmo que tentar penetrar nos impenetráveis conhecimentos superiores de Deus, e, nessa vertente, ainda somos deveras jovens e imaturos.

À vista disso, Myriel Parvulus foi convidado pela Cabocla Jurema, sua madrinha espiritual, entidade elegida para, em conjunto com o Caboclo Tupinambá, auxiliá-lo nessa jornada mediúnica, a fim de visitar uma fascinante gira de Caboclos, dirigida por ela, nas famosas Matas Sagradas que circundam algumas das colônias espirituais.

— Será um dia memorável, Myriel, de renovação, purificação e energização da alma. Muitos foram convocados para o trabalho retificador aos necessitados. Esperamos com fé em Cristo o entendimento de nossos irmãos superiores, que não se eximem de nossos apelos, uma vez que os necessitados, assim como você, possam restabelecer o estímulo e a fertilidade, na direção edificativa das provações vindouras da carne e do espírito. — Elucidou a Cabocla Jurema, logo em sua chegada.

Após o desdobramento do espírito e as breves náuseas rotineiras, Myriel, acompanhado dessa vez pela Cabocla Jurema, entrou pela primeira vez naquele enigmático ambiente chamado de “Mata Sagrada”. No entanto, a volitação, mesmo realizada com tamanha experiência daquela entidade, não foi perfeita, demonstrando a existência de incontáveis degraus para alcançar a excelência.

— Precisaremos caminhar um pouco, Myriel, mas será rápido, não se preocupe, existe uma trilha logo adiante. — Disse a Cabocla Jurema, com pesar e gentileza.

À medida que eles andavam, Myriel admirava aquela instrutora. Ela vestia uma bela e simples bata verde-esmeralda, junto com uma saia longa de palha, e

um cocar com pequenas penas de vários pássaros silvestres. Seu rosto era fino e iluminado por sua sabedoria aparente, contudo, certos traços indicavam rigidez e seriedade, aparentemente normais naqueles seres indígenas. O cabelo, característica marcante, lembrava a cor do sol, único traço que espelhava algo atraente em meio a todo aquele labor.

Não foram necessários nem dois minutos e já estavam no local indicado. Nesse curto trajeto viram as costumeiras árvores do plano espiritual, colossais e antigas, enraizadas tão juntas que limitavam a entrada do sol tanto quanto uma peneira com seus pequenos furos. Os troncos antigos determinavam a grossura e a espessura da raiz. A vida animal, por outro lado, comparecia por meio dos nítidos e animados cantos dos pássaros. Mas essas imagens foram apenas alusivas daquele pequeno passeio.

O local propriamente dito era espaçosamente simples e vivo, e, em que pese a Mata Sagrada ser absolutamente fechada, àquele ambiente, diferentemente, mantinha uma magnífica paisagem, verde e florida. Os sons ressoavam dos bosques vizinhos, por exemplo, os cantos dos alegres pássaros e a sinfonia dos ventos nas árvores. Aliás, os pássaros como sempre faziam uma festa à parte, gritando, brigando e se divertindo, da maneira de inocentes criaturas a quem a maldade desconhece.

Outrossim, Myriel acreditava, inclusive, ter visto de relance um quadrúpede correndo. Talvez uma cerva ou um veado. Ele passou rapidamente ao lado de onde estava e foi causa de grande admiração. De resto, ao redor, apenas alguns arbustos atípicos, folhagens coloridas, principalmente roxas e amarelas brilhantes e chamativas, semelhantes às minúsculas árvores de primaveras. Por fim, do lado direito, estavam um tanto de ervas medicinais espalhadas entre as rosas e os arbustos coloridos.

Myriel não sabia ao certo, mas aquela floresta aparentava ter milhares de anos, mesmo com sua feição viva e disposta a receber visitas.

*O rico que serve a todos,  
Mostrando amor e humildade,  
Desde a carne enganadora  
Penetra na santidade.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 17º CAPÍTULO

### GIRA DE CABOCLOS

— O local de trabalho não será deste lado, aqui será onde vocês, assistências, permanecerão. Ali em frente, meu filho – Disse a Cabocla Jurema indicando com o dedo —, será a área dos servidores. Ela foi preparada especialmente para esse dia de atividades. Nós retiramos a grama, as árvores e realocamos para outro espaço. Não vê que a beleza está redobrada em certos pontos? O objetivo é iniciar a harmonização já na fila de espera. As árvores foram afastadas até as laterais, dando aparência semelhante às paredes de um templo. O chão, como você está vendo, é de apenas terra, adequada com pisadas e batidos de centenas de eficientes obreiros. Deu muito trabalho! Para tanto, receberemos média de seis mil necessitados.

Enquanto a Cabocla Jurema articulava, alguns irmãos espirituais alocavam numerosos bancos por toda aquela área, sem machucar ou modificar a beleza natural e estruturada, realizada com tanto esforço. Esses assentos aparentavam ser feitos de madeira de mogno, pela cor e qualidade. Eram compridos, e caberiam, em cada um deles, aproximadamente 10 a 20 consulentes, sendo estrategicamente dispostos à abertura da extensão onde seriam executados os passes.

Dali a poucos instantes, diversas volitações ocorreriam por todos os cantos, lotando os assentos em frações de segundos.

— Vá logo, meu filho, e escolha um lugar para ti. Tente aprender algo de bom e exerça o máximo de respeito e compreensão – Indicou a Cabocla Jurema —. Hoje, no entanto, serei a líder da corrente e não poderei lhe dar mais atenção. Siga as instruções dos coordenadores, por favor.

Myriel escolheu um lugar ao meio, não queria ser o último e nem o primeiro. Lembrou-se das palavras do Evangelho de Jesus: “Quando fores convidado para um banquete nupcial, não tomes o primeiro lugar. Pode acontecer que tenha sido convidado alguém mais importante do que tu; então, aquele que vos convidou a ambos, terá que te dizer: ‘Dá o lugar a este’; e ficarás depois envergonhado, se tiveres de ocupar o último lugar. Por isso, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele que te convidou, dirá: ‘Amigo, sobe mais para cima’; ficarás então honrado aos olhos

dos outros convidados. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”. Tomado por esse sentimento, Myriel abandonou os primeiros postos.

No tempo em que aguardava, escutou a seguinte conversa entre dois convidados, que de acordo com a aparência deviam ser bem mais experientes do que ele:

— Ouvi dizer pelo meu mentor a vinda de guias de colônias distantes, da Europa, América do Norte e Sul e até do Ocidente.

— Meu irmão, eu escutei algo diferente. O líder será uma das ministras de Aruanda ou Alvorada, mas não consigo me lembrar dos termos exatos e nem do nome.

— De qualquer forma será incrível, pois quantos conhecimentos novos nós poderemos introduzir nos planos terrenos e, assim, divulgar aos nossos queridos irmãos. E quem sabe, até realizar um trabalho mais eficiente e seguro.

— Devo concordar! Só de poder estar aqui já é um grande privilégio. Somos sortudos por termos orientadores dedicados ao nosso aprendizado, mesmo com o sacrifício de tempo precioso em que poderiam auxiliar irmãos ainda mais necessitados.

Ouvindo impressionado o diálogo construtivo de dois colegas em semelhante patamar, reflexões também nasciam no jovem espírito de Myriel:

— Visitar uma gira espiritual será realmente instrutivo. Aprender com esses espíritos a fazer uma genuína sessão de passe, para que, no momento certo, possa compartilhar desses conhecimentos com meus irmãos encarnados.

Instantes depois, o público foi abordado e recepcionado por uma moça de aparência jovial, em torno de 30 anos de idade, séria, gentil e veemente respeitosa, vestida de roupa branca e saia de rendas prateadas.

Ela portava em seu braço esquerdo uma lista com o nome dos convidados e dos consulentes. Em breves palavras, informou-os, com voz doce, que, naquela data em especial, seria realizada uma corrente de passes e energização com as linhas e falanges de caboclos pertencentes às várias colônias. Sustentando o que fora dito como boato segundo atrás.

Ao fim daquela pequena palestra deram início à solenidade.

Primeiro serviram-se de uma perfumada defumação com ervas ungidas, depois cantos ritualísticos, declarando a abertura do expediente. Até aquele momento, contudo, ainda não haviam entrado os inúmeros Caboclos/Caboclas que tanto Myriel aguardava. Estavam presentes apenas a eficiente falange da

Cabocla Jurema e seus assessores encarregados da ritualística. Por certo entrariam em etapa oportuna.

Os louvores, que por sinal estavam harmoniosos e animados, foram aquietando aos poucos, conservando ao meio a Cabocla Jurema, de olhos fechados. De pronto, realizou silenciosa oração de abertura, levantando e abrindo os braços até a parte de acima de sua cabeça em direção aos céus. Repentinamente, aborígenes de todos os cantos em volta da Mata Sagrada volitavam dentro do terreno sagrado de terra batida, como raios de sois coloridos, envoltos por luzes de cores mescladas e vivas. Eles vinham devidamente acompanhados por seus particulares auxiliadores.

Aquela chegada surpreendeu com tanto vigor aos que assistiam, que quando Myriel olhou para os lados, não via outras faces senão a de admiração e entusiasmo. A gira estava finalmente aberta, os servidores em seus lugares e a ritualística impecável. Um magnífico show de cores e luzes!

Os caboclos recém-chegados faziam um grande e experiente círculo vibratório, equivalente a uma corrente energética, contornando toda a área, sem nem ao menos darem as mãos, uns ao lado dos outros, em ordem, manipulando os elementos sagrados da mata sagrada as quais tinham mais afinidades.

Sucessivamente, a moça com a prancheta, de forma simpática, convocou todos os assistentes e os visitantes a fazerem uma fila única para adentrarem no santuário. Houve, entretanto, uma breve explicação de como funcionaria aquela limpeza.

—Senhores e Senhoras, que hoje seja um bom dia a todos nós. Queridos irmãos, vocês foram convocados nesta data tão especial a fim de receberem essa harmoniosa energização, percorrendo cada um dos laboriosos indígenas, sem exceção, com o intuito de adquirir todas as bênçãos possíveis. Por certo, os senhores não poderão mais ausentar-se quando decidirem entrar, para que não haja quebra na formação espiritual. Lembrem-se, o êxito de uma corrente está na força do seu elo mais fraco.

*Põe o serviço em teus braços,  
Põe a bondade em teus olhos...  
E terás por toda parte  
Um roseiral sem abrolhos.*

Ditado pelo Espírito

Casimiro Cunha





## 18º CAPÍTULO

### MAL SÚBITO

Doravante, enquanto Myriel estava sentado, assistindo aquele mágico espetáculo, não pode deixar de reparar e pensar na diversidade de caboclos e entidades existentes. Índios com penachos pretos, vermelhos, azuis, amarelos, verdes e roxos; misturas de verdes, azuis e amarelos, azuis e verdes. Outros falavam línguas estrangeiras, gritavam, bradavam, rezavam e alguns até dançavam. Ainda podia destacar os preparados com ervas, folhas, casquilhos e outros objetos, de semelhante matéria do plano terreno, dos quais Myriel não conseguia, devido à quantidade, absorver tamanhos detalhes.

Os participantes estavam deslumbrados. A variedade de Índios era enorme, para não dizer inacreditável! As energias irradiavam em todas as direções, do jeito de nuvens tão carregadas prestes a despencar águas purificadoras. Os mais admiráveis, no entanto, eram a notável beleza e a inquestionável força daquela esmagadora massa. Myriel tinha a sensação de que a gravidade estava tão densa e pesada, que não conseguiria permanecer em pé naquele fluxo por muito tempo.

Afinal, percebeu que não é a igualdade que gera a eficiência e o encanto, e, sim, a diferença de vários personagens, cada um, com sua cultura, aprendizado e experiência, trabalhando unidos em uma única simbiose, não com palavras, mas com gestos, atitudes e respeito mútuo. Lembrou-se, então, de uma música do Orixá Oxóssi (representante das matas), vivenciada enquanto participava de um concurso chamado de “atabaque de ouro”, o qual se encaixava perfeitamente às imagens daquela visão. Ponto cantado pelo Senhor José Carlos de Oxóssi:

*São tantos caboclos, que nem dá para mencionar,  
Mas em nome de Oxalá, é a minha proteção Odé.  
Meu Pai Oxóssi, Sua Falange é Infinita,  
É tão forte, é tão bonita, é a minha devoção.  
É meu coração cheio de emoção,  
Tudo em meu viver, na palma da sua mão.*

Não tardou e logo os assistentes começaram a entrar naquela corrente. Os

Caboclos davam passes de diversas formas, modificando as energias ao seu bel prazer, provendo certa estabilidade vibratória.

Finalmente, os trabalhos iniciaram. A manipulação dos elementos da natureza, dos ânimos era absorvente e ativa. Myriel, sem perceber, estava no centro de um furacão, ou melhor, de um redemoinho de vivacidade e de vigor. Ou melhor ainda, aguardava a sua vez, porém já nutria boas vibrações, estava feliz!

Foi assim que, em meio de todo aquele ambiente luminoso, inesperadamente, um mal súbito apoderou-se dele, como uma estranha oscilação espiritual. Essa tensão envolveu todo o seu corpo, dominou seus sentidos e sua alma, até perder parcialmente o equilíbrio. Gradualmente, Myriel foi forçado a abandonar o controle do corpo, não conseguia mais manter-se imóvel.

Ao dar um passo à frente, sentiu alívio, afinal chegava sua vez de entrar no firmamento, apesar de que algo ainda o governava com certa inflexibilidade. Um pensamento então lhe veio à tona, como se fosse introduzido dentro de sua mente: — Respire fundo e feche os olhos.

Não hesitou, fechou os olhos e sentiu-se sufocado e sem ar. Algo ou alguém repartia as funções de seu espírito, do jeito que fosse ele, mas ao mesmo tempo não o fosse. Ainda assim, pode ver, dentro de sua consciência, como se estivesse à sua frente, a bela e luminosa imagem do Caboclo Tupinambá.

Abrindo novamente os olhos ouviu algo saindo de seus próprios lábios, que, mesmos imóveis, liberavam sons, nos seguintes termos:

— Myriel, permita-me trabalhar no fluxo de harmonização, em parceria com os outros caboclos, envolvendo o teu espírito rente ao meu numa perfeita simbiose! Todavia, a realização desse tipo de junção necessita de consciência tranquila e liberta; tal qual instrumento hábil e afinado.

Naquele momento, o estômago de Myriel revirou, seu corpo estremeceu, enfim foi subjugado! Apesar disso, mesmo no estado de semiconsciência, não permitia total controle de seus atos. Mantinha-se teimoso e ignorante. No entanto, o Caboclo Tupinambá tinha persistência em seus ensinamentos e não desistiria tão fácil. Assim, passo por passo, eles cravavam uma intensa batalha no meio daquela corrente.

*Quando o Céu procura um homem  
Que deseja conhecer*

*Manda que o mundo lhe empreste  
Dinheiro, fama ou poder.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 19º CAPÍTULO

### TEIMOSIA E VAIDADE

Em verdade, não existia um motivo lógico e coerente para tamanha relutância de Myriel. Podemos afirmar, entretanto, o seu desejo egoísta de desfrutar sozinho e sem interferências, aqueles fluidos extasiantes, além de conhecer novos espíritos. Mas, de síntese, sua alma estava repleta de intensa vaidade e de curiosidade malfazeja. Ao contrário do esperado, Myriel ainda era deveras imaturo e ignorante.

Porém, ainda outro desejo obscuro lhe corroía a alma. Ansiava em receber um passe e uma consulta exclusiva com a Cabocla Jurema, que, por tomar conta da gira, sustentava-se a última da corrente. Aliás, alcançá-la não seria tarefa fácil, pois deveria suportar o andar de todos os outros caboclos. Sabia intuitivamente que, se quisesse concluir aquele espinhoso sonho, não poderia deixar nem o seu próprio mentor trabalhar. Infelizmente, essa foi a penosa trajetória que escolheu trilhar. Não é de se queixar que as duras palavras do Caboclo Rei Chefe estivessem corretas, ele ainda não possuía habilidades morais suficientes para tal encargo.

Pois bem, encaminharam-no, quase empurrado, para as primícias do longo corredor, lugar onde aqueles consagrados e bravos indígenas estavam laborando. Em determinado momento, de tão entorpecido, não era mais capaz de saber se estava no começo, no meio ou no fim. Não conseguia visualizar, nem ao menos, quem estava à sua frente, nem a feição, nem gestos ou cores.

Seja dito de passagem, cada vez que um dos caboclos encostava-o, seja com as mãos, ou com os chocalhos ou com as ervas, era tal como receber uma forte pancada. Além de que, naquele pouco autodomínio, pressentia não conseguir mais aguentar. Aquela limpeza desnorteava os seus sentidos, e suas forças esvaíam-se. Tinha a impressão que todos sabiam a intenção de seu mentor e o estavam ajudando.

O Caboclo Tupinambá, com insistência e potência, tentava-o atirar ao chão de tão inflamado com a aquela atitude insólita, uma vez que somente desejava ajudar Myriel, ensinar-lhe, nem que fosse preciso utilizar o uso de força bruta.

No entanto, algo, de repente, sobressaltou Myriel! Ao abrir levemente os olhos, deparou-se com um índio enorme. Ele era magro, ossudo, olhos virados

para o altíssimo, rosto chupado e cumprido. Usava um longo penacho preto acima da cabeça, provável de penas da galinha angola, bem como uma vara longa e fina, amarrada com cabaças em uma das pontas, essas que faziam barulho de inúmeras sementes chacoalhando.

Esse índio pegou-o duramente pelos braços e começou a passar aquele enorme instrumento em volta de seu corpo. Seus olhos virados para o céu, nem ao pior encaravam-no. Seu porte era deveras volumoso. Essa foi a última recordação concreta que Myriel teve, de resto, apenas flashes de certos espaços e índios, e o contínuo transe em semiconsciência.

Ocorre que, quando finalmente se deu por conta, já havia chegado à Cabocla Jurema. Lá estava ela, parada a sua frente. Após o primeiro olhar, a absorvente turbulência chegara ao seu desfecho. A felicidade que Myriel sentia assemelhava-se a de um guerreiro que vence a guerra, mas que quando olha para trás e vê seu povo trucidado, descobre que o coração fora perdido e o sabor é de pura amargura! Alegria de uma pessoa inocente e inexperiente! Contentamento que nunca dura muito tempo.

Jurema, a cabocla líder da presente, rosto rígido, enrugado, duro, lábios pequenos e virados para baixo, aparentava raiva e desprezo incondicional. Ela despachou Myriel furiosamente com as seguintes palavras:

— Caro afilhado, porque esperou chegar até minha pessoa para deixar seu caboclo trabalhar, ele já havia solicitado minha autorização para nos ajudar. Inclusive, atente-se no seguinte, ele apenas desejava utilizá-lo a fim de ensiná-lo e instruí-lo na arte da harmonização. Acabaste de perder oportunidade única de aprimorar seus conhecimentos e de ganhar alguns créditos de trabalho.

— Grave na sua alma de uma vez por todas. O irmão Tupinambá, experiente orientador, amigo de longas datas, avalia e distingui os melhores caminhos do seu amadurecimento, Myriel, então, se ele requisitou seu tempo e sua dedicação, deverias, no mínimo, ter concedido. Agora, como punição pela sua teimosia e irracionalidade, volte para o banco e pense sobre seus atos. Fique lá até o final da gira!

Myriel retornou ao banco cabisbaixo, triste e decepcionado consigo mesmo. Sentou-se no banco e removeu centenas de vezes em seus pensamentos como havia errado e desiludido o Caboclo Tupinambá; e não só apenas nessa gira, mas também porque existiam dias de sessões espíritas em que ele o sentia encostar para trabalhar; contudo, não permitia a incorporação, pois, muitas vezes, queria conversar com outros guias, ou até porque tinha medo da reação

das pessoas, por achar a incorporação inadequada em determinados instantes. Durante a reflexão, lágrimas de tristeza e pesar escorriam de seus olhos sem cessar. Em suma, pensava:

— Oh meu Deus do Céu, sou tão falho, não sei como aquele Índio, tão merecedor e digno, ainda carrega tanta fé em um filho tão ignorante e individualista como eu. Por vezes, só percebo o erro depois de ter errado. Salve-me, Pai. Dê-me luz e sabedoria. Não tarde nos esclarecimentos de meu espírito. Ora, de que outra forma poderia melhorar, senão pelos seus conselhos?!

*Agradecemos ao mundo  
O cálix de angústia e fel.  
O mármore se aprimora  
A beliscões de cinzel.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 20º CAPÍTULO

### ORAÇÃO DE ARREPENDIMENTO

Foi então que, naquele momento de meditação intensa, de arrependimento, penitência e lágrimas, acabou subitamente fechando os olhos. Não sabia ao certo quanto tempo se passou, mas quando os abriu, escutou um alto estrondo do seu lado direito. Olhou assustado, procurando saber o que estava acontecendo. Uma enorme luz, vinda daquele canto da mata, ofuscou seus olhos por alguns segundos.

Ao acostumar-se àquele brilho, observou atentamente o ponto de onde reluzia todo aquele clarão, e que surpresa! Lembrava um Caboclo, porém diferente de todos os outros presentes. A sua aparência, em que pese ser simples e humilde, tinha ar cansado e refulgia superioridade astral. Tratava-se de um senhor de uns 50 a 60 anos, vestindo roupa branca e prateada que, por causa do brilho, lembrava asas angelicais. Tinha o cabelo preto e longo misturado com penas azuis e brancas, e um envoltório corporal luminoso, belíssimo e puro. Andava lentamente e vinha em direção aos bancos dos assistentes.

– Você viu o que aconteceu? Por acaso, foi aquele irmão que produziu aquela enorme luz e sons, como se uma cavalaria poderosa estivesse chegando? Deve ser um espírito puro! – cochichavam alguns espíritos ao lado de Myriel.

Por mais que não reconhecesse o rosto e o envoltório, até aquele momento eram novos para ele, Myriel Parvulus identificava aquele calor, aquela energia e aquela afabilidade. Passaram-se as seguintes expressões, como se um raio atravessasse a mente de Myriel:

– Não será possível, é ele mesmo, São Miguel Arcanjo, o Caboclo Rei Chefe da Umbanda, tenho certeza!

Aquele semblante tranquilizou Myriel, afeição reconfortante.

Outros espíritos a sua volta continuavam discutindo:

– Quem será esse caboclo, esse espírito de classe tão superior que acabou de chegar? O que será que veio fazer aqui? É tão glamoroso!

Esse anjo andava em direção de Myriel. Os seus passos demonstravam tanta leveza e suavidade, que quando se locomovia, equiparava-se às nuvens. Afinal, sentou-se do seu lado direito. Ele irradiava paz para o coração de Myriel. O seu olhar, todavia, ainda continuava fixo em frente, como se rasgasse o tempo, o

espaço e a distância. Após alguns instantes, bondoso, disse:

– Meu filho, por acaso lhe incomoda se eu sentar aqui do seu lado? Não, eu suponho. Agora, como já lhe disse anteriormente, sou eu que estou acompanhando-o. Surpreendido, escutei a sua oração bem distante, e por ser tão límpida e lavada, resolvi visitá-lo. Apesar disso, espero que compreenda a punição imposta como algo benéfico, e não prejudicial. Ela significa que você é querido pelas entidades. E, sim, já estou sabendo, Está estampado em seu rosto, e também na feição do irmão Tupinambá e da irmã Jurema, de que algo não saiu da forma como esperavam.

– Tenha a certeza, se brigam com você é por que desejam o seu bem e esperam que você se torne uma pessoa melhor. As repreensões servem para entender onde errastes, visto que somente assim aprenderá a não escorregar novamente. O erro é um grande professor, lembre-se disso; não o trate como algo repugnante e, sim, com o devido respeito que merece.

– É visível, assim como divino instrutor, a falha deve ser ouvida, estudada e respeitada, pois traz importantes lições, aprendizados, novidades, crescimento e muitas oportunidades. São grandes presentes de Deus, para nós, seus filhos queridos.

– A propósito, esclarecendo, eu sou para você – continuou aquele sábio – semelhante a um avô. Venho somente em consolo e auxílio, e não como doutrinador, como seus mentores, mas, sim, na maneira de um prudente conselheiro. Guias com vontade de conduzírem-nos nos caminhos do amor têm-nos em abundância, e, diga-se a verdade, muito mais do que és digno. Vês como Deus é bom conosco.

– Eles são sábios, maduros e experientes, mas não são perfeitos, é claro, mas tudo o que fazem é para lhe lapidar. Oh Myriel, agora vejo o que meu aprendiz viu em tu. Por mais que seja jovem, inexperiente e azedo, como um legítimo filho de Oxalá, teu coração é gigantesco e bondoso. Tens potencial, meu neto, assim como uma pequena semente pode tornar-se uma grande floresta. Porém, por ora, descanse!

Ao término daquela gira, o Caboclo Rei Chefe deu-lhe um abraço apertado e afetuosos, o qual Myriel não queria ter fim. Vivenciava excepcional amor e carinho.

Seja dito de passagem, ao ver o Caboclo Rei Chefe sentado ao seu lado, sentiu um carinho profundo emanando de sua presença, sentimento este que somente um mestre poderia dar com tanto amor e sabedoria, principalmente

no momento em que seus filhos e aprendizes estão desconsolados e perdidos.

Após alguns minutos, afável, ele transportou Myriel Parvulus pessoalmente de volta ao corpo carnal.

*Essa lição tão importante ficou latente em seus pensamentos, e, assim como as outras, guardou-as semelhante a uma joia rara em seu coração. Aliás, uma incontrolável sensação cresceu em seu espírito, do mesmo modo de uma semente após a chuva, que recebe água edificante para o seu crescimento pessoal. Tal sensação poderia ser traduzida, mais ou menos, assim: –Devo e vou melhorar, a cada dia que passe, para poder um dia, quando desencarnar, conseguir olhar o Mestre Jesus, e seus mensageiros, nos portões de entrada do reino celestial, com a convicção de que o trabalho foi concluído com sucesso e amor.*

*Por mais negra seja a hora,  
Continua calmo e crente.  
Não há guerra ou tempestade  
Que durem eternamente.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 21º CAPÍTULO

### SESSÃO MEDIÚNICA

O florescimento da natureza é algo realmente maravilhoso. De acordo com o período anual, ele pode se dividir em alguns períodos distintos, denominado clima. Entretanto, também possui outros padrões climáticos, quais sejam, verão, outono, inverno e primavera. Além disso, em virtude da grande extensão territorial do Brasil, podemos encontrar diferentes variedades de climas, dependendo da região; no entanto, a maior parte da área está localizada na zona intertropical. Na região Sudeste, local em que Myriel reside, a predominância é tropical, todavia, também podemos encontrar os climas subtropicais e semiáridos.

Em vista disso, dentro da basílica que Myriel frequenta existem rituais específicos indicadores dessas passagens climáticas. Em geral, são realizados três costumes gerais. No início do ano, ou seja, no verão, o “Amací”, cerimônia de lavagem da cabeça com ervas para proteção. Na chegada do inverno, em junho, o “Firmamento”, cerimônia para fortalecimento do espaço mediúnico e da corrente espiritual. E, por último, no final da primavera, em dezembro, o “Fechamento de Corpo” e “Agradecimentos”, tendo por intuito encerrar as atividades mediúnicas daquele ciclo.

Outrossim, no final do outono, com a aproximação do inverno, foi convocada uma pequena sessão mediúnica no seu Templo Espiritual. Nesse ritual, devido à importância, somente iriam participar alguns médiuns selecionados, com a meta de realizar uma corrente de firmeza e fortalecendo do santuário, para a chegada do segundo semestre, ou seja, do inverno e da primavera.

O templo é situado em um grande salão de festas, de aproximadamente cem metros quadrados, construído em volta de um categórico pilar, que de tão elegante sempre é enfeitado com flores e palhas artesanais. O Altar, centralizado ao fundo, é dividido em três largas camadas. Na mais alta, Oxalá, no meio, os Orixás, e na última, as entidades espirituais (caboclos, pretos-velhos etc.).

Aliás, um pequeno portão de cor verde, de aproximadamente um metro e meio de altura, divide no meio a assistência do congá. Outro portão, da mesma

cor, com o dobro do tamanho, para a rua. O lugar inteiro foi pintado de verde e branco, sendo a metade do lado de cima da parede de branco, e a de baixo, de verde. Os bancos da assistência são cumpridos e feitos de madeira, sem o encosto das costas. De resto, flores e plantas espalhadas em lugares estratégicos, dando beleza e vida ao amplo e organizado ambiente. Digo, assim como o Bispo Bienvenu diz, muitas vezes o belo é tão útil quanto o que é útil, ou até mais.

Nesse dia em especial estavam trabalhando apenas alguns escolhidos, mais dedicados e firmes em suas mediunidades. De todos eles, Myriel foi o único indicado como jovem aprendiz, o qual seria preparado para dirigente menor. Cada médium estava acompanhado por um cambono. Eles auxiliavam e cantavam junto com os atabaqueiros, manejaadores experientes das energias vibratórias.

Os rituais iniciaram-se normalmente, cantos baixos e harmoniosos. Foi entoado o hino da Umbanda, a louvação dos orixás, saudação à esquerda, defumação com as sete ervas – alecrim, arruda, guiné, comigo-ninguém-pode, manjerição, hortelã e boldo – oração do pai-nosso, e uma prece aos mensageiros divinos pedindo licença objetivando iniciar os trabalhos em segurança. O culto estava confortável e em harmonia, sem aborrecimentos ou adversidades.

Importante frisar a obrigatoriedade nas sessões mediúnicas de permanecer com as portas sempre abertas, direcionando cargas negativas em direção à rua. No entanto, nesse momento, Myriel avistou um homem entrando no templo. E mesmo sendo dia de domingo, sentou-se.

Esse homem tinha na aparência certo descaso, além de estatura mediana, magro, rosto chupado, pele branca, barba malfeita e cerrada, cabelo liso e curto. Vestia calça jeans e camiseta cores branca e rosa. Além disso, aparentava certo desconforto ou agressividade latente. A pele brilhava de forma estranha, semelhante às pessoas que mantêm o uso de álcool habitual. Os olhos estavam vermelhos e irritados.

Não satisfeito, Myriel encarou-o novamente e concentrou-se naquela aparência despojada. Ele parecia alterado, talvez alcoolizado, mas não podia afirmar com certeza, e por esse motivo não se manifestou, deixando os trabalhos seguirem a ritualística normal. Ademais, questionou-se:

– Se as portas estão abertas, é porque sempre estamos dispostos a praticar a caridade e auxiliar nossos irmãos necessitados. Sim, do mesmo modo, somos

aprendizes do Evangelho de Jesus e não podemos denominar quem quer que seja somente pela aparência, e, sim, por suas atitudes. Isso sem nunca entrar no mérito dos julgamentos, como legítimos seguidores da doutrina do amor, que nos ensina justamente com a parábola da mulher surpreendida em adultério, de todos, aquele que não tiver pecados que lhe atire a primeira pedra. Além disso, o rapaz ainda não tinha se manifestado, seu único pecado foi entrar na casa de Deus, e isso não é um crime, é uma bênção.

*Seja teu verbo na vida  
Bem sentido, bem pensado,  
Quem dorme, acusando os outros,  
Desperta caluniado.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 22º CAPÍTULO

### PALAVRAS DE REPROVAÇÃO

Os toques e as cantigas estabeleceram ritmo ativo. O primeiro guia a se manifestar foi a Cabocla Jurema, uma das mentoras da dirigente espiritual que, ao ouvir o ponto de chamada, aproximou-se rapidamente, realizando a incorporação em seu aparelho. Ela firmou seu ponto, acendeu sua vela e o seu charuto, utilizado habitualmente para realizar limpezas nos consulentes. Em seguida, Myriel Parvulus recebeu o Caboclo Tupinambá, e, outro médium, o Caboclo da Pena Branca. Eles também com eficiência sustentaram suas fortalezas e seus elementos.

Logo depois, o Caboclo Tupinambá e o Caboclo da Pena Branca começaram a dançar. Eles utilizavam giros e movimentos de mãos. Tudo isso perto dos atabaques, espalhando vibrações positivas e altivas, cimentando as bases que se faziam necessárias, bem como alicerçando os pilares de ação e força. Na verdade, andavam em direções contrárias, baforando fumaças de seus fumos, vapor da queima de ervas, retirando resíduos desfavoráveis e eliminando pontos nocivos. Aquelas entidades ocupavam o precioso tempo com o labor útil, visando apenas ao benefício dos precisados.

Ou seja, na Umbanda a limpeza é tão necessária quanto o uso; a reestruturação quanto à elaboração; e a firmeza quanto ao alojamento. Apesar disso, em meio àquela santa atividade, inesperadamente e quase por um impulso, uma voz rouca e alta empenhou a invadir o salão.

Myriel, incorporado com o Caboclo Tupinambá, médium consciente, tinha esquecido completamente do miserável cidadão. Por óbvio, após a manifestação espiritual, o médium entra em transe e esquece o seu passado, presente e futuro, e visa somente manter-se como afinado aparelho. Ou melhor, os únicos pensamentos influenciáveis são erupções extremas da alma, reflexões estas que afligem o coração.

A propósito, os ruídos vinham daquele homem rústico. Ele abriu diálogo ao vento gritando palavras horríveis, desagradáveis e pútridas sobre as entidades e a nova religião umbandista. A Cabocla Jurema, embora escutasse tais ofensas, continuava imóvel, olhar fixo para o horizonte e, por obrigação, mantinha íntegra a cadeia de equilíbrio vibratória.

De repente, o Caboclo Tupinambá virou em direção aos atabaques, levantou a mão direita aberta e solicitou a pausa dos tambores. Os atabaqueiros, suavemente, cessaram os toques utilizando curtos rufos, deixando o templo em pleno silêncio. Naquele momento, alojado no salão, dividindo o corpo com o Caboclo Tupinambá, Myriel somente conseguia ouvir o eco da voz daquele senhor reprovando a doutrina espírita, dizendo ser uma religião de macumba, causadora de maledicências aos seres vivos. Sob outra perspectiva, o Caboclo Tupinambá não demonstrava quaisquer emoções ou irresignações.

Apesar disso, sem manter nenhum contato visual com o assistente, apenas extrema disposição e dinamismo, novamente levantou a mão, e puxou um ponto. A letra era a seguinte:

*Caboclo da Pedra Preta, ele gosta de vir aqui;  
Quem não gosta de Umbanda, O que vem fazer Aqui?  
Aue Aue Caboclo trabalha que eu quero ver;  
Aue Aue Caboclo trabalha que eu quero ver;*

Um samba rápido repentinamente tomou conta daquele templo reluzindo a força dos três violentos tambores, semelhante aos trovões musicais disparando letais tiros aos ouvidos de quem não estivesse adequado e apropriado.

Por outro lado, o Caboclo da Pena Branca, despreocupado e confiante, como se nada estivesse acontecendo, retornou a dançar com seus giros rápidos e cadenciados. Durante o tempo da cantiga, o Caboclo Tupinambá mantinha-se sério e encarava fixamente os olhos daquele homem. No entanto, em meio a toda aquela vibração de desafio, o assistente sacou uma pequena faca de serra, aquelas utilizadas habitualmente em cozinhas, levantou e correu na direção ao pequeno portão que os separava, a fim de atacá-lo. O Caboclo Tupinambá, resoluto, também se dirigiu ao ponto de encontro por meio de longas e lentas passadas.

De outro ponto de vista, sobre momentos de turbacão iguais a esse, o tempo se torna pausado e prolongado. Era assim que Myriel sentia-se. Assistia a tudo, vivenciava pujante tensão e emoção. O seu coração, se não estivesse sendo controlado, entraria em estado lépido. Mas, por ser mero instrumento, tudo o que poderia fazer já estava sendo feito. Ou melhor, não se intrometia.

*Cuidado, se peregrinas  
A beber e pandegar.*

*O copo afoga mais gente  
Que toda a extensão do mar.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 23º CAPÍTULO

### MEDIDAS EXTREMAS

O combate parecia ser inevitável! Ambos já estavam no limite; não queriam mais discutir ou indispor-se um com o outro. Não poderiam habitar o mesmo ambiente, não naquele dia. Ainda assim, se quisessem, havia possibilidades de remediar a desavença, pois tudo que ainda não se convalesceu pode ser remendado. A realização de um acordo era necessária, mas parecia ser improvável. Não obstante, quantas vezes não nos vemos presos em situações como esta, e escolhemos perder a consciência e seguir o instinto animal, pois é mais fácil e prazeroso.

A caça defendia o seu domínio, e o caçador tentava prevalecer com sua opinião. Na hora mais crítica, o defensor finalmente encontrou uma solução: expulsar a ofensa e a ignorância. Devolveria ao mundo aquilo que até então não estava pronto para ser mudado. O ignorante, porém, encontrou outro remédio: o extermínio daquilo que não podia compreender. Mas algo ainda não estava claro na mente do invasor. Ou seja, aqueles caboclos vieram de lugares edificadas pela luz, e por isso não o viam como um inimigo e, sim, como um querido irmão desorientado. Todavia, o assistente estava cego, e isso apenas se dava à sua falta de observação e entendimento, semelhante à densa neblina cobrindo os olhos da sabedoria.

Os dois estavam frente a frente, um encarando o outro. Então, com os músculos flexíveis e a velocidade do vento, quem executou o primeiro movimento foi o índio. Ele se abaixou, encostou a mão direita no chão, como se o saudasse, e manuseando um golpe de baixo para cima, bateu na mão do agressor que segurava o objeto cortante, jogando-o para o alto. A peça rodopiou intensamente até pousar na mão direita do indígena.

Agora, segurando a faca, o Caboclo Tupinambá, junto com o Caboclo da Pena Branca, continuou cantando e dançando, admitindo que o possível problema estivesse encerrado. Apesar disso, não estava equivocado. O homem não se retirou. Pelo contrário, a cólera cresceu ainda mais. Em seguida, desorientado, o insolente mostrou nova intenção hostil: desejava revidar aquele veloz golpe do Caboclo Tupinambá.

Ainda assim, demonstrando sabedoria, esse aborígene imponente parou,

fixou lentamente os olhos no altar, do jeito que estivesse procurando algo ou precisando um alvo. E com um rápido descolamento dos braços atirou a pequena faca. Ela foi rodando, rodando e continuou a rodar em direção à imagem de Oxalá, localizada na parte posterior do altar. Num instante, com a parte pontuda, a faca espetou e fixou com força na parede, entre o braço direito e a parte do tórax daquela estátua. O agressor ficou estagnado vendo tal façanha. Não imaginava tamanha destreza e habilidade.

O furo, porém, era superficial e desgrudou de pronto. Ela caiu, degrau por degrau, do altar, até que enfim estatelou-se no prato que estava localizado na frente da imagem do Caboclo Tupinambá, estancando definitivamente. A magnitude dessa atividade causou um impacto tão profundo, tanto em Myriel, um médium consciente, sem controle do corpo físico, como nos outros participantes, que não houve um só que não tenha ficado paralisado. Portanto, igualmente a casos análogos, nenhuma palavra foi exprimida.

Finalmente, aquele homem estático e mudo voltou em direção à porta de saída, humilhado, amedrontado e correu.

As outras entidades, ao contrário, continuaram se portando como se apenas uma leve brisa os tivesse atingido, e após o cruzamento dos quatro cantos do templo encerraram o firmamento.

Então, no momento em que deveriam ser realizadas as cerimônias de encerramento de praxe, uma gota fria de suor escorreu pelo rosto de Myriel Parvulus, pousando duramente na palma de sua mão. E, por causa do intenso impacto, uma estranha escuridão dominou a sua visão e transformou tudo em cegueira, de modo que pensou que as luzes tinham sido apagadas de súbito.

Todavia, uma luz à sua frente irrompeu, e o Caboclo Tupinambá apareceu. Onde estava? Não estava mais no templo? Não conseguia compreender! Seu coração disparou! Naquele desespero, uma voz, calma e gentil, aclarou suas dúvidas:

– Não, meu filho, calma, isso foi somente um mero transporte paralelo à realidade, nada disso aconteceu de verdade; nunca existiu nenhuma gira! E por mais que aparentasse real, era simplesmente uma amostra e um teste de reação. Quis mostrar-lhe outro tipo de desdobramento, no qual é possível vivenciar situações semelhantes às terrenas, visando aprendizados com ricas experiências simuladas. Em outros casos semelhantes, no intuito de exhibir os frutos dos espíritos. Aproveite todos os tipos de ensinamentos e bagagens. Siga nossos conselhos, eles apenas visam ao seu crescimento moral. Não turbe vosso

espírito. Boa noite, Paz em Cristo!

Meus bem-vistos leitores, algumas palavras hão de ser ditas. Devemos, evidentemente, ter muita fé em nossas entidades e na espiritualidade; contudo, devemos elucidar alguns pontos para que não haja más interpretações. Não carecemos em esperar ou confiar em superpoderes, ou seja, estimular nossa crença em tão alta vibração, a ponto de acreditarmos sermos médiuns heróis, pois, fatos como esse, de uso da violência, não ocorrem frequentemente. Somos todos trabalhadores da seara espiritual, e como tal, o nosso dever é o da caridade, da dedicação, da bondade, bem como da explanação do Evangelho de Jesus, igualmente como dizem os sábios espíritos:

*Que pratique o bem e não faça o mal, é o essencial; para isso não há duas ou mais doutrinas. O bem é sempre o bem, que vós fazeis em nome de Allah ou de Jeová, porque não há senão um Deus para o Universo.*

*Da Ternura doce e branda,  
Sê devoto, não escravo...  
Eu bonzinho, tu bonzinho,  
Quem educa o burro bravo?*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 24º CAPÍTULO

### ESCLARECIMENTOS

Certo dia, o Caboclo Tupinambá ao reencontrar Myriel disse:

– Myriel, o orgulho é um mal que aflige a todos nós. É um sentimento malfazejo que, acompanhado de outras imperfeições morais de nossa alma, tal como a própria vaidade, nos faz carregar pesada bagagem do mundo terrestre para o plano espiritual, após o desencarne. No entanto, ao virarmos o tabuleiro, e olharmos sob outra perspectiva, encontramos um contrapeso, a simplicidade. Ela nos faz ir mais longe, é leve e nos afasta dos apegos materiais, das ilusões, dos carmas, livrando-nos de todo mal que nos rodeia, não importando o exemplo utilizado, ou seja, na matéria, nos sentimentos ou nas atitudes.

– Em moral, a doutrina de Jesus Cristo é clara quando diz: “Vinde a mim todos os que andam em sofrimento e vos achais sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Mateus, XI:28-30)”.

– Pois bem, sente-se aqui, Myriel, devemos ter uma conversa séria. É chegado o momento de esclarecermos certas dúvidas e evidenciarmos um pouco mais sobre minha personalidade, meus costumes, e minha origem, a fim de, se for a vontade de Deus, possamos formar a cada dia um laço mais resistente e sadio.

Nesse dia em questão, Myriel e o Caboclo Tupinambá retornaram ao salão do primeiro encontro. O cômodo ainda conservava a falta de vida e de cores, no qual a única luz vista irradiava da aura iluminada daquele indígena.

– Meu filho querido, Myriel Parvulus, novamente eu venho do espaço nessa vibração benéfica com a finalidade de ensiná-lo. Hoje falaremos do exercício da divisão na colônia em que coabitamos. Prosearemos também a respeito desses símbolos riscados em vossos solos durante as sessões mediúnicas, bem como sobre minha posição hierárquica, no sentido de que você veja que sou, unicamente, parte dos servidores humildes, e assim retirar uma porção dessas suas vaidades e arrogâncias, que andam crescendo em seu íntimo, em prol de que nossa ligação se fortaleça e se ilumine infinitivamente nas lições do Mestre Jesus.

– Vamos começar pelos pontos riscados! Os pontos riscados são símbolos desenhados pelas entidades espirituais com pomba no solo sagrado, ou seja, no congá. Eles servem como identificação representativa, um registro de presença de um plano diferente do habitado. Eles também auxiliam nas manipulações das potências energéticas, de modo a ficar mais acessível, mesmo a distância, qualquer interferência. Ademais, facilitam a volitação, firmam ou dispensam alguma vibração incomum ou singular em determinados trabalhos de descarregos.

– Já as falanges, são grupos afins de espíritos com energias parecidas ou próximas, por exemplo, a falange dos Caboclos Tupinambás, organização de espíritos semelhantes em ânimos e distintos na vitalidade, pois não há, no universo inteiro, dois seres iguais. Nós, os Tupinambás, possuímos elementos naturais e objetivos equivalentes reunidos sobre uma mesma identificação.

– Agora, no que tange às linhas de trabalho, afirmamos serem uniões de mais de um tipo de falanges, por exemplo, Tupinambás, Penas Brancas, Penas Azuis, Juremas, Cobras-Coral, ligados em uma mesma vibração espiritual denominada de Caboclos, de Pretos-velhos, de Crianças, de Baianos etc.

– Trago inclusive duas curiosidades. A primeira é a respeito das múltiplas consciências dentro de uma mesma falange. Veja, mesmo que existam centenas de caboclos Tupinambás em um mesmo ambiente, todos eles serão únicos, terão personalidades distintas, e, às vezes, serão regidos por diferentes elementos da natureza, por exemplo, ar, fogo, trovões, matas etc., pois não existem no universo dois seres iguais.

– Outro desvelo, também muito debatido, é o prestígio dos espíritos de uma mesma organização com pontos distintos. Digo em verdade que, dificilmente riscarão símbolos iguais ou semelhantes, isso em razão dos elementos da natureza, por quais serão regidos, variarem quase infinitamente, assim como eu, um Caboclo Tupinambá regido por Oxalá e Oxum, e outro irmão Tupinambá, regido por Oxóssi e Oxum, que mesmo sendo membros de uma mesma falange, utilizam simbologias completamente desiguais.

– Mas, por enquanto, vamos com calma. Por gentileza, pare um pouco e pense cuidadosamente sobre esses assuntos; reflita por um momento, pois até os mais iluminados espíritos precisam, às vezes, parar e respirar!

Mesmo não percebendo, Myriel estava realmente sobrecarregado, portanto, decidiu seguir os sábios conselhos. Relaxou os ombros, respirou fundo, estabeleceu uma linha de observações e de raciocínio, e recapitulou

praticamente tudo sobre os temas articulados.

Os seus pensamentos seguiram desta forma: “– Pontos riscados, falanges, linhas de trabalhos, e as diversidades de espíritos atados à religião de Umbanda. Será que me esqueci de algo?”.

Inicialmente, Myriel não encontrou muitas dificuldades, principalmente na compreensão das teses, mas sabia da importância desses ponderantes temas, e somente aos poucos, com o passar do tempo, conseguiria entender realmente essa plena magnitude. A ignorância não tem dúvidas, só o conhecimento traz crepúsculos. Ele sabia disso, portanto, ficou em silêncio.

*No esforço de vigilância,  
Não dispenses a energia,  
Onde o lobo acha um cordeiro,  
Volta forte, no outro dia.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 25º CAPÍTULO

### VIRTUDE PARA SE ORGULHAR

Alguns minutos se passaram após o prelúdio da pausa para assimilação, e novos tópicos foram estabelecidos. Utilizando de voz ativa e entusiasmada, o Caboclo Tupinambá começou:

– Considere isso meu filho, a minha própria cabala pessoal, olhe para baixo, esse desenho a sua frente, ele envolve os elementos pelos quais sou regido, e os fundamentos integrantes de minha falange Tupinambás. Aliás, tanto você, como eu, somos regidos pela energia do ar, ou seja, de Oxalá, representado aqui pelo número nove, sobre as nove estrelas no céu. Já a Estrela Guia ou como alguns chamam “Estrela D’alva”, a quinta estrela das nove, conduz os seres que estão perdidos e ilumina aqueles que buscam novos caminhos de luz. O terceiro item você já conhece, conversamos sobre ele na aldeia do meu mentor Cachorro Branco, é a divindade que atuo, ou seja, minha maior fonte magística, os “Olhos de Tigre”, representado pelo olho que tudo vê, embaixo da Estrela D’alva, ou seja, esse meio ocular desempenha, de forma simbólica, a visão de Deus.

– O quarto e o quinto componentes seriam sobre minha linha de trabalho, ou seja, os Caboclos, por meio das cinco flechas do lado esquerdo, e o Orixá Oxóssi, por meio do arco e flecha do lado direito. Já o último está relacionado ao lugar onde os caboclos situam-se, um recanto chamado de Juremá, localizado dentro da cidade de Aruanda, mediante essas três ondas expostas no meio das flechas dos caboclos e o arco e flecha de Oxóssi.

Mas não se preocupe, iremos posteriormente dar mais abrangência histórica.

– Verdade seja dita, temos atualmente um problema muito comum destruindo a bagagem mental das pessoas. Isso é o excesso de informação e a falta de formação. Por causa disso, os aprendizes não se dedicam mais em realmente compreender o conhecimento, ir a fundo aos pensamentos, esmiuçar a ciência, escarafunchar os ensinamentos. Eles perdem a paixão, desperdiçam a aventura, dissipam o que somente pode-se encontrar nas profundezas dos rios, com o intuito de se alegrar com as simples belezas das aparências externas. Oh, quanta ilusão e superficialidade!

– Além do mais Myriel, é importante fazer uma análise detalhada sobre cada

cabala, uma vez que somente assim poderemos verificar a divisão entre os elementos regentes, e os componentes específicos e intrínsecos, aos quais cada espírito pertence. Afinal, concluímos pela improbabilidade de dois irmãos da mesma falange desenhar o mesmo simbolismo.

Adiante.

– Escute com atenção, a sua vaidade anda crescendo substancialmente, espalhando o germe destruidor dentro da alma e do conhecimento, principalmente no tocante a minha posição, e por isso tenho necessidade de esclarecer alguns pontos. E depois, não há nada mais indecoroso do que um médium crente e soberano em uma corrente igualitária. Por essa razão, não é por que sou um dos aprendizes de São Miguel Arcanjo, que significa alta hierárquica, ou cargo patriarcal da falange dos Caboclos Tupinambás. Tais suposições não refletem, nem ao menos, a qualidade de minha essência. Não seja assim, Myriel, se você soubesse o quão amplo é esse universo, e quantos de nossos irmãos são mais sensatos do que nós, você transformaria sua alma em fonte de luz viva.

– E isso não é pouco! Os degraus entre as três grandes classes espirituais são tão vastos, de tal forma à semelhança da superioridade de Deus. O próprio Caboclo Rei Chefe da Umbanda, por exemplo, é simples grão de areia quando comparado à extensão dessa imensa praia universal. Então, de que maneira, no estágio em que nos encontramos hoje, poderemos acrescentar um côvado a nossa estatura, pois se não podemos ainda nem com as coisas mínimas, dessa forma não há motivos para ansiedades.

– Sou, e tenho felicidades em dizer, um dos diversos auxiliadores da tribo, seguidor das leis de Deus e de Jesus, e esse sim é uma sublime virtude da qual você deve se orgulhar. Admire aqueles que sabem amar, e não aqueles que possuem títulos. Jesus já nos ensinou: “Aquele que se rebaixa será exaltado, e aquele que se exalta, será rebaixado”.

– A tribo dos Tupinambás é dividida hierarquicamente pelo comprimento dos cabelos, pertencendo ao primeiro fundador o único direito de usar o cabelo mais longo, iniciando-se na cabeça e seguindo até o final das costas. Todos os outros trabalhadores Tupinambás também possuem os cabelos longos, é uma regra, mas, obrigatoriamente, menores do que o do cacique. Alguns o usam até perto dos ombros, dependendo do merecimento obtido no grupo. Eles servem como símbolos evidenciadores da hierarquia, do respeito e do merecimento conquistado. Isso por que seguimos a tradição dessa grandiosa, bondosa e

laboriosa tribo.

– Há muito tempo, eles me aceitaram, logo após o meu primeiro desencarne, e eu era apenas um viking nórdico, bruto e ignorante. Minha única qualidade resumia-se a possuir um bom coração. Agora, no entanto, um pouco mais depurado, servo fiel aos ensinamentos de Jesus Cristo, tenho por obrigação retribuir o favor adquirido. Portanto, não os abandonarei, não enquanto houver trabalho e irmãos necessitados de apoio moral.

– Infelizmente, Myriel, nosso tempo já está quase no fim. Sabes o quanto os laços corpóreos são comumente limitados. Nesta hora, devo me retirar. Espero que nossa conversa e as minhas explicações possam ajudá-lo a ir um pouco mais em direção à verdadeira humildade e aos seguimentos de Jesus e do amor, visto ser essa a coordenada estabelecida capaz de nos guiar nessa curta jornada.

– Um abraço de paz, meu filho – despediu-se o Caboclo Tupinambá ao se retirar, com as duas mãos cruzadas ao peito.

Myriel Parvulus parou e pensou. Realmente a sua vaidade de médium estava crescendo. E assim como ele, muitos outros médiuns creem na superioridade absoluta de seus guias, os mais fortes, os mais belos, os mais evoluídos, os mais bondosos, os mais poderosos, os mais sábios e os mais trabalhadores. Todavia, no caso de Myriel, por ser um admirador deslumbrado do Caboclo Tupinambá, ao receber tal notícia abalou-se. Seu ego fora destruído e pisoteado. Não estava preparado. Amava o seu mentor e o colocara no pedestal. Mas estava errado e agora entendia. E, não tendo outras escolhas, abaixou a cabeça e assentiu. No entanto, ainda por algum tempo, aquilo lhe corroeu a alma.

Hoje, porém, Myriel dá graças a Deus por não mais possuir um dos incontáveis e pesados grilhões impregnados nos seus olhos, depurando-lhe novamente, mais alguns passos, o seu crescimento como médium e ser humano, principalmente alusivo à humildade. Um gesto simples e, ainda assim, de grande importância.

Enfim, Myriel distinguiu que o vínculo dos dois se trata de amor e de carinho, e não de orgulho. Por isso, sempre ao rezar diz o seguinte:

– Caboclo Tupinambá, com a sua licença, meu querido professor, mestre, amigo, anjo da guarda, eu confio e me entrego a ti de todo meu coração. Sou consciente de que o senhor vai me advertir quando errar e me guiará hoje e sempre, até o dia em que eu possa andar sozinho, nas lições de amor, de esperança e de caridade do Mestre Jesus Cristo.

*Se desejas grandes luzes,  
Não sejas aflito e louco.  
Em nenhum lugar da vida,  
O que é muito custa pouco.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 26º CAPÍTULO

### CIDADES ESPIRITUAIS

– Myriel, disse o Caboclo Tupinambá, é imprescindível nunca se esquecer da doutrina do Mestre, pois é vital ao coração e à alma. Semelhante ao pão para o corpo, e a água para a vida, é o evangelho de Jesus para o Espírito. Portanto, eis uma lição importante:

– “Não turbe o vosso coração. – Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vô-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. – Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver também vós aí estejais (S. João, XIV:1-3.)”.

– Assim, seria ilógico acreditar, sequer por um minuto, que o mundo espiritual é apenas integrado pela colônia de Aruanda. Não, não caias nesse labirinto, Myriel! À vista disso, podemos citar o exemplo do próprio mestre Jesus Cristo, quando nos diz que existem diversas moradas na casa do Senhor. Na realidade, são inúmeras cidades espirituais rodeando o nosso amado planeta azul, socorrendo os enfermos, praticando a caridade, ensinando e servindo de lar aos espíritos ainda em fase de instrução e desenvolvimento.

– Além disso, se em nossas limitadas perspectivas já reconhecemos o tamanho extraordinário do planeta Terra, não poderemos tão cedo conseguir mensurar a amplitude do espaço incorpóreo. Também, a doutrina espírita vos traz vastos conhecimentos sobre organismos vivos e ativos, inclusive sobre aqueles invisíveis aos olhos, isto porque ainda não estão plenamente aptos a ver. Essa é a sabedoria de Deus! Ele nos concede somente o que está ao nosso alcance, e fornece o tempo necessário para que cada um possa alcançar sua própria depuração.

– Por isso meu filho, essa afirmação de Cristo encerra qualquer dúvida sobre esse delicado assunto. Não devemos, portanto, acreditar na unicidade, e, sim, na pluralidade de ambientes, moradas e irmãos. Devemos ter fé que o Pai não desampara quem quer que seja; ele é justo e misericordioso, tanto com os bons, quanto com os ruins, que faz chover sobre os justos e também sobre os injustos.

O Caboclo Tupinambá, humilde, entusiasmado, carinhoso, diligente pai e

professor, no reencontro com o jovem Myriel, fez-lhe um honrado convite, a fim de saírem em uma nova aventura de exploração e amizade.

– Caro Myriel, eu recebi há poucos dias a complexa autorização de levá-lo como acompanhante em um intercâmbio de cultura e aprendizado. Esse encontro lhe trará novas visões sobre as colônias que rodeiam vossa Terra. Mas o principal objetivo dessa viagem será conhecer a morada e o trabalho caritativo de um novo amigo.

– As obras de Deus são realmente espetaculares. Conhecemo-nos durante os trabalhos regenerativos empreendidos em um dos Templos de Umbanda de meu outro protegido. Esse amigo é morador de uma colônia vizinha, local onde nunca conquistei o prazer de conhecer, até o momento.

– As entradas das cidades espirituais são protegidíssimas e seu ingresso somente quando há permissão e o devido conhecimento de senhas e autorizações, essas que, unicamente, os moradores possuem. Agora, suavize as emoções, Myriel, para que eu possa te manter seguro durante a nossa viagem; ela será cansativa e longa. Entraremos em um campo vibratório diferente do que estamos familiarizados, porém será realmente interessante, tanto para mim quanto para você.

Dessa vez, no entanto, já com certa experiência volitativa, Myriel decidiu não fechar os olhos. Esvaziou a mente e concentrou-se. O tempo passou como nuvens durante uma leve e rápida brisa de primavera. As imagens vistas não possuíam formas definidas. Eram revestidas da mistura de três cores, amarelo sol, laranja avermelhado e um pouco de azul bebê, da maneira de um largo borrão.

Entretanto, após algum tempo contemplando a vasta harmonia, sentiu um sopro gélido, e a alegoria, pouco a pouco, se transformou em cinza, até beirar a plena obscuridade. Naquele instante, ouviu a voz do Caboclo Tupinambá dizer:

– A partir daqui não lhe será permitido observar mais, sinto muito.

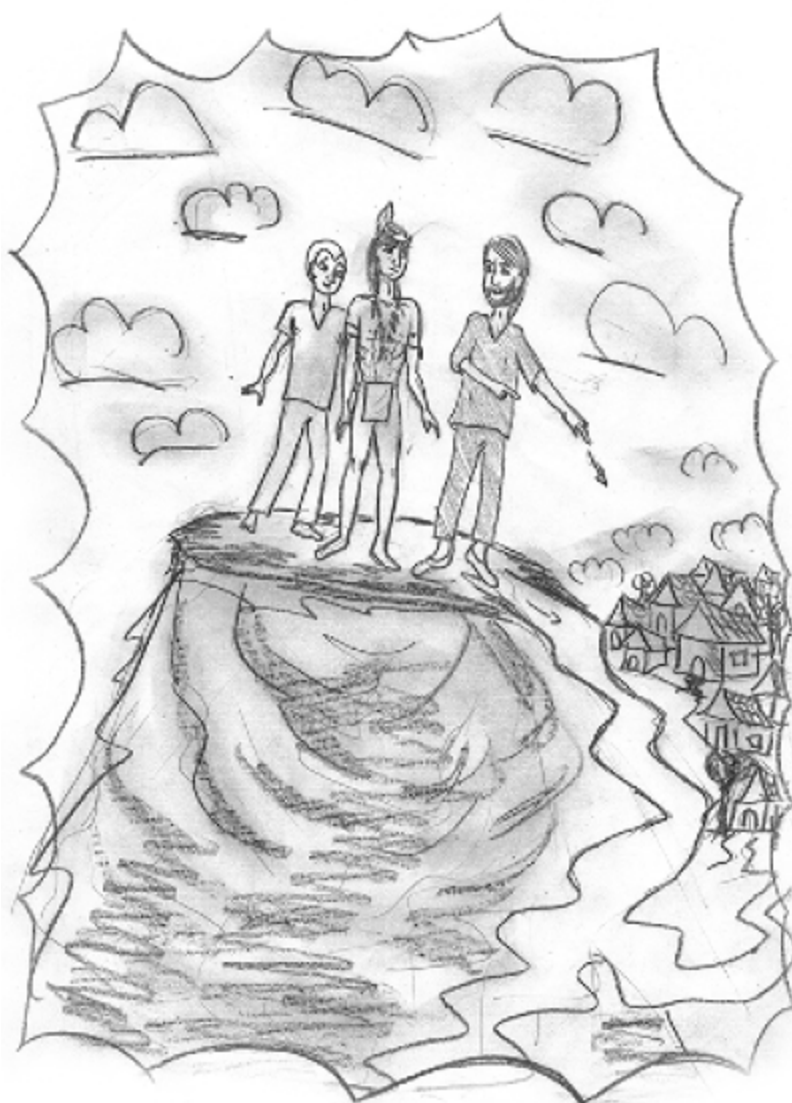
Minutos depois!

– Chegamos ao nosso destino – sussurrou o Caboclo Tupinambá no ouvido de Myriel – contemple a cidade, meu filho.

*Quem pretende algo de bom,  
Pelas estradas da vida,  
Examine, de hora em hora,*

*O peso, o tempo e a medida.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 27º CAPÍTULO

### VILAREJO DA CURA

A visão que possuíam assemelhava-se a um vértice, estavam localizados em cima do cume de uma montanha ou vulcão, e a cidadela existia no interior. Com certa falta de equilíbrio e náuseas, Myriel avistou ao longe aquela magnífica cidade. Ela resumia-se a inúmeras casinhas, todas do mesmo tamanho, de tijolinhos marrons, pequenas telhas de barro, confeccionadas da mais bela proporção e perfeição.

A cidade, por menor que fosse, constitua média de 500 residências, algumas ruas cruzando-as, organizada, limpa, e calma. As boas energias irradiadas daquele campo impressionavam-nos, em que pese à pressão exercida ser quase insuportável, como se tivesse sido construída no fundo do mar. As cores, por outro lado, fluíam claras como as nuvens. O branco, o azul e o verde predominavam. E devia ser por isso que a paz irradiava tão intensamente nas almas dos que permaneciam ali.

– Escute bem, Myriel, eu conheço esse irmão há pouco tempo, mas já o considero um amigo de longas datas e de grande estima. Os seus trabalhos na seara da caridade e na cura são admiráveis. Se não me engano devemos aprender algo de novo hoje.

– Essa colônia é conhecida em Aruanda como o “Vilarejo da Cura”; um apelido é claro, concedido pelos bons samaritanos, porém o nome verdadeiro eu não poderei lhe contar, não possuo esse tipo de permissão. Eles são em poucos, como podemos ver, mas todos são intensos conhecedores da arte do curandeirismo. A própria localização, forma e aparência foram minuciosamente planejadas com o propósito de trazer aos pacientes e aos doutores um ar de tranquilidade, simplicidade e sabedoria, da maneira a lembrar dos campos.

– Mas cuidado, não confunda a medicina espiritual com a terrena. Aqui nós não cuidamos de corpos materiais, poucos são os especialistas nessa prática, e, sim, das vertentes do espírito, da consciência e do divino, Deus – Orixás – Natureza. – Explicou o Senhor Tupinambá, enquanto admirava o horizonte.

Myriel, no entanto, apenas balançava automaticamente a cabeça, concordando com as explicações de seu mentor. Não tinha palavras, desta vez estava feliz e calmo.

Pouco tempo depois, um homem com vestes humildes e simples, bata cor de terra, calça clara, rosto arredondado, barba cerrada, de boa aparência, cabelos escuros e lisos, veio ao encontro deles no topo da montanha e pediu para acompanhá-los.

Caminharam em silêncio por uma estrada barrosa por cerca de cinco minutos. A trilha era rodeada por árvores antigas e raízes grossas, tal como um bosque vivo, mas que não recebia muitas visitas. Afinal, não aparentava estimar fluxos intensos de pessoas. Ao chegarem à frente de enorme muro de pedras, o rapaz esticou os braços, colocou a destra em um pequeno orifício, pronunciou algumas palavras inteligíveis e uma parte do muro simplesmente desapareceu.

Após transpor certa barreira, Myriel observou de perto aquelas construções feitas e encantadoras, homogêneas e modestas, as quais irradiavam energias serenas e mansas dentro de sua alma. Embora não fosse a sua própria casa, sentia-se bem, seguro, confortável e esperançoso.

– Sigam-me uma vez mais, senhores – falou o guia turístico, com uma voz pacífica e culta.

Durante aquela curta caminhada, percorreram duas quadras em fila indiana, sempre deixando Myriel por último. Quando pararam, o acompanhante indicou, apontando com a mão direita, para uma dessas casuchas e disse:

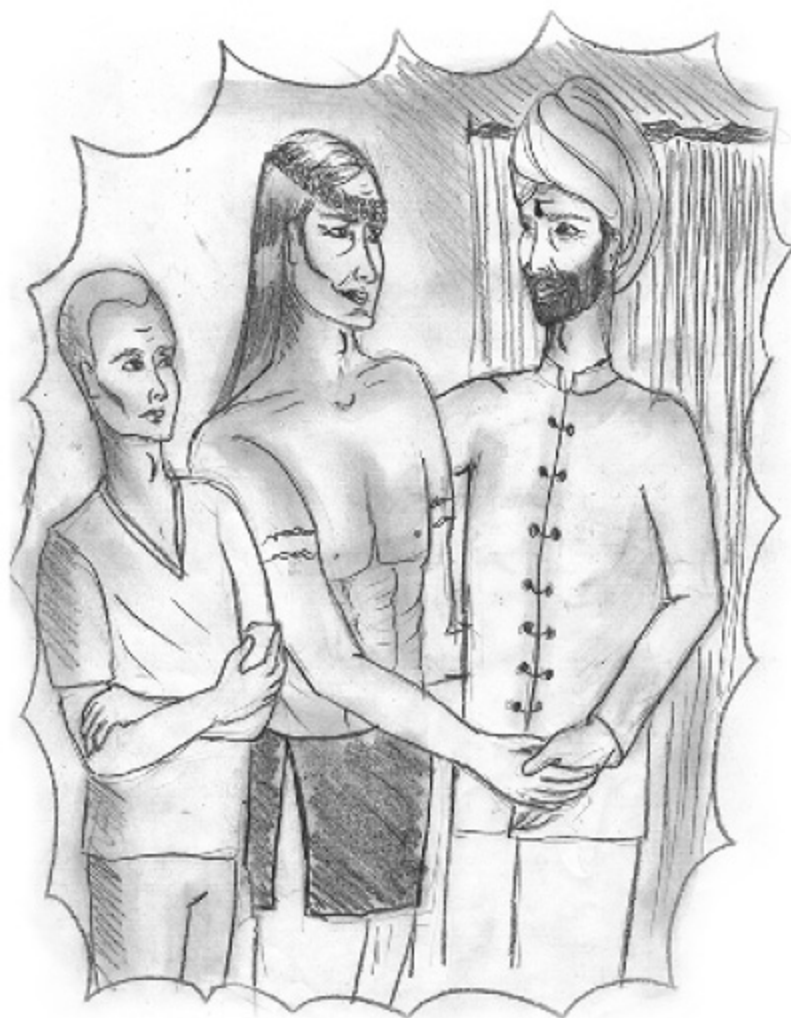
– Os cavalheiros, por gentileza, podem entrar naquele recinto, não é necessário bater à porta. Aliás, se assim apetercerem, é permitido sentar-se nas cadeiras postas na primeira sala. Aguardem com paciência. O vosso anfitrião já sabe de vossa chegada e os está aguardando.

– Estou satisfeito em tê-los conhecido – declarou aquele senhor, apertando a mão dos visitantes – mesmo que por tão pouco tempo. Paz em Cristo.

Por fim, realizando uma delicada reverência com o pescoço, ele se retirou e voltou em direção ao acesso anterior.

*Os médicos deste mundo  
Remediam cutiladas,  
Mas não curam as feridas  
De frases precipitadas.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 28º CAPÍTULO

### O CURANDEIRO

Myriel e o Caboclo Tupinambá ingressaram no interior daquela casa, sentando-se em duas das quatro cadeiras posicionadas logo à entrada. O aposento possuía um quadro realista de uma árvore anciã, de fortes raízes e folhas verdes, em frente às cadeiras brancas modestas. Ao lado direito via-se uma passagem na forma de arco, revestido por uma cortina de leves tranças de raízes bege, que balançavam com o fraco sopro do vento. Ela separava essa sala das outras dependências. As paredes foram pintadas de branco com toques de verde bebê, e a porta na admissão estava postada ao lado direito da pintura.

Enquanto aguardava, o Caboclo Tupinambá fechou os olhos e começou a meditar sobre tudo o que tinha passado até aquele momento; dizia ter coisas demais a pensar e pouco tempo para isso. Myriel, por outro lado, impaciente e ansioso, esticava o pescoço, escondido, por dentre as tranças.

Do outro lado, andando pelo corredor, viu um senhor de pele branca, barba serrada, meia-idade, lá com seus 40 anos, trajado inteiramente de vestes brancas, panos enrolados no tronco, alguns colares feitos de pequenas peças de porcelanas claras em volta do pescoço, e um lenço envolto na cabeça, aparentando um ninho de pássaros. O seu rosto pontudo lembrava a descendência do Oriente Médio.

Esse senhor, no entanto, avistou Myriel bisbilhotando e caminhou em sua direção. Ao aproximar-se, atravessou o arco e parou a sua frente, demonstrando um olhar satisfeito e agradável. O caboclo Tupinambá ao vê-lo levantou-se com um sorriso no rosto, e os dois se cumprimentaram alegremente com um aperto de mão e um abraço. O homem então deu um passo para trás e disse:

– Sejam bem-vindos, meus amigos, a minha sagrada moradia e trabalho! Meu caro irmão, Tupinambá, por gentileza, poderia acompanhar-me ao término de um trabalho de cura extremamente delicado? Serei eternamente grato se aceitar o meu convite! Após, levarei vocês para dar uma volta e tomar um chá, onde nós poderemos conversar com calma, eu prometo.

– A honra será toda minha! – Replicou o Caboclo Tupinambá.

Em seguida, o curandeiro olhou na direção de Myriel, com certo receio, por assim dizer, medindo-lhe por inteiro, franzindo, em certos momentos, as

sobrancelhas, e articulou com educação sublime de quem percebe o que está acontecendo, mas não julga, ao Caboclo Tupinambá:

– É com pesar, meu caro amigo, mas não poderei deixar vosso acompanhante participar, pois somente seres com níveis de energia equilibrados e experientes poderiam expor-se a contendo. Dessa forma, a enfermidade do paciente não passará a ele e vice-versa. Peço que ele aguarde alguns poucos minutos, sentado se quiser, até que encerremos o auxílio a um necessitado.

– Poderemos proceder dessa maneira, irmão Tupinambá?

– Sim, como convidados seguiremos à risca as vossas instruções – aceitou, com cortesia, o Caboclo Tupinambá.

Logo, Caboclo Tupinambá e o Curandeiro dirigiram-se entusiasmados ao corredor do outro lado das tranças de raízes.

O tempo passava de forma diferenciada naquele local! E mesmo sem distrações, Myriel não sentia aflições ou tédio. Para ele o tempo e o universo espiritual ainda eram algo deveras empolgante. O fluxo de pensamentos, a movimentação, como tudo aquilo parecia um sonho, só que real, não lhe deixavam entediado. Assim, após pouco treino, já possuía total controle sobre seu espírito e mental.

– Entretanto, ainda gostaria de participar ou assistir algum desses tão famosos rituais – manifestou Myriel, sem querer, quando as palavras simplesmente saíram dos seus lábios após simples pensamentos.

Apesar disso, enquanto aguardava, balançando as pernas para cima e para baixo, um pequeno cachorro, semelhante à raça “Yorkshire terrier”, de pelos brancos e minúsculos dentes afiados, atravessou as tranças de raízes, e incomodado com aqueles movimentos começou a latir alto, causando um tremendo escândalo.

*Vigia sobre ti mesmo  
Se queres a própria cura,  
Que os erros da Medicina  
Não saem da sepultura.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 29º CAPÍTULO

### ATO IMPULSIVO

Irritado, Myriel disse para si mesmo:

– Era tudo o que eu não precisava, além de ser excluído da ritualística, agora também irei destruir os trabalhos de cura e o descanso dos pacientes, tudo por causa dos latidos de um cachorro escandaloso.

No início, decidiu fingir não ser com ele. Não encarava o animal. Parou de balançar as pernas. Acreditava que se deixasse aquele irritante cachorro berrando sozinho, ele pararia. Não funcionou. O animal continuava latindo, e agora bravo latia mais alto, tentando chamar a atenção de alguém.

Myriel arriscou afastá-lo com os pés, dando leves cutucões e fazendo “chispa” com os lábios. Contudo, para o seu espanto, assim que realizou um movimento um pouco mais brusco do normal, encostando o pé na barriga do pequeno cão, ele deu um salto para trás e voou na sua direção.

O animal frustrado e estressado atacou-o; cravou os dentes nos seus calcanhares balançando a cabeça freneticamente fazendo sons de rosnado. Seu objetivo, retirar Myriel do banco. Obviamente um convite de briga.

Por outro lado, sem pensar nas consequências posteriores, Myriel levantou bruscamente, e num ato totalmente impulsivo, como se a sua mente simplesmente desligasse e dissipasse qualquer razão, dando vazão aos instintos naturais, começou a chutar o cachorro com duras pesadas no estômago e na cabeça, até que ele o soltasse. Myriel não mediu forças ou qualquer controle; estava exasperado.

Em instantes como esse, somente quando a raiva passa que a consciência dá luz e, muitas das vezes, tarde demais. Justamente, em poucos segundos a razão finalmente retornou ao seu espírito, e desesperado contemplou o resultado lastimável de suas ações. Achava-se trêmulo. Ao ver aquele pequeno cachorro, indefeso, caído e imóvel, uma onda de remorso e constrangimento tomou-lhe conta. Ou ele estava morto ou extremamente ferido, não saberia distinguir. Tinha extrapolado todos os limites, e agora não era possível voltar atrás.

Além de que, essas atitudes irracionais, motivadas pelo calor do momento e impulsionadas pela raiva, deixam uma marca na alma. Essa marca é o remorso. Um minuto de desequilíbrio é capaz de causar cem anos de culpa. São décadas

de cuidados, de regas diárias, esperando o florescimento, e apenas um segundo de descuido para a destruição total.

Do mesmo modo, esse rio de sentimentos atravessava o íntimo de Myriel, conforme impacto profundo banhando sua consciência. Curtos dez segundos de desespero se transformavam em longos dez anos de punição. Expliquemos, se na vida terrena as emoções podem nos desolar, na espiritual, centenas de vezes mais intensas, elas podem nos devastar e arrasar os nossos corações.

Myriel estava assim, desconsolado; as lágrimas caíam profundamente dos seus olhos! Não obstante, o barulho foi tão elevado e o mental tão penetrante que o amigo anfitrião e o Caboclo Tupinambá logo apareceram em frente ao arco do corredor e surpresos viram a cruel transgressão. A cena iluminava-se nas seguintes condições: um cachorrinho deitado no chão, indefeso, imensamente machucado ou sem vida, e em pé, vigoroso, com cara de culpa e desespero, Myriel.

Os olhares na direção de Myriel aparentavam espanto e descrença, se não desprezo. Tomando a iniciativa, o amigo do Caboclo Tupinambá, correu em direção ao animal, e utilizando de voz firme disse:

– Meu rapaz, você tinha todo o direito de ficar irritado, mas não tinha nenhum direito de ser cruel. Olhe o estado em que você deixou o pequeno cachorro; está todo machucado e, pelo visto, com poucas chances de recuperação. E agora, o que faremos? Só existe uma solução, mas não será fácil.

Em tal caso, valeu-se de um golpe rápido, retirou seu pano branco da cabeça, removeu com cuidado o cachorro do chão e o enrolou, deixando-o inteiramente coberto. Em seguida, o depositou nos braços de Myriel e ordenou:

– Atravesse depressa aquele corredor, vire à esquerda e entre na segunda sala à direita; ajoelhe-se em frente ao altar no fundo do congá, segurando-o em seus braços com carinho e amor. Quando estiver lá, peça desculpas ao altíssimo e seus anjos pelos atos cometidos, e ore pela recuperação de nosso pequeno irmão, solicitando toda a piedade divina, e, se durante a oração, as boas energias irradiarem plenamente seu coração e alcançarem a alma desse humilde animal, logo ele melhorará e você estará perdoado. A união pura transforma os laços vivos em correntes inquebrantáveis, lembre-se disso.

– Faça isso enquanto terminamos os trabalhos de cura. Esse é o tempo máximo permitido. Outra coisa, não faça estardalhaço, entre em silêncio e com cortesia, pois esse ambiente é o nosso templo sagrado, lugar onde realizamos as

nossas sessões coletivas e ritualísticas. Portanto, ele não deve ser profanado!

*A discórdia por mais leve  
Tem sempre um sabor amargo.  
Em todo sinal de guerra,  
O inferno fica mais largo.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 30º CAPÍTULO

### ARREPENDIMENTO E ORAÇÃO

O Caboclo Tupinambá estava sem palavras, olhos estáticos, evidenciando vergonha e constrangimento. Não se sabe por quanto tempo o peso daquele olhar desiludido durou, mas foram como chibatadas no espírito de Myriel. Então, como se o sopro de vida voltasse aos pulmões de Myriel, tomado de coragem, encarou o seu guia e humildemente com a voz doce, disse as seguintes palavras:

– Desculpe Pai, sou um verdadeiro ingrato.

– Meu filho, – respondeu o Caboclo Tupinambá abrandando sua rigidez – aprenda comigo, nós seremos sempre responsáveis pelos atos praticados com requintes de maldade. No mundo devemos tentar encontrar o equilíbrio sobre nossas atitudes, a fim de que as forças negativas se extingam de nosso interior, e possamos encontrar iluminação em nossas ações. Quando agimos com amor, equilíbrio e sabedoria, Deus age por nós.

– Perdão Pai, mas agora entendo o meu erro! Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para não cometer as mesmas falhas. – Replicou Myriel.

Myriel pegou o pequeno animal enrolado no pano branco, e com longos e rápidos passos foi na direção do local indicado. Segundos depois já se encontrava ajoelhado perante o magnífico e humilde altar. Então fechou os olhos, coração arrependido, e orou. Orou para que aquela vida fosse salva, e não somente no intuito de ser eximido de sua responsabilidade, mas na direção daquele vivente, animal ou não, pudesse cumprir seus desígnios, sua missão, seja ela qual fosse.

Pediu a todos os mensageiros iluminados do reino celeste auxílio, naquele momento tão necessário, visando ajudar o animal que não merecia estar naquela situação que lhe foi imposta injustamente. Não percebia, mas quem falava naquele mágico momento era o seu coração, e não a sua consciência.

A energia resplandecida de Myriel não era de amor-próprio e, sim, de amor ao próximo, puro e sublime, luz apenas concedida quando renunciamos a nós próprios, a grandeza da abnegação. Continuou assim por um período incalculável, permanecendo em intensa oração, local onde o tempo simplesmente desaparece no vácuo dos reinos celestes.

O divino salão dividia-se em duas partes, exatamente como um templo de Umbanda. Bancos do lado de fora, longos e sem encostos, em média cinco fileiras, e do lado de dentro um espaço razoável, vazio, limpo e perfumado, cortando ao meio, o lado de dentro e o de fora. Entre as fileiras de bancos um passadiço de um metro de largura para as pessoas caminharem.

Nas quatro paredes, a pouca distância do teto, posicionadas em pequenos altares, algumas imagens de santos católicos, todas decoradas com panos brancos. O altar, ao fundo, dividia-se em várias camadas, onde encontrávamos imagens de orixás, santos e outros elementos que Myriel não pôde distinguir. E depois, aquelas prateleiras consagradas também estavam decoradas com panos brancos e rosas coloridas, juntamente com flores e plantas, de maneira que a natureza finalizava os retoques da essência divina.

Por consequência, assim que os trabalhos de cura chegaram ao fim, os guardiões caminharam lentamente e despreocupados ao seu encontro. No entanto, como Myriel ainda estava em plena concentração, não escutou a silenciosa chegada. E, quase sem perceber, recebeu um leve toque ao ombro, virou, e seus olhos involuntários e lacrimejados recaíram sobre o Caboclo Tupinambá.

Porém, seu mentor continuou em silêncio e irresoluto, deixando o seu amigo responsável pela conversa, o qual, mesmo sendo rígido, possuía aspecto afável e carinhoso. Utilizando de tom de voz ameno, explanou as seguintes palavras:

– Estou plenamente convencido da salvação. Percebi, mesmo estando em outro cômodo, a extensão da sua energia, estava pura, afável, elevada e amorosa. Aliás, refletia sublimidade, meu garoto. De acordo com minha pequena experiência, esse meu querido amigo está plenamente curado e pronto. Imagino, todavia, e devo dizer com alegria, o motivo pelo qual ele ainda não se moveu é por que está se sentindo acolhido, como um filho nos braços de sua mãe. Não é para menos, o calor da energia emanada do amor puro é a única vitalidade curadora de qualquer ferida. Parabéns meu caro visitante, você demonstrou notável aprendizado. Dentre nós todos, hoje, você foi o que mais cresceu. Estou jubiloso por conhecer-te!

Naquele momento, o pequeno cachorro percebendo a desestabilização da energia de Myriel pulou de seus braços em direção ao chão e poucos segundos depois já estava latindo novamente, discordando daquela incômoda presença.

Entretanto, dessa vez, demonstrando maior controle sobre si mesmo, Myriel Parvulus agiu de forma diferente, deixando o pequeno animal em paz. O

curandeiro, olhando de uma forma surpresa na direção do Caboclo Tupinambá, articulou:

– Não preciso dizer meu irmão, pois tenho certeza de vossa percepção, mas o seu protegido tem o dom da cura, por acaso, igual a você. Ele é regido pelos ventos de Oxalá?

– Sim, meu caro, mas ainda não chegamos a essa etapa da instrução, como você pode ter visto. Ainda temos bastante trabalho a fazer, principalmente no que tange aos ensinamentos morais de Cristo.

– Aliás, é pesaroso, meu amigo, mas o nosso ciclo já se extinguiu, devemos partir em breve – declarou amavelmente o Caboclo Tupinambá. – Preciso levá-lo ao seu corpo terreno. Agradecemos de coração por esse convite, e os novos aprendizados; somos felizes por esse dia.

– Assim seja, meu amigo, a felicidade foi toda minha. Aguardarei ansioso por ambos em nova oportunidade a fim de tomarmos aquele chá que lhes prometi.

Myriel desculpou-se apropriadamente na calorosa despedida, de forma singela, sim, mas com ostensiva educação, abaixando levemente a cabeça. Em instantes, a escuridão tomou conta de sua visão, como se estivesse adormecido e pôde ouvir a voz do Caboclo Tupinambá lhe dizendo:

– Nosso tempo é curto, meu filho, por isso eu terei que enviá-lo imediatamente e a distância, a fim de evitar males aos laços da matéria. Não se preocupe, você acordará bem. Se necessário, conversaremos posteriormente, em nova oportunidade que não faltará. Boa noite, paz em Cristo!

*Não te esqueças da bondade  
No trato com toda a gente.  
É tão difícil ser justo  
Que mais vale ser clemente.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 31º CAPÍTULO

### ESTRANHA REALIDADE

– Pondere isso por um segundo, Myriel – disse o Caboclo Tupinambá –, a confiança é algo realmente sublime, ela pode trazer bênçãos, motivar esperanças, avocar a fé, e até aduzir infinitas possibilidades naqueles que a recebem; todavia, cuidado, se não for envolta por sentimentos puros, ela não será um sentimento benéfico, e, por consequência, vestirá de frustrações aqueles que as fornecem. No entanto, sem ela nada de bom seria possível, e o futuro tornar-se-ia profundamente precário.

– E depois, gosto pessoalmente de denominá-la de a mestra do destino e a irmã do potencial, pois tem a função de fornecer inúmeras expectativas sobre algo ou a alguém, possibilidades estas apenas concretizadas no futuro, isso se, aliás, for permitido pelo altíssimo. Além disso, é uma das ramificações do amor. Por certo, confiar é, em seus muitos significados, um ato de amor, de fé e de provação, uma vez que o seu valor não será imediato. E por falar em crenças, também existem outros instrumentos significativos, por exemplo, os favores e as cortesias.

– Vejamos, em certas ocasiões, elas igualmente podem se tornar elementos extremamente bem-vindos, como nas horas de necessidades e de apuros, demonstrando a vulnerabilidade e a fragilidade dos seres vivos. Aqui incluo também os espíritos, que da mesma forma são consciências existentes, mesmo sem as determinadas matérias corpóreas limitadas.

– Não possuímos, e afirmo com propriedade, a dádiva de alcançar a soberana evolução por conta própria; isso por que necessitamos continuamente de auxílios, de assistências, de amparos, de socorros, de doações, de cooperações e de acompanhamentos. Por essa causa, é um erro grave de nossos irmãos acreditarem na conservação plena da independência e da autonomia; os tão afamados donos de si mesmos, pisando em seus semelhantes a fim de elevarem materialmente, impossibilitados e aleijados de doar até uma pequena moeda aos necessitados.

– E ainda, por mais que os aconselhemos, eles ainda permanecem cegos de qualquer tipo de amor. Não entendem a importância do dever benevolente, sobretudo nos instantes de tanta necessidade. A eles perdoamos, é claro, mas

não os incentivamos, pois ninguém passa nessa vida sem carregar seus dias de provação.

—Agora, levante Myriel!

Naquele instante acontecia algo deveras inusitado. Ao abrir os olhos via-se fora do corpo material, mas, ainda assim, tudo ao seu redor se encontrava nos seus devidos lugares, do mesmo jeito antes da inatividade física. Pela primeira vez na sua vida observava seu corpo inerte, deitado e sem brilho. Tudo estava diferente no formato, mas semelhante na interação. Sentia-se estranho, porém calmo. Tal como frequentar o próprio velório e saber que está vivo.

Por outro lado, seu quarto estava impecável. Estranhou aquela realidade; a falta de nitidez, divergente da corpórea, assemelhava-se a uma extensa neblina da serra do mar. Questionou-se então como poderia estar nublado estando dentro de um aposento. Porém não desfrutava de tantos conhecimentos espíritas assim para alcançar uma resposta válida. Além disso, também não poderia perguntar, não via ninguém naquele cômodo, salvo seu espírito e seu corpo.

Poucos instantes depois, a porta do cômodo, localizada em frente à cama, abriu-se. Um grupo adentrou ao quarto, andavam de forma tão natural, como se já estivessem aguardando Myriel há algum tempo e ele fosse o último a chegar.

O grupo formava-se pela junção de quatro caboclos. O Caboclo Tupinambá, formoso e exótico, como sempre, banhado por seus habituais apetrechos; a Cabocla Jurema, madrinha de Myriel, utilizava saiote de palha e uma larga bata verde-claro; um Caboclo Velho, vestido de bata e calça branca, de rosto carrancudo e duro, cabelo curto de cor preta, pele branca, e curvado; o último Caboclo, deveras musculoso, alto e forte, moreno, feição fechada e silenciosa, coberto por peles de animais, provavelmente tigres, portava-se como o segurança do mais adunco.

O dormitório, entretanto, não era muito espaçoso; tinha meros quatro metros quadrados, uma cama de casal e dois armários. Eles ocupavam toda a parede lateral. Do lado esquerdo, a porta, por onde entraram, e uma janela acima da cama.

Após caminharem um pouco, de um lado a outro, aqueles Caboclos, ignorando plenamente a presença de Myriel, iniciavam uma intensa discussão, aparentemente sobre um caso importante.

*Sê valoroso no esforço  
Pela fé que te ilumina.  
No mármore embrutecido  
Repousa a estátua divina.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 32º CAPÍTULO

### O VALOR DE UM BENEFÍCIO

A conversa seguia nos seguintes moldes:

– Myriel realmente precisa dessa cura, Ancião. Por causa dos excessos nos esportes, a cartilagem de seu ombro rompeu e as contusões são habituais. Ele está com muita aflição. Não existem mais curas terrenas. Ele já operou uma vez, e as constantes abordagens só estão piorando. – Disse Tupinambá ao Caboclo mais velho.

O Ancião respondeu:

– Jovem Tupinambá, Deus impõe limite aos nossos atos, e qualquer atitude que extrapole esses limites tem sanções, você sabe muito bem disso. Deus não nos pune iguais a pais cruéis e perturbadores, ele apenas cria marcos, demarcações, divisas, com o objetivo de aprendizado e amadurecimento.

– Meu caro Ancião, eu compreendo a ganância de meu aprendiz, por consequência acabou por fraturar o seu corpo. É um erro que custará muito caro, estou ciente. Aliás, ele já é capaz de perceber que os limites foram ultrapassados por sua própria culpa. No entanto, ele não possui horas-trabalho suficientes para reparar qualquer falta no momento, por isso me dispus a cobrir o débito com o meu próprio suor. Eu pagarei o preço ainda hoje; estarei passando e comunicando o líder da colônia sobre a satisfação da minha dívida. Por isso lhe rogo, realize essa cura, pelo bem do trabalho espiritual.

O debate achava-se caloroso. O Caboclo Tupinambá, energético, falava e gesticulava balançando a cabeça para cima e para baixo com extrema disposição. Já o Ancião mexia seus lábios, de forma desfavorável, e, em certos momentos, fechava os olhos com ar de desaprovação, assistindo negativamente, como se aquilo fosse algo indevido, mas possível.

– O preço será alto – assentiu a Cabocla Jurema – porém, temos que arriscar, de que outro modo seria viável essa peregrinação mediúnica.

– A obra que será realizada – concordou o Caboclo Tupinambá –far-se-á recompensa satisfatória no sentido de cobrir os débitos carnis e espirituais. Não foi por isso que ele foi designado para tal trabalho?

Todavia, nada do que falavam aparentava convencer o mais velho dos integrantes. Estava resoluto!

Perfizeram minutos em diálogo acalentado e, finalmente, uma decisão fora tomada. O caboclo mais velho dirigiu-se na direção de Myriel, olhou em seus olhos e, irritadamente, mas com o carinho de um pai quando adverte um filho, disse:

–Meu rapaz, escute com atenção, apenas irei realizar essa cirurgia em seu braço, precisamente no ombro direito, porque tenho sobeja consideração pelo garoto Tupinambá e a irmã Jurema, esses índios que o estão acompanhando, e, não expressamente pelo senhor, desabonado de méritos adequados para tal compensação.

–Não podemos burlar as Leis de Deus. Recebe aquele que merece, e colhe aquele que planta. Ela é infinitamente justa e boa. Tu estarás colhendo os frutos de seu mentor, digno, trabalhador, respeitável e humilde de coração. Ele está remindo antecipadamente esse prêmio.

–Deixo claro que não lhe foi doado e, sim, adiantado. É um favor que ele lhe faz, garantindo os céus em seu lugar, postando a honra adquirida aos altares por fé em ti. Prometeu-me que você será benemerente, e assim espero. Mas antes, devo conscientizá-lo. Esta é uma cirurgia concedida a poucos, por isso mostre a esses guias irmãos que vieram a mim, pedir por você, a devida consideração e respeito, sempre trabalhando dignamente em prol da espiritualidade e da caridade.

Ao fim da reprimenda, Myriel entendeu perfeitamente os motivos do transporte, dos gritos e da discussão. Tudo isso porque meses antes, devido aos abusos nos esportes, sofreu grave lesão no ombro direito. Entretanto, mesmo após operação, exames médicos e fisioterapia, os médicos disseram não haver mais solução, somente paliativos. Já havia chorado muito por efeito de tais notícias e temia não conseguir mais realizar incorporações plenas. No momento de extrema angústia, pediu inconscientemente ajuda ao Caboclo Tupinambá, apesar de não ter certeza de que alguém realmente viria ao seu auxílio.

Esse é um erro muito constante. As pessoas oram, mas não o fazem crendo realmente que Deus está ouvindo, fazem da boca para fora e não de dentro do coração. Ainda assim, quando inconscientemente deixam os sentimentos aflorarem durante a oração, não só Deus, mas todos os seus anjos a escutam.

*Se procuras neste mundo  
A luz de valor mais raro,*

*Caleja as mãos trabalhando  
E aprende a pagar mais caro.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 33º CAPÍTULO

### CIRURGIA ESPIRITUAL

O aborígene Ancião, analisando detalhadamente a situação, solicitou à Cabocla Jurema que esperasse do lado de fora do aposento as novas ordens. Disse também as seguintes orientações:

– Já começarei a operação e não quero presenças além do necessário, por gentileza. Preciso me concentrar satisfatoriamente. Este é um procedimento delicado e não posso errar de modo algum. O garoto Tupinambá, por outro lado, poderá ficar. Vou precisar de ajuda com o rapaz. Não vamos usar anestésias como os terrenos utilizam, e, de certo, ele tentará correr e espernear logo que sentir o corte e as dores alucinantes do rompimento.

– Aliás, preciso de vocês na remoção da coligação do perispírito com as cordas vocais. Eu não posso nem pensar em perder o direcionamento com gritos.

Imediatamente, os Caboclos deslocaram-se, como se tivessem receio de uma inevitável fuga, agarrando Myriel à força; um de cada lado, prendendo-lhe pelos braços, dizendo conjuntamente ao curandeiro:

– Quando estiver preparado, senhor, ele não se moverá mais.

Naquele instante, Myriel Parvulus estremeceu, suas pernas cederam, pensou no que poderia ser tão ruim que precisassem o imobilizar daquele jeito. Estava apavorado, tentou debater-se, mas não conseguia fazer nenhuma conturbação; achava-se integralmente subjugado.

Sob outra perspectiva, aquele Ancião apresentava-se extremamente calmo, respirava lentamente, tanto quanto se buscasse a perfeição até nos mais simples detalhes da vida. Em seguida, retirou de dentro de uma pequena bolsa de couro, amarrada na cintura, uma delicada faca cheia de dentes. Apertou o ombro direito de Myriel com as mãos firmes, à maneira de uma massa de pão, e conduziu imediatamente a faca até a mão esquerda. Passou levemente a mão direita em cima do lugar que seria realizado o corte, magnetizando e limpando, por meio da emissão de uma luz azul e úmida saindo da palma da mão. Os olhos do clínico estavam fixos no ombro direito do paciente.

Em seguida, pediu para o Caboclo Tupinambá retirar o tecido que Myriel estava trajando. E, após deixá-lo apenas de calças, fez novamente movimentos

com a mão direita, lançando a claridade por cima de sua pele.

Aproximou o gélido objeto e iniciou a cisão, de cima para baixo, do lado superior do fim da clavícula até o começo da axila. A dor que Myriel sentia era ardente e alucinante, beirando a loucura. Estava plenamente paralisado, inclusive na parte labial. Ninguém escutava seus gritos e pedidos de súplica. Só observavam friamente os movimentos de sua boca e olhos.

Na confusão em que se encontrava, Myriel resolveu encarar o ombro, verificando o porquê daquela intensa dor. Estava no espírito – pensou – e mesmo assim as dores pareciam tão reais e físicas. Foi quando viu um fulgor branco, uma massa luminosa e grossa rompendo da fenda, repelida como um portal aberto de dentro de seu corpo.

Os minutos percorridos assemelhavam a longos anos em seus pensamentos. Quando não aguentou mais, deixou a cabeça cair solta para trás, urrando de dor, boca aberta, prestes a desistir, já que seus protestos não eram ouvidos. Myriel vacilou. Não aguentaria. Não lhe restavam mais forças. Iria, por fim, desmaiar, se isso fosse realmente possível. As pernas estavam bambas e o corpo mole. O que lhe resistia? Apenas o último pingo de consciência. Resíduo este que o mantinha parcialmente acordado.

– A dor que sentimos no mundo carnal, meu jovem, não é tão intensa como no mundo espiritual – palestrou um dos carcereiros de Myriel, adivinhando suas dúvidas. – Os sentimentos, misturados aos elementos psíquicos, fazem o padecimento se tornar acentuadíssimo. A alma, quando chora, transforma minutos em anos, e anos em milênios, esvaindo a noção de tempo. Vemos isso regularmente no Umbral. Tente aguentar só mais um pouco, seja forte, rapaz!

O médico indígena, aplicado em retirar aquelas substâncias, não se permitia conversar durante a cirurgia. Ele continuava os complexos procedimentos arredando os fluidos estranhos e maléficos, sem nem ao menos ousar piscar. Os dois outros colegas espirituais também não o atrapalhavam.

Enfim, ao término daquela extração, o que pareceu a Myriel uma eternidade, mas que, na realidade, durou apenas poucos minutos, posteriormente esclarecido pelo Caboclo Tupinambá, o cirurgião consumou o fechamento do ferimento, utilizando somente suas duas mãos abertas.

*Não te aflijas. Sobre a Terra  
Onde tudo surge e passa,  
Não há gozo sem limite,*

*Nem há sombra sem fumaça.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 34º CAPÍTULO

### ENVOLTÓRIO FLUÍDICO

As energias curadoras daquele Ancião transitavam de maneira calma e doce por todo o ferimento de Myriel. O seu toque espelhava a leveza do vento e o frescor da chuva, após um longo e abafado verão. Myriel presenciava o êxtase, as dores desapareciam e vivenciava o deleite dos justos. Não tinha reclamações ou dores, só, talvez, um pouco de fadiga e cansaço.

– Jovem aprendiz, agora deverá descansar por 15 dias – disse o Ancião, quebrando o silêncio – fazer poucos esforços físicos, mas praticamente poderá seguir a sua vida normalmente. A propósito, esses ferozes algozes já foram retirados, e seu ombro ficará bom em breve. Extraímos o trauma do nexo atado do espírito à matéria.

– Assim que retornar ao seu corpo, no período de repouso, ele irá restaurar-se naturalmente. A membrana anteriormente rasgada voltará a ser como se nunca tivesse sido rompida.

– No entanto, devo alertá-lo, se algo ocorrer após a recomposição a culpa não será da espiritualidade e, sim, do seu próprio destino. Já recebestes o melhor disponível nesse tipo de especialidades corpóreas por meio da ligação do perispírito, ou melhor, caso não saiba, significa o envoltório fluídico, laço semimaterial, conexão da alma com o corpo físico.

Então, quando as últimas observações saíram da boca do experiente cirurgião, os dois fortes caboclos, por fim, livraram suas amarras, e os movimentos de Myriel retornaram completamente ao seu comando. O Caboclo Tupinambá, parado a sua frente, calmamente, disse:

– Filho, acompanhe-me até o outro cômodo, por gentileza, a Cabocla Jurema nos aguarda. Ela deseja conversar com você, em particular, por um instante.

Ainda fraco, com poucas energias sobrando, Myriel seguiu cabisbaixo o Caboclo Tupinambá pelo curto corredor da casa, até pararem na entrada da próxima sala. Nesse cômodo estavam postos três sofás vermelhos, cada um encostado em uma parede branca. Na parede do fundo, uma televisão. Ao lado esquerdo, um quadro de Picasso, acima do sofá. Aliás, uma dependência simples, mas aconchegante.

Ali, andando de um lado para outro, de cabeça baixa, parecendo preocupada,

a Cabocla Jurema.

– Bom Myriel, agora eu vou me despedir dos nossos íntegros convidados. Irei acompanhá-los até a fronteira da cidade. A irmã Jurema me comunicou que irá realocá-lo de volta à sua matéria corporal. Um bom descanso e siga as considerações do Ancião, tudo bem?! – disse o Caboclo Tupinambá, exausto, dando as costas e voltando em direção ao corredor, levemente curvado.

Evidentemente, todos estávamos cansados, foi um trabalho pesado – pensou Myriel.

A Cabocla Jurema, pose habitual, uma mão encostada no peito e dois dedos esticados, e a outra mão nas costas, parou a sua frente. Ela olhou Myriel nos olhos, vendo-o saudável, e satisfeita e dura, expressou seus sentimentos:

– Caro Myriel, agora saudável, eu almejo-lhe dedicação e empenho, junto a toda essa auréola de entidades de luz que te acompanham na sua missão mediúnica em prol da caridade. O presente fornecido pelo irmão Tupinambá é algo deveras valoroso, portanto, dê o devido respeito que ele merece. Podes não saber, mas ele espera “tudo” de seu querido aprendiz. É um amigo muito querido, por isso também estarei de olho em você, afinal sou a sua madrinha.

Por fim, no exato instante em que ela fez menção de se mover, a escuridão cercou os olhos de Myriel e o desdobramento terminou.

*Procura formar amigos  
Com teus valores Cristãos.  
O destino faz parentes,  
A bondade faz irmãos.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 35º CAPÍTULO

### NUTRIÇÃO MORAL

Em determinada ocasião, o Caboclo Tupinambá, animado, incitou levar o jovem Myriel Parvulus para visitar o seu trabalho espiritual na colônia de Aruanda. Logo, manifestou-se:

– Myriel, seja grato, nós finalmente recebemos a tão esperada autorização do nosso próximo transporte. Afinal, é necessário adquirir todas as formas de aprendizado, no sentido de desvincular da alma esses tão ferozes algozes da ignorância e dos preconceitos. Você é como uma jovem semente, ainda em fase de crescimento, amadurecimento e desenvolvimento. Portanto, não podemos nos esquecer das regas diárias e dos adubos constantes.

– Entenda o seguinte: fazer você progredir é a minha missão como Anjo da Guarda, porém, antes, devo esclarecê-lo sobre alguns assuntos, principalmente sobre a importância da nutrição moral daqueles que serão o nosso futuro. Ora, trabalhar valores éticos e morais desde a infância é indubitavelmente de suma importância ao crescimento do ser humano, auxiliando a construção do alicerce fundamental da vida futura.

– Logo, o adulto nada mais é do que o produto vivo daquilo que vivência e aprende durante seus primeiros anos de vida. Eis a relevância do aprendizado tenro. E essa aquisição, é claro, também se aplica ao mundo espiritual, Myriel. O espiritismo vos ensina que o mundo terreno é um reflexo dos mundos superiores. Nesse sentido, por meio das infindáveis reencarnações, os possuidores de corações menos duros e menos inflexíveis amadurecerão mais rápido do que os recalcitrantes, e, portanto, sofrerão menos, em razão de realizarem menos voltas nessa desgastante jornada.

– Por isso, há necessidade de revermos, principalmente no plano corpóreo, a prática docente dos profissionais de base. Isso pelo fato de estarem em época de desestabilização dos valores humanos, onde as aptidões da matéria estão em alta e as da moral, em baixa. Incontáveis pais e escolas estão mais preocupados em ensinar o “abc” aos seus filhos e alunos, do que devidamente conceitos da moral, do respeito e de atitudes.

– Embora esses aprendizados científicos se façam necessários, eu sei, é preciso, conquanto, que a instituição se preocupe inclusive com aspectos de

caráter humano e social, transformando os lecionandos em seres completos, e não somente em meros letrados. Capacidades estas sem as quais é impossível viver adequadamente em ordens superiores. Fundamental, portanto, torna-se a abordagem de assuntos relacionados aos valores do indivíduo na construção de seres mais “humanos” e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa. Enfatizo, nesse sentido, a idade de 3 a 10 anos, período ideal de formação e constituição da identidade pessoal.

– Nesse ínterim, tenho um profundo amor sobre o tema, pois esse também é o meu trabalho na colônia de Aruanda – explicou o Caboclo Tupinambá. Eu sou professor de espíritos desencarnados em tenra idade, as chamadas “crianças”, realizando instruções morais e psíquicas, com o intuito de esclarecimento interior, desfazendo certos nós e desequilíbrios causados por eles próprios durante a curta passagem terrena. Isso porque no mundo espiritual não existem crianças de fato, somente espíritos recém-criados. A divisão entre nós se faz pelo nosso refinamento moral e não pela idade.

– Os meus outros trabalhos, por exemplo, a orientação de médiuns, é extraordinária, ou seja, suplementar e acessório ao labor principal. Dessa maneira, deixaremos para falarmos deles em momentos mais oportunos.

– Agora me siga, Myriel, hoje eu lhe deixarei apenas em uma faixa de observação, ou seja, você ficará em estado suspenso, condição esta em que é possível locomover-se e visualizar o que está em volta, sem restrições, apesar de que ninguém, além de mim, poderá vê-lo. Outra coisa, o procedimento com relação aos pequenos é deveras delicado, e não posso obstaculizar os métodos já preconcebidos; assim você não terá acesso físico e mental a nada e nem a ninguém.

– Não confunda, todavia, as crianças tratadas nesses ambientes específicos, com as que trabalham nessa bela religião. Na Umbanda, essas entidades guias vestem, propositalmente, a roupagem infantil, com o intuito de transmitir, de outras maneiras, os ensinamentos e as instruções necessárias ao pleno aprendizado da Doutrina de Jesus Cristo.

– Assim mesmo como o próprio Mestre ensina: “– Venham a mim as criancinhas – pois será para aqueles que “lhes assemelham” o reino de Deus”.

– Não devemos, contudo, absorver tais palavras na forma literal, e, sim, utilizar da razão no sentido de compreender a mensagem presenteada por meio de suas iluminadas parábolas. As linhas de Umbanda foram criadas por esse motivo, ensiná-los por intermédio de diversas formas simbólicas.

– Tenha disposição, teremos uma boa caminhada até lá. Friso, no entanto, o local é circunscrito dentro de espaços restritos a seres em adequação ao novo plano. E, sim, fica na cidade de Aruanda. Agora, feche os olhos!

*Guarda prudência ao lenir  
As chagas de teu irmão.  
O reconforto indiscreto  
Irrita a grande aflição.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 36º CAPÍTULO

### JARDIM EDUCACIONAL

A viagem astral durou breves instantes. Myriel, no entanto, não pôde ver nada além de simples cores e borrões. No decurso sentiu tonturas e enjoos, até finalmente pararem. A região que presenciavam exibia excepcional clareza, calma e beleza. Enquanto desfrutava da natureza em volta, observavam-se, inesperadamente, incontáveis semelhanças com o planeta Terra. Naquela hora, o Caboclo Tupinambá parou, olhou-o nos olhos e disse:

– O âmbito foi especialmente preparado a fim de não causar tamanho impacto aos seres em recente desencarne. O sol brilha como se ainda fosse meio-dia, e não se altera em nenhum momento do dia. Devaneio este criado para os jovens nunca sentirem o desamparo de Deus.

As árvores verdes, limpas e sorridentes lembravam o despertar de um belo dia de verão. Diversas mesas feitas de pedras, rodeadas com cadeiras do mesmo material, estavam situadas nos múltiplos pontos naquele airoso jardim. Outra característica chamou a atenção de Myriel: as cantorias dos pássaros. Novamente elas pareciam harmoniosas sinfonias estelares aos seus ouvidos, como se alguém habilidoso as estivesse a tocar. Alegrou e dava vida àquele cenário pré-fabricado.

– Os pássaros são de suma importância nesse tipo de campo energético – são as músicas refletindo a voz de Deus, ajudando esses seres a não pensarem nas antigas circunstâncias negativas – explicou o Caboclo Tupinambá, vendo o interesse de Myriel.

– Apressemos-nos Myriel! Estamos atrasados, os alunos já devem estar nos esperando. Jovens não têm paciência e não gostam de aguardar. Recusam-se a utilizar o tempo vago para aprimorar os dons da oração, meditação, visão e audição.

O Caboclo Tupinambá dava passos largos e apressados e Myriel tentava não ficar para trás. Quando finalmente chegaram, dirigiram-se rapidamente até uma das mesas de pedras mais agitadas, revelando uma turma formada por sete pequenos, com as idades e aparências do desencarne, de 6 a 10 anos. Dentre eles, viam-se cinco meninos e duas meninas. Esses jovens estavam sentados em volta da mesa conversando, gritando, pulando e balançando a cintura como se

estivessem extremamente felizes. Eles aguardavam o professor, que ao chegar foi recebido a plenos pulmões e festejo, com risos e abraços.

Um dos meninos, por outro lado, demonstrava avesso sentimento. Tinha cabelos castanhos, permanecia com a cabeça encostada na mesa e os braços estirados, aparentando extrema tristeza e desânimo. Todavia, enquanto isso, o Professor Tupinambá, afastando gentilmente a alegre roda, disse:

– O que houve minha criança?

O menino levantou a cabeça e com voz cabisbaixa respondeu:

– Queria brincar e não estudar.

– Ah sim, entendo, porém existem situações para brincar e outras para aprender, meu filho. Agora, por exemplo, é a de aprender. Vamos estudar eventos importantes, sobre os ensinamentos de Jesus, a diversidade da natureza e abrangência do amor. Ora, não existe, meu pequeno, satisfação maior a todos nós. Essas lições são como instantes de lazer ao nosso coração. Se escutar com devotamento poderá brincar depois, eu prometo.

– Classe! Meninos e Meninas! Meus queridos alunos! Vamos começar nosso aprendizado de hoje. Falaremos somente um pouco sobre a diversidade da natureza e bastante sobre o Evangelho de Jesus, reflexo de amor e sabedoria. Cumprir as tarefas é importante. Desempenhem seus deveres com dedicação e poderão se divertir nos intervalos.

– Atenção! – articulou aquele índio de forma animada – a natureza é umas das mais importantes criações de Deus, nosso amado Pai. Na sua ausência, viver seria impossível. Ela se adequa às diversas moradas desse Universo, ofertando-nos o alimento que nos sacia, o ar que nos refresca, a terra que nos sustenta, o fogo que nos esquenta, a chuva que nos limpa, as águas que nos hidrata. E isso é só o essencial, porque, além de tudo, ela pode ser modificada e transformada de acordo com a habilidade dos habitantes, e a propensão dos mundos. Deus é mais do que bom para nós, não concordam?

– Eu sei, é difícil entender tudo só com palavras, mas depois teremos aulas práticas onde poderei mostrar-vos a intensidade e a potencialidade de sua diversificação. Mas, por hora, vamos falar um pouco sobre a doutrina de Jesus, nosso querido Mestre, e suas histórias moralistas e de amor.

*Não olvides, se descansas  
No jardim do galanteio,  
Que todo sapato lindo*

*Acaba em chinelo feio.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 37º CAPÍTULO

### PRELEÇÕES DE LUZ

– O conto de hoje será: “A Verdadeira Pureza – Mãos Lavadas”. Vamos lá!

– Alguns sábios das escrituras e homens de má vida vieram de longe e, se aproximando de Jesus Cristo, disseram: – Por que você e seus discípulos não seguem a tradição e não lavam as mãos antes de comerem?

– Mas Jesus, sabendo de suas péssimas intenções, lhes respondeu: E porque vocês seguem a tradição, mas desobedecem as leis de Deus? Vocês lavam as mãos, mas não respeitam nem o papai, nem a mamãe, nem os irmãozinhos e nem os amiguinhos. Não é o que vocês pensam que machucam os irmãozinhos e que te fazem pessoas más, e, sim, as coisas ruins que saem da boca, pois estão dentro do vosso coração que as guardam, e que ferem os outros e a si mesmos. Agora comer sem lavar as mãos não nos torna pessoas más. Assimilem o seguinte: aquele que fez a parte de fora do corpo, também fez a parte de dentro. Por isso, tenham cuidado em primeiro deixar sempre limpo e bondoso os vossos corações, e somente, posteriormente, suas mãos.

Enquanto o Caboclo Tupinambá representava a história com entusiasmo, quase beirando ao êxtase seu coração, prazeroso, fazendo caras e bocas, mudando a voz quando se referia a Jesus e aos Fariseus, um dos meninos, de braços esparramados na mesa, desceu furtivamente da cadeira e pelos cantos, longe dos olhos fluorescentes do professor, correu até o centro do jardim na direção dos passarinhos cantores.

O professor, no entanto, ao terminar o belo conto passou os olhos à mesa e percebeu a falta de um aluno. Entreviu a sua volta e notou a sua dispersão para longe das atividades. Naquele momento, a feição meiga do divino instrutor se transformou vagarosamente em rígida e franzida. Virou o corpo, e a passos pesados foi na direção do pequeno. Faltando apenas alguns metros de distância levantou o dedo indicador da mão direita e com a voz implacável começou a gritar:

– Rapaz! O que você está fazendo aí? Já não avisei que agora é hora de estudar! É seu dever se concentrar e prestar a atenção nas aulas. Agora volte para o seu banco. Você está de castigo! Vamos, ande! O senhorzinho acabou de perder o fim da história!

O restante da classe, de bocas abertas, sobressaltados, ficou em pé em suas cadeiras observando com atenção a bronca que o Professor Tupinambá aplicava no colega.

Imediatamente, o menino voltou, caminhava de cabeça baixa e aos prantos. Ele andava na frente do professor e aparentava forte remorso por não ter ficado à mesa. Mas quando retornaram o Caboclo Tupinambá devolvendo a meiguice à fisionomia, mas ainda sério, continuou:

– Agora turminha, nós vamos fazer a nossa habitual interpretação sobre a história de hoje. Digam-me, o que vocês entenderam?

Uma menina loirinha, olhos claros, levantou a mão e expôs:

– Entendi o seguinte: o mais importante é o que temos dentro de nós, nossas atitudes perante os outros, tanto os amigos, como os parentes. E se formos bons dentro de nós, seremos também por fora.

– Ah professor, eu penso quase igual. A única diferença é que não adianta de nada lavarmos as mãos, tomarmos banho, fazermos de tudo a fim de deixar o corpo limpo, se não formos bonzinhos no coração, respeitar nossa família e amigos. Ah, também não pode brigar – disse outro menino, de cabelos negros e encaracolados, sentado próximo ao Caboclo Tupinambá.

– Exatamente, vocês conseguiram captar com perfeição a mensagem de hoje. O nosso interior, nosso coração, nossas atitudes, nossas ações têm mais importância do que outros atributos externos. Não obstante, isso não significa o abandono das outras tarefas. Nosso Mestre apenas ensina que dentre as duas, a mais significativa é sermos bons de coração – indicou o Caboclo Tupinambá, sorrindo.

– Esperem mais um pouco, antes de liberá-los ainda desejo ensiná-los o conto dos pássaros, principalmente ao nosso pequeno irmãozinho recalcitrante, mas também a um invisível convidado especial. No futuro apresentarei a vocês, lhes prometo.

Então, vibrante e apaixonado, o Caboclo Tupinambá iniciou a narrativa:

– Existia dentro da floresta um belo ninho de andorinhas. Dentro dele viviam um papai e uma mamãe andorinhas. Com o passar do tempo, Deus foi enviando filhotinhos para eles cuidarem e instruírem. A lei dos pássaros é semelhante a nossa, os pequenos que ainda não podem sustentar-se sozinhos devem respeitar e seguir as ordens dos mais velhos e chefes do ninho.

– Certo dia, um dos filhotes achando-se forte e independente, não querendo cumprir suas funções, enfrentou o papai pássaro com má-criação e

insubordinação, querendo ir embora de casa com o intuito de viver livre de seus deveres e obrigações. No entanto, sábio e consciente de seus deveres, o papai andorinha deu a seguinte resposta: “– Caso esse seja o vosso desejo, você pode voar e montar o seu próprio ninho, pois o Criador nos fez todos livres para seguirmos os nossos caminhos, mas ouça com atenção, independentemente de onde você estiver sempre terá tarefas a realizar, sempre deverá respeitar os outros ninhos e também os outros pássaros, pois quando o direito do próximo começa, o nosso termina”.

Ao término, o Caboclo Tupinambá permaneceu em silêncio, ponderando breve reflexão, mas segundos depois, com alegria, expressou por meio de vigorosa vontade:

– Vão com Deus, meus jovens e lembrem-se da aula de hoje! – todavia, antes de terminar a frase viu as crianças correrem felizes, sem nem ao menos se despedirem.

Os estudantes já tinham atravessado metade do jardim, olhavam os pássaros, pulavam e brincavam com as pedras, quando aquele índio encarou Myriel Parvulus nos olhos e afetuosamente esclareceu:

– Quantos pais e professores são infelizes com seus filhos e alunos por que não combateram suas más tendências no princípio! Por fraqueza ou indiferença deixaram desenvolver neles os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade que secam o coração. Depois, mais tarde, recolhendo o que semearam, se espantam e se afligem pela sua falta de respeito e ingratidão.

– Que todos aqueles que são atingidos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente sua consciência; que remontem progressivamente à fonte dos males que os afligem e verão se, o mais frequentemente, não podem dizer: “Se eu tivesse, ou não tivesse feito tal coisa eu não estaria em tal situação”.

– Myriel, tudo isso está descrito no Evangelho de Jesus, deixado a vocês terrenos pelos espíritos de Allan Kardec. Leia-o atentamente, por favor, será necessário. Mas, por enquanto, pense sobre isso! As crianças são o futuro de vossa Terra. Se não cuidarem e as ensinarem da forma correta, com moral, atenção e rigidez moderada, já que o excesso é uma das causas funestas, extirpando as más tendências, as pragas logo se instalarão, e menos servidores da lei do amor surgirão e mais aflições serão plantadas nas densas camadas que necessitam de auxílio.

– Espero que tenha gostado de passar o dia no meu labor diário e conhecer

um pouco mais sobre esse seu humilde mentor. Ainda teremos muito a fazer, a plantar e a trabalhar, contudo, antes, preciso primeiro que você aprenda, estude e transforme o seu espírito por meio das leis de amor do nosso Mestre Jesus. Somente assim algo de bom poderá ser colhido. Paz em Cristo!

*Não me deixes repousar.  
No leito em flor de ilusão,  
Dá-me a bênção luminosa  
De Tua repreensão.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha





## 38º CAPÍTULO

### ALDEIA DE JUREMÁ

– Myriel – articulou o Caboclo Tupinambá, aparentando forte comoção – sou feliz por ter o prazer de lhe trazer extasiante notícia! Um antigo membro da antiga Juremá, conhecido como Caboclo Rei das Ervas, visitará a nova Juremá, e você foi escolhido dentre milhares de aprendizes para assistir a nobre palestra. Mas atenção, quando digo você, quero dizer nós. O nosso destino e a nossa sorte caminham entrelaçados!

– Desejo que sinta a importância do que estou lhe dizendo. Antigamente, antes da criação da Umbanda, a Juremá formava-se apenas por tribos do velho mundo, ou seja, dos países mais antigos do continente Europeu, como Portugal, Espanha, França, Itália etc. Após o ano de 1900 d.C., contudo, ela ficou conhecida como “Nova Juremá”, pois houve a ascensão desses irmãos, deixando suas terras a fim de cultivarmos novas culturas, por exemplo, as da América do Sul.

– Será de enorme aprendizado – continuou o Caboclo Tupinambá – suas histórias e contos, uma experiência única, inclusive, quem sabe, nós teremos a oportunidade de olhar de perto o tão famoso livro das ervas, criado por ele durante os milhares anos de trabalho e pesquisas. Essa obra é raríssima, poucas cidades conseguiram armazenar cópias suficientes, e as únicas existentes estão localizadas em mundos superiores, aos quais ainda não nos é permitido acesso.

– Virei buscá-lo em breve, Myriel, não demorarei!

No decorrer de duas semanas, logo após Myriel adormecer, momento em que os laços da matéria afrouxam-se e o espírito ganha liberdade, o Caboclo Tupinambá apareceu.

– Feche os olhos, Myriel, nós já vamos partir! – disse o Caboclo Tupinambá.

Por consequência, dessa vez, de olhos fechados, Myriel apenas sentiu um leve tremor e já se encontrava na entrada da Aldeia de Juremá. Não sentiu náuseas ou qualquer outra sensação. Estava, por fim, acostumando-se com os transportes involuntários, e presenciava visivelmente o amadurecimento de seu espírito. Não tinha mais medo ou inseguranças. Pelo menos não na sólida presença de Tupinambá.

Conquanto, antes de irem ao local da palestra, acompanhou o Caboclo

Tupinambá no intuito de resolver problemas administrativos no núcleo da Colônia de Aruanda. Há tempos não via lugar de tamanha beleza. A região alinhava extrema limpeza e pouca poluição visual. Via-se, na maioria, largos e simples assentos brancos prateados, aparentando nuvens divinas e confortáveis. Eles ficavam espalhados em belas e longas praças, onde diversos pássaros exóticos e coloridos voavam livres ao redor das refrescantes árvores. De resto, uma cidade inteiramente branca, prédios maravilhosos e rústicos.

Ao término, partiram imediatamente em direção à Aldeia de Juremá; território localizado dentro da parte interna da Colônia, separado, principalmente, por árvores de grande porte e raízes densas. O povoado exibia casinhas de madeira e ocas de palha; algumas delas estavam decoradas com diversos apetrechos indígenas, demonstrando seus hábitos e costumes. Os exemplos mais típicos, bambus, palhas, cordas, folhas de bananeira, penas de animais exóticos e as variadas sementes. Ademais, as cores faziam um show à parte de tão vivas e fluorescentes.

Naquela ocasião, antes de se dirigirem ao ambiente preparado à palestra, o Caboclo Tupinambá decidiu expressar as seguintes observações, visando esclarecer o seu querido aprendiz sobre determinados assuntos, utilizando de singular procedimento, assim como um prestimoso professor dirigindo-se ao seu benquisto aluno:

– Hoje inverteremos os papéis, eu serei o acompanhante e você o participante. Portanto, preste bastante atenção, Myriel, em tudo que vivenciar, fale o mínimo possível, e esteja sempre pronto a servir no que for necessário. Vigia-te o espírito. Eu estarei por perto, é claro, só que essa apresentação é preparada principalmente a vocês, jovens aprendizes. Então minha interferência será ínfima.

Após breve instrução, eles caminharam, sem pausas ou empecilhos, até a humilde barraca indígena onde seria realizado tal evento.

Devido à importância, Myriel acreditava na vultuosa pomposidade do local. Mas estava enganado, todas as ornamentações pareciam naturais e singelas. Não avistou, nem ao menos, sinais indicando o ponto correto. As paredes, emaranhadas de bambus, madeiras, cipó, não tinham janelas, apenas pequenos espaços entre um e outro, fornecendo a mínima claridade da cabana.

O modelo da estrutura era antigo, com pilares espalhados nos quatro cantos da barraca. Porém, nos simples detalhes, aquela humilde construção tornava-se exótica residência. O telhado, coberto por uma grossa camada de palha descia

do topo até o fim dos quatro cantos das paredes, assemelhando-se à singular forma triangular. A pequena entrada de 2 metros de largura revestia-se por várias tiras de tecido e palha longas e finas, tornando possível entrada forçada. Praticamente, um galpão largo, escuro, mas bem aconchegante.

*Não vale apenas saber.*

*O aprendizado cristão*

*Reclama de todos nós*

*Esforço e edificação.*

Ditado pelo Espírito

Casimiro Cunha



## 39º CAPÍTULO

### O CABOCLO REI DAS ERVAS

Em seguida, ingressaram na choupana. O Caboclo Tupinambá acompanhou Myriel até um canto isolado da choupana, à esquerda da porta, aguardando a chegada do palestrante. Outros participantes também já haviam alcançado seus lugares, e se localizavam espalhados pela barraca. O Caboclo Tupinambá, no entanto, percebendo a ansiedade de Myriel decidiu adiantar alguns fatos históricos, preparando-o ao que viria a seguir:

– Caro Myriel, esse índio palestrante é conhecido como o Caboclo Rei das Ervas, isso porque há muitas centenas de anos ele deu início a um estudo, até então pouco explorado, sobre ervas e seus usos nas diversas faculdades do espírito, o qual, dizem, lhe garantiu uma vaga no grupo dos bons samaritanos. No entanto, destaca-se, apesar de sua alta evolução, ele até hoje permanece com a aparência de um velho cego que perdeu a visão há muito tempo, semelhante a sua última encarnação, e nunca desejou mudar. Só que isso não o impossibilita e nem degrada a sua mente e seus conhecimentos. Ao contrário, ele diz que a perda da visão é algo verdadeiramente gratificante, o faz lembrar-se de suas incontáveis imperfeições e dos sábios desígnios de Deus. Ademais, ele também é um dos muitos espíritos merecedores dos mundos superiores, e nos visitam de tempos em tempos visando nos trazer conselhos e discernimentos. É tudo que você precisa saber por hora!

Aguardaram mais 10 minutos, até que finalmente o tão esperado Caboclo das Ervas chegou. Estranhamente, ele entrou por uma porta oculta localizada na parte de trás do barracão. Talvez por falta de atenção, mas Myriel não tinha percebido a existência de uma segunda porta.

– Uma porta de emergência, Myriel. Ela fica camuflada com o mesmo material revestido das paredes, impossibilitando a visualização no escuro – exprimiu o Caboclo Tupinambá.

Myriel e outros dois alunos presenciando a dificuldade de locomoção daquele Ancião foram até ele, e, levemente curvados, posicionaram-se de forma que ele pudesse se apoiar nos seus braços e ombros. Nesse instante, quando estava bem perto, Myriel não resistiu e encarou o Velho Caboclo. Essa imagem lhe deixou pensativo. Não conseguia esconder o fascínio que sentia, aquele índio era

efetivamente cego, seus olhos, formalmente e delicadamente abertos tinham a cor branca acinzentada, dando a impressão de sagacidade e sabedoria. Mas, enfim, não tinham vida.

Os três alunos auxiliaram o Caboclo das Ervas a sentar em uma cadeira de palha e cipó, que por mera curiosidade caberiam, no mínimo, duas pessoas, isso sem se apertarem. Único luxo que se permitia ter, conforto. Usava, inclusive, um surrado e simples penacho de três penas verdes, conservando uma ao centro, e as outras duas, uma de cada lado, como um tridente curvado. Suas roupas, por outro lado, feitas de lã bege esverdeada, costuradas sob medida, de forma que a parte superior do corpo ficasse semelhante a uma bata, e na parte inferior, uma calça estreita até os pés. Na sua mão direita carregava um grosso e surrado livro de cor amarronzada de traços verdes-musgo. A capa do livro continha as seguintes inscrições feitas à mão: “Livro das Ervas”, e uma pequena erva grudada embaixo do nome.

Durante os preparativos houve cânticos harmoniosos e baixos, realizados por algumas belas mulheres. Elas trajavam batas brancas e prateadas, e localizavam-se próximas ao hóspede, demonstrando os agradecimentos pela visita longínqua, que repercutia intensamente naquele ambiente escuro, tão belo e suave, de tal modo a lembrar dos mantras indianos.

Doravante, mesmo sentado, aquele Ancião mantinha sua mão direita em cima da capa do livro, bem como a cabeça baixa, como se olhasse fixo na direção de um vazio no chão onde não havia ninguém, e disse afetuosamente:

– Venham minhas crianças, sentem-se aqui no chão, à minha frente, e façam um círculo.

Segundos depois, no local indicado, ansiosos, esperavam atentos o que aquele sábio lhes ensinaria. Talvez algum conhecimento sobre ervas? Curas milagrosas? Transformações da natureza? Independentemente do que fosse, Myriel tinha certeza de que seria algo incrível e novo.

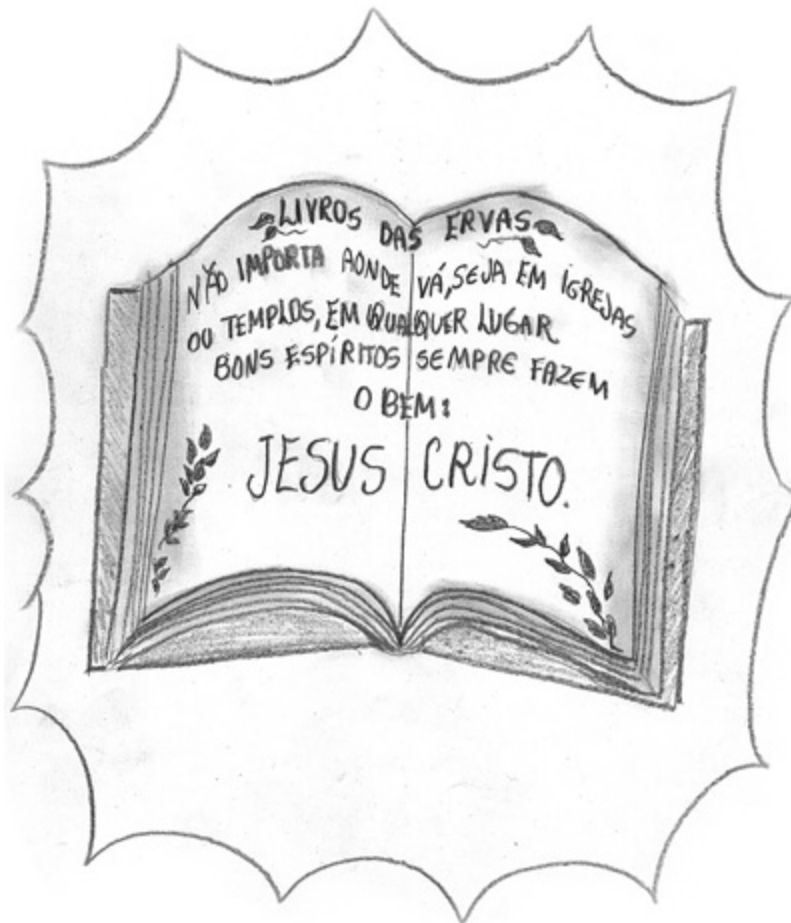
Os tutores, inclusive o Caboclo Tupinambá, ficaram ao fundo, em pleno silêncio, observando e aguardando, possivelmente com a mesma inquietação de seus aprendizes. Só que a ansiedade dos professores é diferente. Ela refere-se ao portar dos alunos, e não à matéria propriamente dita.

– São sempre mistérios esses tipos de palestras – dizia outro índio em direção ao Caboclo Tupinambá.

– Concordo – disse em resposta.

*Sem Cristo no pensamento,  
Sem Evangelho na ação,  
Jamais veremos na Terra  
O dia da redenção.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha



## 40º CAPÍTULO

### O LIVRO DAS ERVAS

O sol estava se pondo rapidamente, tornando o ambiente um pouco mais escuro. Myriel só conseguia ver sombras. De fato, se forçasse a visão até poderia ver os formatos dos rostos e vestes, mas a partir daquele instante não seria mais necessário; só precisaria dos ouvidos e dos sentimentos.

– Nunca se esqueçam – começou o Caboclo Rei das Ervas –, os olhos que valem a pena ter são os olhos do coração, pois só eles conseguem armazenar as riquezas de Deus. Sim, existe algo superior a todas as técnicas e habilidades, e isso é o amor. Ele está em tudo o que fazemos e em todos os lugares que habitamos. Por meio dele se criam as verdadeiras obras do Senhor, bem como os nobres sentimentos, as reais organizações, o íntegro respeito, a sublime valorização, a incontestável sabedoria, a pura humildade, o saber e o conhecer, entre outras funções. O amor tem suas peculiaridades, é claro. Algo tão bom não poderia ser tão pouco, vocês não concordam? Ele nos ajuda a crescer como merecedores filhos de Deus.

– Aliás, sem ele não haveria nem ao menos razão de existirmos. Não haveria consciência e nem princípios. Seríamos meras máquinas agindo pelos pesos e contrapesos da ação da natureza. Na própria bíblica terrena, em Coríntios, temos semelhante ensinamento. Ao final de tal passagem é dito o seguinte: “..., agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor”. Depois liam minhas crianças.

– Alguns de vocês, aspirantes a aprendizes de Cristo, esperaram por muito tempo a oportunidade de poderem aprender com meus fartos e humildes estudos sobre as diversas utilidades das ervas. Eu as trouxe, é claro; elas estão impregnadas nesse meu amado livro. E hoje, como um presente, eu irei ler a primeira e a mais importante página desse livro, na intenção que vocês aprofundem o que acabamos de discutir.

O Caboclo Rei das Ervas passou docemente a mão direita por cima da capa e abriu o tão esperado livro. A capa era grossa e a aparência antiga. Os seus dedos magros e cumpridos sentiam as páginas e as longas inscrições, até que um leve sorriso, quase inexistente, apareceu em seu rosto.

Com um ar de satisfação, disse:

– Ah sim, ainda está aqui, a primeira página, onde tudo começa.

Myriel esticou os olhos no livro localizado no colo daquele Caboclo, e pode ver ali somente algumas linhas e nada mais.

– Nada muito longo e cansativo – pensou.

Refletiu melhor e achou algo estranho, pois tinha por certo que seria algo demorado e complexo, voltando com a mente perturbada de tantas novas informações. A linguagem também não parecia de difícil compreensão, mas por causa da escuridão, não era possível ler o que estava escrito.

– O livro está em braile, jovens, só pode ser lido pelo tato e pelo coração – articulou na direção de Myriel com aqueles olhos brancos e um leve sorriso no rosto –. De que outra forma um cego como eu poderia fazer.

Todavia, Myriel jurava consigo mesmo ter conseguido entender algo, mas devia ter sido tênue impressão. Ou quem sabe, não. Os pensamentos cintilavam em sua cabeça.

– Disse o Grande Pai – retomou o Caboclo, após um breve intervalo, que devia ser natural por causa de sua idade – “Disse o Grande Pai: – Não importa aonde você vá, seja em templos ou igrejas, em qualquer deles os bons espíritos sempre fazem e praticam o bem; pois do mesmo lugar aonde vem à luz do Zequinha vem à luz do Pedrinho, ou seja, do Evangelho do amor de meu filho Jesus Cristo”.

Após a leitura, pausada e ritmada desse pequeno trecho, o velho Caboclo fechou-o e disse:

– Essa página traz o trecho mais importante do meu livro, e também de minha pouca iluminação. Espero que vocês todos possam estudar com cuidado essas pequenas e valiosas linhas, a fim de enriquecer suas almas com a mais significativa de todas as lições, o amor.

– Diga-se de passagem, conhecimento técnico é importante, sem dúvida, agora o amor e a compreensão são as bases lineares de qualquer erudito. Jesus disse, do que adianta salvar o mundo todo e não salvar a si mesmo. Eis aí a devida importância do primeiro capítulo!

– Eu tive a oportunidade de escutar essas iluminadas palavras antes do início de minha ascendência, em uma das milhares peregrinações do espírito por meio da meditação. Elas vieram da alma e dos pensamentos do Mestre Jesus Cristo, quando, por breves instantes, nos ligamos pelo amor. E, justamente, comoveram-me tanto que fiz delas o início daquilo que entregaria o meu coração. Uma obra de amor.

– Por fim, irmãos tutores e professores, não fiquem decepcionados. A vocês deixo esse livro como um presente a vossa acolhedora colônia na biblioteca central. Sei o quanto se esforçam na direção de guiar nossos pequenos passarinhos nos caminhos do bem. Portanto, que a luz de Deus abençoe a vocês todos, transformando o caminho de trevas e escuridão, em cristais refletores das estrelas luminosas da caridade e devoção celestial.

*A verdade é alguma coisa.*

*Sagrada, bela e infinita...*

*Só o amor sabe dizê-la*

*Conforme deve ser dita.*

Ditado pelo Espírito

Casimiro Cunha



## 41º CAPÍTULO

### LÁGRIMAS DE AGRADECIMENTO

Os presentes, tanto os adultos tutores, quanto os jovens aprendizes, ficaram extasiados. Percebia-se que alguns dos que estavam em pé derramavam lágrimas de satisfação e alegria. Myriel não entendia como aquelas curtas linhas deixaram aqueles senhores de luz daquela maneira. Talvez fosse a presença do velho professor, ou talvez tenha sido o ambiente escuro e o sabor do aprendizado. Mas uma coisa estava certa em sua mente, sempre que se é possível ver um grande espírito dizendo e atuando de forma tão pura e sábia o nome de Jesus, o Mestre, é algo que enche os olhos de lágrimas.

Assim, minutos depois, os convidados foram convocados a se retirar. Myriel saiu acompanhado pelo Caboclo Tupinambá, que após breve silêncio, decidiu ter uma última e pequena conversa sobre os sentidos daquelas poucas gotas de luz. Andando ao lado direito de Myriel, com a voz baixa e emotiva, o Caboclo Tupinambá disse:

- Filho, sabe o motivo de serem tão importantes as lições de hoje?
- Acredito que sim, Pai – respondeu Myriel com um ar de incerteza e dúvida. É porque devemos respeitar todos os cultos religiosos, utilizando da sensibilidade de que os bons espíritos sempre auxiliam os necessitados, não importando quais deles nós frequentemos, pois todos seguem a lei de amor de Jesus? É isso mesmo?
- Isso mesmo, Myriel! Em qualquer lugar onde os seres estejam falando em amor nós enviaremos boas energias e auxiliaremos os necessitados. Local, nome e qualidade têm pouca relevância. Mas temos ainda outro ponto importante. Você deve ter notado, não pode haver diferenças entre os trabalhadores da seara espiritual. Todos nós tiramos nossas forças e aprendizados do mesmo Evangelho de Jesus. Sem exceção!
- Ora, junto de poucos anos na Terra, Jesus deixou tantos ensinamentos, possibilitando resolver e compreender quase todos os vossos problemas e vícios morais por meio do estudo do evangelho, criado a partir de sua vida. Agora imagine o nosso evangelho, completo, extenso, impregnado de incontáveis marés de sabedorias, morais, doutrinas, experiências e exemplos.
- Agora, no entanto, fixemos o mais valoroso e curioso. Quem disse essas

palavras? O grande Pai! Deus? Jesus? Poucos seres possuem algo de tanto valor, meu filho. Prosas vindas do coração do Mestre Jesus. Não podemos mensurar quantas horas de trabalho, ou merecimentos, para poder sentir tais palavras, alcançando sua alma em oração e meditação. Por isso, esse culto irmão afirmou ser a página mais importante de seu livro e entregou a todos nós. Sejam felizes por isso. Ele não estava desvalorizando suas técnicas, mas, sim, demonstrando ser o amor a maior oferenda a Deus.

– Viu como algumas lágrimas de nossos irmãos são justas?

– Por fim, devemos partir e agradecer a Deus por esse maravilhoso dia! Filho querido, eu peço que valorize a religião que o acolheu nos momentos de necessidade, ensinando-lhe os mandamentos de Jesus Cristo, tal como a oração, o amor, o trabalho edificador, a caridade e a humildade, até os dias de hoje. Porém, acima de tudo, pontificando o amadurecimento dos valores morais, visando torná-lo uma pessoa melhor.

– Não existem palavras suficientes para descrever e agradecer as oportunidades recebidas. A você foi aberta uma porta magnífica da mediunidade; todavia, ela não serve a exclusivo proveito, mas principalmente aos outros. Àquele que muito recebe, em muito será pedido e cobrado. Cumpra sempre o seu dever de forma ativa e grata, pois se você soubesse o quanto é gratificante cada gota de suor, e quantos aprendizados ela nos fornece, nós nunca praguejariamos contra o quer que seja, e despenderíamos nosso tempo integral ao divino labor edificador.

– Uma última coisa, trabalhe incessantemente em prol da caridade; e, no dia que não possuir mais nenhuma dívida com quem quer que seja, e não necessitar mais de auxílios espirituais, eu lhe prometo, não haverá mais cobranças de nenhum dos mundos existentes. Até lá, devemos manter sempre o trabalho efetivo e eficaz, e não se esqueça do principal, de sorrir. Um excelente descanso. Paz em Cristo!

Ao término dessas palavras, a escuridão prevaleceu e o transporte findou-se.

*Faze o bem, cerrando os olhos...*

*Ajuda sem ver a quem.*

*Se enxergas o mal do mundo,*

*O mundo não vê teu bem.*

Ditado pelo Espírito  
Casimiro Cunha

## CONCLUSÃO

Queridos irmãos, é com grande pesar, mas chegou o momento de nos despedirmos. Este livro foi criado com a humilde intenção de transmitir a todos vocês as mais variadas experiências e ensinamentos, morais e espirituais, percorridos no primeiro ano de desenvolvimento espiritual de Myriel Parvulus. Considero tais exemplos como gotas vivas de luzes, as quais vivenciadas por meio do auxílio constante das iluminadas correntes de guias e mentores espirituais. A propósito, sendo, exclusivamente, nas formas de parábolas e histórias dentro de transportes involuntários, ou, utilizando de um termo mais técnico, o deslocamento do espírito da matéria física para o plano espiritual.

Ainda assim, sejamos francos, esses educadores ao assistirem o jovem Myriel na superação das múltiplas imperfeições de sua alma, por meio de suas lições de luzes, ajudaram-no, nem que seja um pouco, a se tornar um médium melhor e um melhor ser humano. Quero dizer, o crescimento de uma pessoa não se mede apenas pelas lições que experimenta, mas, sim, pelo quanto elas penetram dentro da alma. E bem sabemos a existência de diversas camadas a serem sobrepujadas, até que o seu toque nos transforme intimamente. Aliás, será que não é esse o efeito que a sucessão de reencarnações almeja nos trazer?

Espero, sinceramente, que essa narrativa tenha acrescentado algo de bom na caminhada espiritual e moral dos que apresentaram bom ânimo ao ler essas poucas páginas, e puderam absorver, por intermédio dos erros e acertos de Myriel, as inúmeras lições despendidas por esses devotos professores. E depois, a religião de Umbanda é bastante fértil em informações, conhecimentos, mistérios, diversidades e amor, e só temos que, a fim de abarcar uma completa assimilação, desenvolver as nossas habilidades de ver, compreender e entender.

Por isso afirmamos, a missão sempre será, independentemente do lugar, da idade, da cor ou da religião, a de nos tornarmos o melhor que pudermos durante o pouco tempo que nos é fornecido. Fora que, ainda faz-se inevitável, amarmos o nosso próximo como a nós mesmos, e a Deus, com todo o nosso coração, com toda nossa alma e com todo o nosso espírito, pois essa é a primeira e mais difícil lição a se aprender. Em outras palavras, devemos extinguir o verme destruidor das relações pessoais, o Orgulho!

E depois, em tudo que nós fazemos está envolvido o amor. Não há, em nenhuma das moradas existentes, lugar que não abranja essa palavra e esse

sentimento. Pois bem, a única barreira divisória é o quanto cada um de nós consegue amar. O nosso nível de amor nos separa em mundos, casas, falanges, linhas, planetas, orbes, universos, classes, castas, grupos, níveis e condições. Dependendo do nível de aceitação, entendimento e compreensão do amor nos tornamos mais ou menos puros.

No tocante a esta obra não foi diferente. O dedicado Caboclo Tupinambá, por mais que seu aprendiz errasse, não deixou de trazer seus métodos de amar, envolvendo-o dentro de rígidos ensinamentos morais, indicando-o o valor da disciplina, do respeito, do entendimento, da compreensão, do trabalho e do bem comum. Não duvidemos nunca, essas ferramentas são essenciais para iniciar o caminho do amor.

Em razão disso, nas preleções anteriores, eles nos desvelam a “ignorância”, a “ vaidade” e o “egoísmo” como os maiores inimigos desse tão puro sentimento. Portanto, ao combater os vícios destrutivos que infectam o nosso coração, alimentamos a única fonte celeste de vida de nossas almas, afastando os pesados grilhões estampados ferozmente em nossas visões, deixando-nos cegos.

Além de tudo, ilustro não ser somente por mim a reprodução desses relatos espirituais, e, sim, mirando o bem maior, e na direção das futuras gerações. Ajudando os outros, ajudamos também a nós mesmos. Ensinando aos que sabem menos e aprendendo com os que sabem mais, consolidamos os nossos próprios conhecimentos. Por certo, amando, que se é amado. É o infinito ciclo da vida!

Por fim, ainda mantém-se para os próximos livros a continuidade dessa imensa jornada, a qual, o jovem Myriel Parvulus tomou em seus braços como indispensável missão pessoal. Um sonho que tem certeza valer a pena lutar com todas as suas forças. Porquanto, a vitória é tão só para aqueles que empenham todo o seu coração em nobre causa.

Que a força dos Caboclos nos abençoe e ilumine hoje e para todo o sempre!

*Que a tua vontade, enfim,  
Pronta a prever e prover  
Seja em tudo e em toda a vida  
A minha Razão de Ser.*

Ditado pelo espírito  
Casimiro Cunha

## PREFÁCIO

Prefaciар uma obra não é uma tarefa fácil, contudo, não poderia declinar um pedido feito pelo autor desta, pelo qual tenho grande admiração, amor e respeito e com quem venho caminhando por grande parte da minha vida. Tenho tranquilidade para falar da pessoa do escritor e do projeto elaborado por ele, que é fruto de incansáveis horas de dedicação.

Acompanhei a jornada de escrita desta obra desde as primeiras sementes até o projeto final com que vocês, leitores, terão a oportunidade de se deliciar a partir de agora. O ato de escrever um livro normalmente manifesta a vontade do escritor de deixar sua marca no mundo, mas, aqui, esse é um ato de amor, caridade, devoção e respeito aos mentores espirituais.

O Paulo é uma das pessoas mais apaixonadas, regradas e dedicadas aos conselhos e lições de seus mentores espirituais que conheço. Está sempre em busca de conhecimentos sobre a umbanda e sobre o espiritismo de modo geral, seja escutando outros estudiosos, seja lendo obras espíritas, seja tendo vivências mediúnicas – que, como o próprio nome já diz, “únicas” –, seja cumprindo as missões designadas por seus mentores espirituais, por mais árduas e cansativas que se revelem.

Boa parte dos nossos princípios religiosos vieram da crença de nossos pais, que acreditavam ser importante ter fé, valores éticos e morais e respeito aos nossos pares, independente da religião de cada um. Sempre pregavam que, enquanto não tivéssemos nossa própria liberdade, nossa maioridade, nossas ideias formadas, iríamos seguir a religião que eles praticassem, no caso, a umbanda.

A expressão da mediunidade deste autor se dá por meio dos sonhos, e o começo dessa manifestação ocorreu muito antes do desenvolvimento mediúnico, quando ele ainda pouco andava.

O Paulo desde muito cedo dormia em quase todas as sessões espíritas que frequentava em sua infância. Não temos registros dos sonhos que ele tinha, mas, estranhamente, dormia com o soar dos atabaques e acordava com o último toque dado.

Ao alcançar a idade adulta, decidiu conhecer um pouco mais e trilhar os passos da religião, inspirando-se nos grandes mestres que lhe estenderam as

mãos, dentre eles o Caboclo Tupinambá e o Pai Tomé.

Este livro trata das vivências mediúnicas, dos transportes involuntários do autor que, quando dorme, deixa o plano físico e adentra um mundo espiritual guiado por seus mentores e por outros mentores designados por esses. São interações extracorpóreas que têm o intuito de nos mostrar um pouco mais da grandeza espiritual, do funcionamento do plano espiritual e de seus valores implícitos e explícitos, da reflexão sobre nossa necessidade constante de aprendizado.

Cada capítulo desta obra é um convite à reflexão sobre nossos próprios valores, um sopro de ar fresco, um novo aprendizado, uma nova oportunidade de conhecermos um pouco mais dos mistérios que o mundo espiritual nos reserva.

Este livro pode nos ajudar a lembrar, particularmente, a importância de nossos sonhos. Sonhos esses, em sentido amplo, de realizações, de correr atrás de nossos projetos, de dedicarmos tempo ao que acreditamos de coração. Além disso, apresenta a possibilidade de nos remeter à força, à energia e aos ensinamentos que nossos mentores espirituais nos transmitem a cada dia dessa longa jornada.

Kamilla Fernanda Bardella